

Nivio Ramos Sales



**A MAGIA DOS
ENCANTADOS**

NIVIO RAMOS SALES

A MAGIA DOS ENCANTADOS

**São Gonçalo-RJ
2016**

ÍNDICE

O Feiticeiro e seu destino
O Sacrifício
Viver e morrer amando
Um Anjo Surfista
O Encontro com Dona Janaina
O Besouro do amor
O Mestre e seu sossego
O Forró na Vila
O Encontro na
Ninguém pode mais do que Deus
Na volta para o sítio
A Cidade Grande
O Santo de casa faz milagre
Não há poder maior
O Novo Iniciado
O Espírito, elo entre a natureza e o destino
A renovação da vida

APRESENTAÇÃO

A MAGIA DOS ENCANTADOS é o meu mais novo trabalho e está alicerçado em conhecimentos adquiridos na Pajelança, ritual de origem ameríndia bastante difundida no norte brasileiro; o Toré, ritual desenvolvido por índios da região do nordeste; o Catimbó, ritual com influência dos costumes dos caboclos nordestinos, mas guardando em sua estrutura ameríndia, os ensinamentos dos Mestres do além, chamados de Encantados. Finalmente, a Jurema, que é um ritual também de origem cabocla, executado em uma mesa ou lugar onde permanecem sentados. Esse ritual agregou em sua forma de proceder a valores de origem africana além do catolicismo.

A Jurema, é a denominação popular de uma árvore bastante comum no nordeste brasileiro, contendo conotações do sagrado pelos caboclos. Ela é Jurema branca, quando suas flores são brancas, e serve para o bem; por outro lado, temos a Jurema preta quando suas flores são de uma tonalidade mais escura, e é tida para a magia do mal.

Entre tantas histórias de vida dos Mestres Catimbozeiros, desenvolvi este trabalho me centrando em algumas figuras dos Mestres famosos como Zé Pelintra, sem, contudo me fixar em local, data ou momento. É atemporal. O herói é o caboclo que vive no sertão brasileiro rezando e curando.

Neste livro, incorporei muitas lembranças vividas e aprendidas no decorrer da minha

trajetória como praticante dos cultos de origem afro-brasileiros, modificando os fatos e recriando as estórias que li e ouvi como por exemplo, “ O Anjo Surfista”, “Viver e morrer amando, “Forró na Vila.”

Ao escrever este livro, vivi intensamente, dediquei-me profundamente a dar vida ao herói caboclo carismático que sempre fez parte de meu imaginário.

Eu sou um pouco de tudo: Caboclo, nordestino, mago, feiticheiro, mestre, curador, rezador, que sonha em ser um Encantado, buscando o conhecimento para salvar os meus semelhantes.

BOA LEITURA!

1.0 FEITICEIRO E SEU DESTINO_____

Três dias e três noites seu corpo permaneceu sob a proteção da árvore da jurema; estirado sobre suas raízes. Nenhum vivente se atrevia aproximar-se. Os galhos, as folhas, as flores brancas, vigiavam, dia e noite, o corpo inerte, sem vida, enquanto seu espírito vagava pelos mundos dos saberes iniciando uma nova etapa de viver orientado pelos Mestres do mundo invisível.

No Mundo Encantado da Selva, aprendeu os segredos das folhas, os remédios para a cura, os feitiços para a morte; chás, pós, banhos, cataplasmas, beberagem e tudo aquilo que pudesse ajudar o ser humano; das raízes saíram muitos ensinamentos e com as flores aprendeu a distinguir o aroma de cada uma e sua energia; das sementes, vieram os ensinamentos dos pós da vida e da morte, os chás que curam e que matam; dessa forma, todo tesouro do Mundo da Selva lhe foi ministrado para dar alegria, tristeza e morte. Tudo foi devidamente registrado, anotado e guardada na memória.

Ao fim do primeiro dia, partiu para o Mundo das Águas, onde diferentemente do mundo da Selva os ensinamentos lhe foram aplicados à noite, isso porque os mestres das águas viviam num mundo de sombras, guiados pelos raios da lua. Os Encantados das águas sempre tentam prender suas vítimas, e ele não seria exceção. Todos tentavam cada vez mais levá-lo para o fundo

das águas. Solícitos buscavam a escuridão para obrigá-lo a ficar com eles. Todavia, não deixavam de ensinar os fundamentos do Mundo das águas doces, seus segredos, encantos e magias. As armadilhas surgiam a todo o momento, porém, ele se esquivava delas com maestria e elegância. Se fora malandro em vida...

Os botos, a iara, as ninfas dos lagos foram inculcando ensinamentos daquele mundo tão poderoso que ora parecia tranqüilo, sem perigo, mas rapidamente mudava sua aparência. Os espíritos que de lá não conseguiram sair buscam agradá-lo oferecendo vários tipos de alimentos, o que eram rejeitados prontamente porque sabia ele que não deveria aceitar alimentos vindo dos habitantes daquele Mundo. Quem come comida de Encantados das águas jamais sai das águas, assim aprendera em vida. Aprendeu o canto da iara, os encantamentos dos botos, as danças das ninfas, as orações dos afogados.

Voltou ao amanhecer do segundo dia quando percebeu a luz do sol irradiando o mundo dos homens. Sentiu-se forte e poderoso com muita vontade de voltar a terra para ser útil a todos que necessitassem. Porém, ainda não chegara o momento, faltava, ainda, aprender com o povo do Mundo do Fogo e do Ar.

Alguém penalizado com aquele corpo ali sem luz ou reza, acendeu uma vela, e daquela vela brotou uma pequena chama que o convidou a entrar em seu mundo. Várias chamas o cercaram e sem rebeldia entrou na volúpia das chamas. Tão bela, todavia tão destrutiva. Cores vivas, sons estridentes, cantos de guerra, gritos de socorro. O mestre, Senhor do Mundo do Fogo, tentou seduzi-lo para transformá-lo em cinzas, mostrando que nada tem valor no mundo dos homens; violentas labaredas cercavam-no porém não conseguiam atingi-lo porque seu espírito estava cheio de poder do povo das águas. Assim, o Mestre ígneo nada pode fazer passando a ministrar seus saberes, poderes, além das armadilhas e fascínio que exerciam sobre os humanos.

Aprendeu a distinguir, as vibrações e tonalidades dos sons e das cores; lidou com o furor, a alegria, a calma e a zombaria daquele povo, que num simples descuido do homem, o destruía; aprendeu como atrair os seres mortais para a destruição com seu encantamento irresistível, sutil e mágico.

Com a cumplicidade do povo dos ares, o fogo tanto pode aumentar como diminuir até à extinção. E ele estava ficando asfiziado num redemoinho criado pelas chamas vivas dançando em sua volta. O dia estava findando, precisava sair daquele mundo, sentindo-se flutuar nas labaredas crepitantes.

Parecia que o povo dos ares o chamava e aproveitando uma espessa fumaça que se formava para o alto, desapareceu se introduzindo na sua negritude, surgindo na claridade da noite do segundo dia.

Passeando entre as nuvens, vagando pelo mundo infinito, foi observando e conhecendo aos poucos, a complexidade do universo, e, quanto mais se enfronhava naquele mundo mais percebia a grande diversidade que a natureza apresentava. Não era só o bailado das nuvens ou a conversa dos ventos, mas as diversas formas de meteoros, cometas, estrelas, buracos negros e planetas. – Quem seria seu Mestre naquele mundo? – indagava apreensivo. Repentinamente, percebeu uma intensa claridade que vinha em sua direção, ficou inebriado com tanta luz e beleza da linda estrela que lhe sorria. E sorria com seu olhar de gueixa o deixando extasiado; não resistiu afinal mulher sempre foi o seu fraco, além do jogo e da bebida. – Mas como fazer para se comunicar com tanta beleza? – A luz se fazia mais intensa à proporção que um som suave chegava mansamente fazendo a adrenalina aumentar, enquanto sua libido dava vazão a seus desejos, com o calor dos lábios de sua Mestra, Estrela Guia aquela que faria a sua felicidade no

mundo dos sonhos. Não teve dúvida, adentrou-se naquela espessa luz e se perdeu nos braços de sua Estrela. Entre o desejo e o delírio, ela lhe ensinou os segredos daquela imensidão de mundo, pronto a tragar qualquer ser, sem dó e piedade. Os mistérios do universo ele teria na palma de suas mãos. Apaixonou-se perdidamente por sua Mestra e sentiu que ficaria eternamente no seu colo, ávido de amor, aprendendo a magia e os mistérios do mundo encantado estelar.. Perdera a noção do tempo e talvez não voltasse mais, pressentindo o perigo que corria e o desatino que estava cometendo tentou ponderar com sua Mestra-Estrela que já era hora de partir. Precisava voltar para seu corpo que jazia inerte debaixo da árvore da jurema; caso contrário ficaria vagando pelos mundos, perdido, sem poder encontrar seu corpo. Já era noite do terceiro dia.

Na manhã do quarto dia, aquele corpo que jazia estirado sob a sombra da árvore sagrada dos índios e caboclos, a Jurema, teve um estremecimento, a lividez foi perdendo lugar para um tom mais róseo. Os olhos foram, lentamente, se abrindo. O sol infiltrava seus raios nas folhas da jurema e uma leve brisa as balançava deixando o homem vestido de terno branco, todo amarrotado e sujo, coberto de pétalas brancas das flores da árvore que o acolhia.

Sentado, olhou em volta, esfregou os olhos, certificando que estava vivo. Sentia fome. Moreno, alto, esguio, mãos grandes e magras, lábios carnudos e avermelhados em uma boca bem delineada. Na cabeça, bem desenvolvida, cabelos curtos; os pés que sustentavam aquele corpo eram grandes, com pernas compridas e magras, assim como os braços. O estômago reclamava. – Tenho fome, minha protetora! Bem que a senhora devia ser uma mangueira – olhando para cima da copa da árvore. Repentinamente, o tronco da jurema com seus galhos e suas folhas transformaram-se em uma imensa mangueira. Mangas rosa, maduras, polpudas, balouçavam-se como a se oferecer para matar sua fome, que vendo aquela transformação, estalava a língua de prazer, e então com as mãos em forma de concha: - Oh minha deusa, tende piedade de mim, seu filho, deixe que seu fruto venha saciar minha fome.

A manga rosa mais formosa que havia naquela árvore se ofereceu para ser imolada e assim participar da vida daquele Espírito, agora um Encantado da terra que adquirira força e poder dos Encantados do Além, iniciou um bailado, ajudada pela força do vento, desceu delicadamente se desprendendo de seu galho se aninhando na concha trêmulo das mãos do homem que a desejava.,

Ele beijou-a, pediu perdão e com os lábios lhe fez um carinho, ela estremeceu de prazer, ofereceu-se inteira, abriu seu corpo e o leite de suas carnes saciou a sede e a fome de seu amado que a saboreou como se desfrutasse do amor de uma mulher. Satisfeito, fez uma oração de agradecimento e partiu.

Tornou-se famoso por onde andava, era um mestre curador, de muita ciência e saber. Muitos foram seus discípulos, mas apenas um seria o escolhido, como ele o fora. Como prova de sua iniciação surgiu em sua frente uma protuberância em forma de semente; no seu braço esquerdo, formava-se uma tatuagem de uma sereia; no direito, uma estrela, e, em seu peito, bem no centro, um desenho que mais parecia uma fogueira em chamas. Os sinais, ora sumiam, ora apareciam, dependendo do estado em que se encontrava o Mestre e suas necessidades espirituais.

2. SACRIFÍCIO

O Mestre viajava se preparando para fazer um grande trabalho. Seria uma mesa de cura, na casa de um fazendeiro que havia levado várias chifradas de um boi e estava muito mal. Consultou a todos os seus Mestres Espirituais, do ar, da água, da floresta e finalmente o Mestre do Fogo. Em uma clareira, surgiu uma pequena chama que queimava um arbusto e rapidamente transformou-se em labaredas crescentes que crepitavam e sibilavam. Sem medo aguardou a presença do Mestre do Fogo que surgiu numa imensa labareda à sua frente: - Você vai curar o homem, mas em troca eu quero uma recompensa.

Assim falou uma voz rouca misturada com o crepitar das labaredas. O Mestre aquiesceu com um meneio de cabeça. Não devia falar com o grande Mestre do Fogo, assim pensou. A grande labareda cercando-o falou: - Quero um bode preto de chifres grandes! - Concordou e foi embora sem olhar para trás, sabendo que encontraria o tal bode depois de curar o fazendeiro, porque o tal bode existia e estava em alguma parte do mundo esperando por ele.

Com o fazendeiro todo furado, deitado à sua frente, pediu que todos saíssem e começaram a cantar e tocar o seu maracá, enquanto rodeava o corpo do homem que estava de partida para o outro lado. A cada passo que dava, uma chama surgia e assim no final, havia um círculo de fogo se estreitando, se fechando em torno daquela figura esquelética, que nada percebia. Todo o corpo sumiu envolto por um redemoinho de fumaça que exalava um cheiro de podre. O Mestre continuava cantando e esperando a fumaça se dissipar para então entrar com a reza forte de cura e fechamento do corpo.

Lentamente, o corpo foi surgindo, começando pela cabeça e em seguida descendo até os dedos dos pés. Nada parecia mostrar que aquele homem fora esburacado pelos chifres de um touro. E então o Mestre começou a rezar e usar todos os seus instrumentos para a cura final.

O Mestre chamou uma mulher que trazia um prato fundo com uma sopa de ervas que o homem bebeu com sofreguidão, logo após, vendo-se curado, tomou as mãos do catimbozeiro, beijando-as em sinal de agradecimento.

Daquele dia em diante, o Mestre passou a procurar o bode. Andou, andou e não se cansava de procurá-lo, até que uma tarde esperou a noite aparecer e indagou sobre um bode preto. Foi então que seus olhos avistaram um pouco distante dali um pequeno cabrito, de tão negro que sumia na escuridão da noite, mas seus olhos, duas bolas de fogo, fitavam o Mestre, e, sua cauda balançava freneticamente, mostrando o contentamento daquele encontro. O Mestre riu, acenou chamando-o. Em fração de segundos o cabritinho preto estava ao seu lado, berrando e dando cambalhotas de alegria. Seguiram em direção ao círculo de poder da magia, batizou-o e passou a chamá-lo de Zé Pretinho. O tempo se encarregou de transformar aquele cabrito em um belo bode de chifres imensos, com pelos negros como a escuridão dos tempos. E o iniciado na magia dos Encantados, esperava o sinal para entregar o pedido do Mestre do Fogo.

Zé Pretinho tinha quizila com a cor branca. Quando via alguém vestindo de branco partia furioso em direção ao pobre coitado que se via em apuros pedindo socorro. O bode baixava a cabeça e partia para cima da vítima, bufando, com as narinas saindo fumaça, escavando o chão com as patas. Era um Deus-nos-acuda. Inútil rezar ou suplicar. Apenas o Mestre tinha o poder de acalmá-lo, e o fazia com muita paciência e um sorriso nos lábios. Outro problema, era mulher com mênstruo, Zé Pretinho levantava o focinho, esbugalhava os olhos injetados de fogo, dava urros, fazia um barulho com os beiços que mais pareciam som de castanholas, com o pênis eriçado perseguindo a presa. O Mestre já lhe dera varias cabritas que

procriavam, mas aquele hábito era de sua natureza, e quando se excedia, o ameaçava com seu cajado sagrado.

O homem-de-conhecimento, sempre conversava com Zé Pretinho lhe explicando as coisas desse mundo, os costumes, às regras, as leis, chamando sua atenção para determinados atos que ele não deveria fazer, e o bode impassível olhava o Mestre com certo respeito e obediência, porém, muita curiosidade. Apesar de tudo havia algo muito forte naquele animal além de seu instinto; algo que o obrigava a agir de forma não habitual para aquela espécie. E quando era admoestado por suas ações, tinha gana de enfiar os cornos no traseiro dele, e, este percebendo a intenção do dito cujo jamais lhe dava as costas. Aconteceu, que numa daquelas manifestações, o Mestre ameaçou-o furioso, com o dedo em riste no seu focinho, o que deixou o bode surpreso, olhando-o, e seu corpo foi se enrijecendo, pronto para atacar, porém, no momento em que o Mestre ameaçou ir embora, sentiu um forte cheiro de enxofre com couro queimando, virou-se para o bode e percebeu um rolo de fumaça azul envolvendo-o, saindo de sua testa, além de uma espuma avermelhada que lhe saía à boca. Imediatamente, pôs o dedo indicador e o médio no peito, local do sinal da salamandra e gritou: - Pára! Se não quiser vagar pelo mundo. Não seja atrevido ou você não vai para seu dono. – Pretinho arriou o corpo, dobrou os joelhos, estirou-se todo na terra, fingiu dormir... Foi assim que O Mestre sentiu que estava chegando o momento de entregar o que prometera.

Zé Pretinho nem sempre era assim, tinha fases de verdadeiro palhaço, divertindo a todos e até brincava com as crianças, deixando-as montá-lo, fazendo pirueta, pulando cerca e vigiando tudo. Nem sempre era mal humorado, contanto que ninguém aparecesse vestindo branco ou mulher não tivesse naqueles dias... Com o verão o sol estava queimando tudo, as árvores sofriam com a sua fúria que surgia sem ninguém perceber. O Mestre ficou alerta, deitado em sua rede, fumando o seu cigarro de ervas, meditando chegou a conclusão que o momento de entregar o bode para o verdadeiro dono, vindo pela fumaça, que era chegada a ocasião de fazer a entrega e o Mestre do Fogo o esperava. A noite chegou preto como breu, cheirando a mato queimado, saiu para o terreiro com o cigarro no canto da boca, puxando grandes baforadas, buscando divisar vultos naquela escuridão. Não precisou esperar muito, porque ouviu uma voz que lhe dizia: - Na próxima lua cheia quero o meu presente. E arrematou: - Faz uma fogueira, traz muita comida e bebida-apontando-naquela clareira eu chego com meu povo. O mestre perguntou como ele entregaria o presente; e a resposta foi um crepitar de labaredas em sinal de gargalhadas. – Você verá! E a lua cheia apareceu no céu com todo o seu fulgor, deixando o Mestre ansioso, pois havia preparado tudo, inclusive o bode. Partiu para a clareira e antes da meia-noite preparou a mesa com todo o material solicitado. Zé Pretinho tudo observava como a o trabalho. O catimbozeiro fez o círculo de poder e o bode ficou no centro. Começou as invocações e os cantos em torno do círculo, notando, aos poucos, que surgiam formas, de homens e mulheres que iam dançando dentro do círculo: dançarinas, músicos com seus instrumentos musicais criando sons num ritmo alucinante, enquanto os alimentos desapareciam, o bode impávido, observava como esperando o seu momento.

Aquela fogueira cresceu, tornou-se imensa labareda, trazendo consigo um cheiro de enxofre com pólvora, deixando todo espaço coberto com a fumaça. O caboclo Catimbozeiro, afastado, apenas esperava entregar o presente e ir embora. A fumaça se desfez e no lugar do bode estava um homem com cabeça de bode, completamente nu. A gargalhada daquela criatura o fez estremecer alertando do perigo que poderia correr, todavia, olhava a fila que se formava, todas aquelas figuras de forma humana beijavam o pênis ereto do Mestre das Trevas. Não esperou, a cena era repugnante deixando o Mestre atordoado além do que havia cumprido seu dever, foi se

afastando sem olhar para trás, dirigindo-se às águas, desapareceu.

Os anos se sucederam, as árvores cresceram, a caatinga se renovou com as águas que desceram do céu, o ar ficou mais puro, e, um dia, um jovem caboclo, curador, fumador de cigarro de taquari, que se assemelhava com o antigo catimbozeiro apareceu no sítio e passou a viver como o próprio dono. Tomou posse. Em pouco tempo, o povo soube que ele estava de volta, embora, mais jovem.

3.VIVER E MORRER AMANDO

A notícia se espalhou e ninguém questionava o seu sumiço; ele era homem de ciência muito respeitado pelo povo e sua magia poderia levá-lo para onde ele quisesse. Na região do Cariri o povo, de um modo geral, acreditava que os Encantados tinham muitos poderes.

O Mestre continuou, ora sumindo, ora aparecendo e havia sempre alguém precisando de sua ajuda. Em uma de suas viagens foi avisado que teria de visitar a terra dos mortos, e ele nunca discutia as decisões de seus superiores. Assim que entrou na cidade dos mortos, cemitério, numa tarde, já começou ouvindo súplicas, rogos e gritos. Porém, naquele lugar o silêncio era profundo para os seres humanos comuns. Aos poucos ouviu se aproximar sons de passos cadenciados que viam em direções contrárias na via principal do cemitério, para em seguida, vislumbrar um jovem que corria por entre os túmulos gritando o nome de uma mulher. O Mestre esqueceu o som dos passos que iriam se encontrar, com certeza, em algum momento na alameda, passou a seguir um jovem pálido, cabelos negros lisos, vestindo um terno negro, com o rosto pintado que ora aparecia, ora sumia, entre os jazigos. Um pouco distante vislumbrou uma jovem branca, magra, rosto lívido e lindo, como uma madona. Ela se escondia, não querendo ser vista, assim, na medida em que o rapaz se aproximava gritando, implorando, rogando; ela corria para mais longe, houve um momento que ambos se encontraram e ela, destemperada, passou a xingá-lo, dizendo que o odiava, pois ela estava morta e o rapaz fora o culpado porque estava bêbado quando dirigia, na hora do acidente. Ele tentava agarrar seus braços e ela tentava fugir. – Eu não sabia, também morri! nós dois estamos mortos, você acha que era isso que eu sonhava para nós dois. Eu te amo, tanto na vida como na morte e por toda a eternidade. Ela começou a soluçar, ambos choravam enquanto os dois cortejos iam se aproximando, abraçaram-se, deitaram em uma lápide e fizeram amor...

Naquele momento houve a fusão dos dois cortejos e todos choravam aquelas mortes na plenitude da vida.

O Mestre, observando aquelas cenas que aconteciam em planos diferentes da realidade, aprendeu porque ele vivia nos diversos mundos que estão em sua volta. A vida não se acaba quando o corpo não mais responde às emoções, apenas entra em um outro momento, que é o da transformação, não uma transformação estática, mas dinâmica, seguindo uma cadeia em espiral. O espírito passa por sucessivas etapas, transformando-se gradualmente, até o momento que alcança o pícaro do conhecimento, não mais reencarnando, permanecendo memória viva do sagrado. O tempo não existe, o espaço não existe. O espírito enquanto espírito são tempo e espaço.

Vagando entre as alamedas, o Mestre vai elaborando o seu modelo do ato de morrer e viver. As construções dos mortos eram bem distintas, demonstrando a divisão de classe no mundo da matéria. Algumas são cuidadas, com vasos de flores frescas, outras, abandonadas; ao lado de um mausoléu revestido de mármore, encontra-se uma cova rasa, e muitas estão sem nome. Os corpos que se fundiram, não perceberam a presença do Mestre, que silenciosamente se afastou procurando a procissão, para não perturbar aquelas almas que ainda não haviam compreendido o sentido da morte tentando reviver o sentido da vida.

Quando os membros que participavam daquela caminhada dolorosa, foram se aproximando, eis que surge a jovem, parou ao lado do Mestre e o olhou fixamente: - Estou indo, nada mais a fazer. – Enquanto isso, o jovem gritava: Não fuja meu amor! Não vá meu amor, fiquemos aqui, nós dois. – A jovem dirigiu para um dos esquifes e desapareceu. O jovem em desabalada carreira passou rente o Mestre e se dissolveu naquela multidão. A procissão fúnebre, cadenciada, lentos movimentos, virou a esquina em direção ao traçado do destino e o Catimbozeiro apressou o passo para sair dali. Duas almas, que, teriam muito para aprender, o que não lhes fora permitido quanto matéria. Os jovens não acreditam que a juventude é apenas uma etapa da viagem que a natureza programou. A morte não faz parte dos planos dos jovens e por isso vivem intensamente.

O Mestre entendeu que assim era a existência humana e ele teve sua experiência, mas como fora escolhido, continuaria vagando pelo mundo, sempre se renovando, sempre cumprido o que lhe foi exigido. O poder mágico, como poder sagrado gera mais cobrança do que o poder profano.

Ao sair daquele mundo, pensou em visitar o mundo das Ondinas para poder limpar os miasmas que levava consigo, daquela experiência. Sentia uma necessidade urgente de falar com sua madrinha sereia Janaína, ouvir seu canto, aceitar seu denço e dormir em seu colo. Partiu em direção do mar.

4. UM ANJO SURFISTA

O sol banhava o mar que banhava os surfistas navegando em suas ondas. A praia estava vazia na parte que buscara para não ser notado nas suas práticas mágicas. Ele percebera que as águas salgadas aparentavam certa dose de tranqüilidade para aqueles que não as conheciam, e

por isso ficou atento porque estava com suas energias debilitadas, devido o que se passara no cemitério, sentido se algo acontecesse, a morte não o deixaria intervir, e ele nada poderia fazer. Precisaria de ajuda. Naquele momento ouviu nitidamente uma voz que pedia socorro, e instintivamente olhou para uma imagem que se formava em sua mente; vendo um jovem que se debatia sendo levado pela correnteza marinha. Eram os afogados que buscavam levar mais um para sua legião, rezando para as águas pararem, apressou o passo, percebendo que em sua volta não havia ninguém para ajudá-lo naquela situação. Ergueu as mãos para o alto e suplicou: - Virgem mãe, rainha poderosa, socorre aquela criatura porque não é o seu momento de partir! - Ao se aproximar da praia deparou-se com um jovem sentado, absorto, olhando para as ondas com uma prancha de surfe debaixo do braço. Era loiro, magro e de estatura mediana, vestindo um short estampado. – Rapaz, socorre aquele garoto que está se afogando. – Sem olhar para trás, o jovem levantou-se se dirigindo ao local em que o outro rapaz se debatia, porque a correnteza parara de puxá-lo, e tranqüilamente, entrou na água, nadou um pouco e jogou a prancha, sem pronunciar uma só palavra, puxou-a e, o jovem que se debatia, segurando-a avidamente foi sendo levado para a areia. O corpo estendido arfava, e de sua boca saia filetes de água salgada, foi se recuperando, enquanto o Mestre, silenciosamente rezava sua oração de viver. Ninguém se deu conta da presença do surfista e quando o procuraram, já não se encontrava. O Mestre olhou em direção do mar e divisou um alo de luz brilhante entre as ondas.

O Catimbozeiro esperou o rapaz se restabelecer e lentamente, se dirigiu para as águas, cantando sua canção de adormecer as águas, e na sétima onda que veio beijar seus pés, ele mergulhou, desaparecendo por um longo tempo para finalmente voltar alegre e sorridente, aquele mundo encantado, trazendo consigo uma estrela viva.

5. O ENCONTRO COM DONA JANAINA

Já estava anoitecendo. A lua clareava o mar transformando-o num manto recamando de brilhantes. O Mestre, deitado na areia, tendo ao lado sua estrela, dormiu profundamente e parecia que nada perturbaria seu repouso. A noite estava partindo quando ele acordou com a sensação de ouvir uma voz feminina, muito melodiosa, encantadora, chamando-o. Sentado ficou observando

ao longo um ponto de luz cintilante balouçando entre as ondas que se tornavam um desenho de um cavalo. E aquela luz foi se aproximando com sua melodia encantada e encantadora. A magia daquele momento o deixou completamente dominado e extasiado. O cavalo marinho foi se aproximando, carregando aquela luz estonteante que cantava como nenhuma diva deste mundo. Então o Mestre, como um hipnotizado, encaminhou-se para direção da luz. Uma linda sereia lhe abria os braços. Ele sabia se concordasse não mais voltaria. Janaina se aproximou e lhe ofereceu comida, mas ele agradeceu, embora sentisse fome.

Não sabia o que dizer diante de tanta beleza e sedução. Então falou: - Oh minha mãe e bela senhora, vós que sois a dona do Mundo das Ondinas, eu quero vos agradecer por salvar aquela criatura. – Então a sereia olhou-o com um sorriso que quase o fez desfalecer, empunhando um manto de espuma, cobriu-o deixando-o extasiado. Partiu, até torna-se um ponto de luz em alto mar.

O Mestre desabou sobre as espumas na beira mar, cantando um linho – canto - de louvor e reiterando o seu amor por sua amada Sereia Janaina.

O sol chegou e encontrou o Mestre sentado entre as espumas e sentindo fome. Aquele banquete lhe deixou um buraco no estômago, mas não podia comer. – É melhor comer areia! - assim pensou. Porém, uma voz ao seu lado disse: - Nada disso! – Era a estrela do mar que o acompanhava e ele a havia esquecido. – Veja! Ali vem um peixe espada para lhe alimentar, pode comer, não é para lhe levar é para lhe salvar e assegurar uma vida longa. - O peixe espada trazido pelas ondas foi beijar os pés do Mestre que agradeceu emocionado, o presente mandado por sua protetora.

O sol já estava no alto enviando seus raios fulgurantes, e, pessoas já começavam a circular naquela praia. O Mestre partiu levando consigo sua nova companheira, a estrela do mar.

6. O BESOURO DO AMOR

O Mestre, em casa, acomodou a estrela do mar em um pote com água, acendeu um cigarro de taquari, sentou-se sob o pé da jurema e ficou a espera que alguém aparecesse. Uma senhora gorda lhe trouxe um cesto de palha com frutas, verduras e legumes.

Envolvido pela fumaça do cigarro, divisou um jovem a cavalo que se aproximava indagando por seu paradeiro. Seus feitos subiam e desciam serra, e em cada lugar que chegava

deixava um rastro de estórias. A magia envolvia a vida daquela gente já que a ciência era algo estranho para ela. Então, o Mestre adormeceu sob o pé da jurema enquanto o jovem se aproximava, e ao acordar o dia nascia, as galinhas ciscavam, os cachorros latiam e horas depois, o rapaz em seu cavalo se aproximou da porteira, atravessou-a e no alpendre da casa bateu palmas: - Ô de casa! – O silêncio lá dentro era sepulcral. O jovem repetiu o gesto com certa timidez: - Ô de casa! - Sem perceber que o Mestre se achava atrás de si acariciando o animal. Todavia, ao ouvir a voz do Mestre deu um salto para o lado, assustado, fazendo o catimbozeiro sorrir.

- Ô de dentro! O que deseja o amigo que vem na paz do Senhor. Vamos entrar não fique tão assustado. – O rapaz o acompanhou, sentou-se em um tamborete, aceitou um copo de água e em seguida, rodando o chapéu de palha sobre as mãos começou a narrar o problema. O Mestre ouviu em silêncio e assim que o jovem terminou prometeu ajudá-lo, afirmando que em breve estaria no local indicado. O rapaz, belo mancebo de porte elegante, partiu.

Na madrugada a casa do Mestre estava vazia e no dia seguinte ele já se encontrava nas terras da Fazenda do Coronel, patrão do rapaz. Eram imensas terras, muito gado pastando e gente trabalhando. A casa do Coronel tinha o símbolo da sua grandeza, e chegando foi recebido por uma jovem enquanto os empregados curiosos observavam-no fazendo comentários sobre suas curas. Todos sabiam qual seria a missão do Mestre. Este entrou, sentou-se na varanda e lhe foi oferecido todo tipo de suco de frutas, comidas variadas, café, leite e doces. Aceitou apenas o suco. A seguir pediu para ver o Coronel, sendo encaminhado por um cortejo.

A filha do coronel tinha iniciativa para tudo, além de uma beleza cor de carambola, assim pensava o Mestre. Linda e decidida. Ia à frente secundada pelas empregadas.

Quarto amplo e arejado com janelas mostrando o horizonte da Fazenda. O asseio e a suntuosidade faziam parte daquele lugar, com muitas cortinas brancas de renda. Em uma cama de casal jazia o Coronel com os olhos fechados, pijama listrado, rosto de cerâmica, corpo esquelético, e impaciência demonstrada nos vincos da testa branca. O Mestre percebendo que o homem aceitava a sua presença para agradar a filha, nada falou e solicitou que todos se retirassem, deixando presente apenas a filha e o jovem que chegou assim que foi avisado. Tirou do bernal seu cachimbo, marca-mestra, assim chamado nos rituais da Pajelança, colocou ervas secas misturadas, acendeu e começou a puxar a fumaça; em seguida pegou o maracá, instrumento feito com cabaça contendo semente dentro, que fazia um barulho ao ser sacudido, e produzindo sons cadenciados, rodopiou em volta da cama por várias vezes, até que o Coronel abriu os olhos e disse com a voz fraca: - Ta cá peste, que eu não tenho sossego! Justino, meu filho, vem cá, me mande esse fedorento embora que eu quero ficar sozinho. - Justino era o jovem que fora buscar o Mestre, Fez um gesto de calma para o Mestre e se dirigiu ao Coronel: - O senhor não acha que já ta melhor? Quantos dias ninguém ouve um pio da boca do senhor. Olha sua filha chorando. –O coronel respondeu: - Não é que é mesmo! Continua meu senhor, desculpa meu disparate... - O Mestre pediu para o casal de jovem sair. Ficaram os dois, o coronel e o Mestre, que o olhava de forma interrogativa e o que deixou o coronel desejando fechar os olhos. Então, o Mestre falou: - Coronel, eu só posso lhe curar se o senhor quiser. - O coronel retrucou: - Mas quem lhe disse que eu quero ser curado? Oxente, que coisa mais sem pé nem cabeça. – O Mestre: - Vai morrer levando consigo esse besouro que está acabando com o coração do senhor. E o pior! É um besouro mulher. - O coronel deu um salto sentando na cama. – Eu só posso tirar ele se o senhor concordar, abrir seu coração e despejar para fora esse mal que consome o senhor. O coronel estava atordoado como se tivesse levado uma pancada na cabeça: - Mas que conversa é essa nego, eu te arranco os bagos e dou pros meus cachorros. - O Mestre levantou-se

calmamente, começou arrumar o seu bernal: - Acho que não tenho mais nada a fazer, coronel. Passe bem! –

- Calma homem! Vou pensar. - O Mestre deu uns passos e ficou parado, olhando fixamente para o Coronel. Este permanecia calado olhando para o teto, meditando em tudo que lhe fora dito – Será que o homem viu tudo? Se viu, sabe, se sabe não adianta mais ficar com lero-lero. - Assim ia pensando. Olhou para o Mestre e sem vacilar disse: - Vou confessar! - O Mestre retrucou: - Eu não sou padre e não vejo nenhum pecado no senhor só o que tem a fazer é olhar para dentro de si e tentar me ajudar a expulsar o besouro que toma conta de seu coração. - O coronel deitou-se e de olhos fechados começou a lembrar aquilo que lhe doía o coração, enquanto o Mestre voltava para seu trabalho de acordar as forças ocultas que destruíam aquele homem.

Naquele final de semana, eu fui à cidade e depois de resolver os problemas nos negócios fui tomar uns goles de cachaça, mas ao sair do bar um moleque de uns sete anos me abordou e pediu comida. Olhei para o bichinho assustado, perguntei seu nome o que ele respondeu gaguejando, - Ju... Ju... Justino! – Não pensei duas vezes. Era o moleque que não tive. – Quer ir comigo pra Fazenda? - Ele, deu um sorriso:- Vou sim, Coronel. – Então, lá você come e vai ter uma vida decente. Monte. – O moleque rapidamente agarrou-se nos arreios se ajeitou na garupa do cavalo, e avisei pra todo mundo ouvir se aparecesse alguém atrás dele que fosse buscá-lo na Fazenda.

A viagem toda foi tagarelando, contando sua vida de pobreza e miséria, sem pai e nem mãe, e eu pensava que ganhara um filho que sempre desejei, embora tivesse uma menina que acabou de nascer, me deixou viúvo. Nunca mais casei e vivia pra minha filha e a Fazenda. E aquele moleque ia aprender a cuidar de tudo. Aprendeu rápido. Estudava pela manhã e a tarde saía comigo a cavalo para conhecer os peões e as terras, além do gado e tudo mais. Tornou-se minha sombra e cão fiel de minha filha, que logo foi pro colégio interno. Queria ser veterinária para cuidar do que seria seu. Ficava triste quando ela ia embora das férias, mas logo estava alegre e pau pra toda obra. Tornou-se forte, bonito e elegante, mas não arranjava namorada, dizendo que eu, a menina e a Fazenda éramos a sua namorada. Assim que surgiram penugens na cara levei na casa das putas e lá ele provou que era macho, e sempre que íamos a cidade ele tirava o atraso. Sempre ao meu lado, dizendo que eu era o deus dele, que morreria por mim e pela menina. Toda vez que ele me abraçava eu fica eriçado, tentando me livrar daquele carinho, mas com o tempo fui gostando, qué que tinha? - Eu o tinha como filho. E com o tempo sentia falta de seus carinhos e tentava de tudo para tê-los. Ficava triste se eu ficava triste, chorava se eu adoecia, não arredava os pés de perto de mim. – Será se eu tivesse um filho de sangue seria assim? Mas eu gostava. Não quis estudar para não me deixar sozinho dizendo que veio para ser meu cabra de confiança, e assim era.

A menina tornou-se moça, formou-se, era doutora e voltou para casa, feliz e pronta para nos ajudar. Tudo tava na santa paz do Senhor. E os dois pareciam mais unidos e eu comecei a ter ciúmes, mas pensava: - Besta que sou, pra ela partido melhor não tinha! – Deixa homem! Eles vão se entender e vão me dá netos! Mas que peste, eu to com ciúmes de quem? – E ali começou a minha dúvida. Como um cabra macho poderia gostar de outro homem! Coisa do Cão dos Infernos! – Passei a fugir da presença dele, evitar seus chamegos e tornei-me rude como tratava meus peões. Ele percebeu, mas nada comentou. Eu não mais o chamava de Jus, era senhor Justino, e percebia a tristeza estampada nos seus olhos. Dava dó, mas eu sou macho!

Naquele domingo minha menina resolveu dá um almoço, bucho de bode e carne de novilho. Vieram as amigas e seus convidados ficaram à vontade, espalhados por toda casa até a

hora do almoço. Rega bofe de fartura. Todos sentaram e eu como sempre fiz, fiquei na cabeceira da mesa, com Justino ocupando a outra; minha menina sentou-se ao seu lado, com o almoço transcorrendo na mais perfeita normalidade até que ela resolveu pedir a palavra. Ah! foi uma facada no peito!

- Painho eu quero pedir a mão de Justino em casamento. - Me engasguei, tossi, bebi água e falei, enquanto todos riam com aquela cena inusitada, menos Justino que não me fitava. – Que besteira é essa minha filha, quem já se viu a mulher pedir a mão do homem pra casar! – Ela retrucou: - Ele é seu filho, mas ultimamente o senhor anda amuado com ele e... Bom, painho, o que eu quero dizer é que eu vou casar com Justino, pronto. Dá a sua benção ou não? Houve uma pequena pausa e tudo ficou silencioso. – É no que dá mulher estudar, fica atrevida! Claro que vocês podem casar.

Ouve uma gritaria e tilintar de copos e eu olhava para o moleque que parecia mais aliviado embora timidamente me olhasse com o ar indagador. De ímpeto, me levantei e sai me dirigindo ao açude, meu lugar preferido quando alguma coisa me perturbava e eu buscava uma solução, só que dessa vez era uma resposta radical. Apanhei vários seixos e chegando passei a jogar na água observando os pulos que cada um dava até afundar, e fui me encaminhando para o fundo do açude. Pensando que tinha perdido os meus bens mais preciosos não resisti a tanta tristeza. Repentinamente, a voz do moleque ecoou: - Pai não faça isso! - saltou do cavalo entrou no açude, esbaforido, com a voz embargada, falou: - Desde o dia que eu montei na garupa de seu cavalo, eu pensei que o senhor era o deus que veio pra mudar minha vida. – Me agarrou pelos ombros, me abraçando e chorando disse: - Nada nessa vida é mais importante para mim do que o senhor e sua filha, mas se não quiser eu não caso, contanto que o senhor continue vivendo e gostando de mim. – Senti um calafrio em todo corpo, comecei a sentir febre, apertei-o em meus braços e disse: - Deixe de choro moleque, homem não chora. - - Ele passou a rir e beijar meu rosto o que inesperadamente, eu fiz o mesmo. Ficamos nos abraçando e acarinhando como duas crianças, finalmente ele disse: - Vamos pra casa, vou na garupa como seu moleque. – Assenti. Justino colocou seus braços compridos em meus ombros e foi me levando enquanto sentia aqueles braços fortes me apertando, e achei que estava perdido porque não sabia que tipo de amor sentia por ele, só sabia que o amava.

Cheguei em casa, subi para meu quarto, tomei banho, vesti o pijama mais novo que tinha e me deitei para esquecer aquele dia, daí veio um febrão, uma prostração. Os dias se foram e Justino não arredava o pé da cabeceira da cama, me velando e pedindo para eu não morrer. Ele era um bezerro desmamado, não parava de chorar enquanto me velava. A menina ficava pouco porque cuidava dos afazeres e percebia que o noivo não arredaria dali. Como vou viver assim, como essa dúvida atroz, amo o meu filho ou amo o homem?

Ao formular esse último pensamento, um soco em seu peito foi desferido e ele sentiu falta de ar para em seguida tossir e vomitar. O Mestre já estava com um lenço esperando as golfadas de vômitos, e naquele momento um besouro azul foi expelido ficando envolto no lenço que com destreza o Mestre o envolveu. Quando passou o susto e a dor, o Coronel vociferou: - Bexiguento! Filho do Cão Coxo! Você quis me matar! – Lentamente, o Mestre foi abrindo o lenço e mostrou o besouro azul que ainda se debatia. O Coronel não queria acreditar, ora olhando para o besouro, ora olhando para o Mestre, boquiaberto, tentava articular sons mas sua voz saía de forma titubeante. Com os gritos do Coronel, Justino e sua filha entraram assustados e se depararam com ele sentado na cama mostrando no rosto a cor vermelha que havia sumido naqueles dias. O Mestre mandou trazer uma canja bem forte, afirmando que o Coronel sentiria fome. Justino segurou as mãos de seu protetor e perguntou se ele estava melhor, o que de pronto,

ele respondeu: - To com uma fome arretada! – Justino deu uma gargalhada e seus olhos brilhavam como de uma criança que acabara de ganhar um presente. – Jus, meu filho, me leva pra tomar um banho, to fedendo à gambá. – Quando o Coronel voltou banho tomado, roupa nova, cabelo cortado e barba feita, olhou para todos os lados e exclamou; - Uééé... o homem escafedeu-se!

Em casa, o Mestre deitou-se na rede ficou meditando a condição do ser humano enquanto soltava as baforadas do cigarro de taquari. A mulher velha gorda e com a pele crestada pelo sol do sertão, avisou através de gestos que a comida estava na mesa. Era muda.

Mal chegava e logo surgiam os necessitados e doentes em busca de cura para seus males, sendo que muitas vezes se deslocava para atender na vizinhança. Ganhara o poder e teria que usá-lo para ajudar a todos. Em uma manhã quando estava saindo e se espreguiçando viu, distante um homem montado em um cavalo puxando uma vaca. Era Justino. Chegara, apeou, pediu a benção beijando a mão do Mestre e sem muito rodeio falou: - Vim a mando do Coronel lhe trazer este presente para o senhor tomar leite toda manhã. Não se apoquente nunca mais lhe faltará uma vaquinha para o senhor beber leite. - O mestre agradecido com a lembrança: - E o Coronel, como ta? – Justino estampou um sorriso: - Graças as suas forças e de Deus, hoje ele tá bem. É outro homem. – O Catimbozeiro convidou Justino a entrar, tomar um cafezinho, prosearam por muito tempo e quando partiu pediu para o mestre não faltar ao casamento. A figura do jovem foi sumindo na estrada e o Mestre sentiu que precisava viajar. Ouvia voz de mulher aflita, chorando e implorando a Deus por misericórdia. O mestre apanhou seu bornal e apressou o passo...

7. O ESTUPRO DE UM ANJO

O Mestre chegou naquela tapera, bateu palma: Ô de casa! – Uma voz chorosa de mulher respondeu baixinho: - Ô de fora! – Abriu a porta e ficou parada olhando para o Mestre, que lhe pediu um copo d'água. – Entra, mas não olhe a minha pobreza. – Sumiu rapidamente e voltou com um caneco feito de lata de embalagem de um produto qualquer. – Ta fresquinha, tirei a pouco da cacimba. Senta! – O Mestre foi sentando: - Se não vou atrapalhar... – De jeito nenhum! Eu ando aperreada com minha filha doente. - Eu sei! – retrucou o Mestre. – Ah, então o senhor é um daqueles que diz saber tudo e leva dinheiro da gente, deixando minha cabritinha morrendo? – Não, minha senhora, eu sou apenas um pobre homem que tenho sede, mas sinto sua dor. – Ah! moço. É que eu já não sei mais nada. Mas vou lhe contar o acontecido. - Meu homem, que é o pai da criança que ta em cima da cama, desgraçou-a enquanto eu trabalhava no arrozal, nas ilhas, e ela ficou grávida e quando descobri minha vida acabou. O mundo foi a serventia do cachorro miserável, que escapuliu para nunca mais dá notícia. Como o senhor vê, eu fiquei desesperada e achei que o melhor era tirar o feto enquanto não era gente, Deus que me perdoe! Fiz muita mezinha, mas nada adiantou, Até que um dia apareceu pro essas bandas um curador dizendo que ia deixar minha filha novinha e limpinha. Acreditei! Arrumei o dinheiro que ele pediu, e assim foi feito. Foi uma desgraça só... Meu Deus pra que eu fiz isso! A minha bezerrinha nem se dava conta e só sabia que tinha uma doença que fazia ela sentir enjô e que aquele homem ia tirar o que tava na barriga dela. É verdade, tirou, mas ficou oca por dentro e se viver – bateu com os nós dos dedos na madeira – nunca me dará neto. Casar, nem pensar! Ah meu Deus, aquela coisinha de carne estremecendo toda, ali, nesse chão, e eu chorando, minha filhinha gritando até desmaiar. Tudo foi despachado enrolado na palha da bananeira, enterrado aonde eu não vi.

Minha filha estava desmaiada e ele deu mais um negócio para ela tomar, dizendo que

ela dormiria e quando acordasse não se lembraria de nada. Até agora o sangue não parou de escorrer, ela de gemer, e eu não sei mais o que fazer vendo minha filha morrer. O curador não apareceu, levou meu dinheiro e a saúde de minha menina, enquanto eu aqui desesperada, peço perdão a Deus pelos meus pecados, mas salve meu anjo que sofre muito. – Silêncio - É isso, meu senhor, a minha dor, a dor de uma mãe pecadora. -

O Mestre sentiu dó daquela pobre mulher, levantou-se, falou: - Ela não vai morrer porque Deus ouviu suas preces e lhe perdoou. - Assim falando saiu, deixando a mulher surpresa: - Volto Já! Espere. Embrenhou-se no mato e minutos depois apareceu com folhas de plantas diferentes, - Deixe vê a menina. – Entrou e deparou-se com uma criança se esvaindo em sangue, gemendo e queimando de febre, rapidamente, fez um emplastro com as folhas e um unguento que sempre trazia, colocando diretamente na vagina da criança. Em seguida fez uma compressa do sumo de outras folhas e colocou na testa. - Ela vai ficar boa – afirmou. E deu início a pajelança, até o sol se esconder e a noite chegar. O sangue estancara, a febre baixara e a garota respirava com menos dificuldade. O Mestre ensinou tudo o que a mulher deveria fazer a partir daquela hora até sua filha sarar completamente, avisando que era muito importante os preceitos, senão podia gangrenar. Arrumou seu bernal e preparou-se para partir, mas, antes tomou um café fresquinho preparado naquele instante. A mulher olhando-o, fitando-o de cima a baixo, como quem querendo gravar na memória a imagem do Mestre disse: - Pois é, tão preocupada comigo que esqueci de perguntar o vosso nome. – Bom, não se preocupe, o nome a gente arranja. – Então arranje um pra mim. – Zé... Zé Ninguém! – Partiu pela estrada e sumiu na poeira. Enquanto isso a mulher chorava e agradecia a Deus por ainda haver gente boa naquele mundo.

8. O MESTRE E O SEU SOSSEGO

Saindo dali, o mestre ficou pensativo com a situação daquela menina, novinha e já destruída, por um pai irresponsável e sem caráter. Com tanta mulher no mundo, pois fora mexer com uma criança e justamente sua filha...

Pensando, lembrou-se que estava entrando na cidade de seus tempos de mulherengo, jogador e cachaceiro. – Será que ela ainda se lembra de mim? – Oh morena gostosa, meu senhor.! - Vou indo ligeiro, pois me deu vontade de vê o meu xodó.

Na porta da casa, que havia se tornado uma pousada, bateu palma. E o xodó do Mestre, apareceu, madura, cheia de carne, muita fartura, ele pensava. - Valei-me meu padim Çiço, o meu homem apareceu! – E sem perda de tempo agarrou-o puxando para dentro, chorando, alisava o rosto do homem que outrora fora seu grande amor. – Entra homem, precisa tomar banho enquanto preparo a mesa para você. – O Mestre, pacientemente deixou-se levar enquanto matutava que nada perdera ao tirar aquela mulher da vida fácil e botando aquela casa para ela. Nem parecia tanto tempo, ela continuava gostando dele enquanto ele andava por esse mundão vivendo missão, sem mulher para amar, sem cachaça para beber e baralho para jogar. Tomou banho, vestiu um pijama que ela lhe dera, comeu e depois resolveu tirar um cochilo na cama da sua Maria do Céu. Assim se chamava a sua amasia, que não lhe deu descanso a tarde toda. A pousada ficara por conta da empregada de confiança. Maria do Céu sabia que ele não era mais

aquele garanhão e ela a puta que deixava os homens enrabichados; sabia que algo divino acontecera ao seu amor que foi dado como morto debaixo da árvore da Jurema, e de repente seu corpo sumiu e sua ausência deixara um grande vazio em sua vida. Nada perguntou e nada queria saber, bastava sua presença, ali, de carne e osso. Muitas estórias se contavam, mas se ele é santo, na cama é um touro. Estava feliz. Sabia que a qualquer momento desapareceria e ela ficaria esperando até que a morte viesse buscá-la. Homem, para ela, só existia um, e, agora estava com ela. Dormiram abraçados depois da sede saciada.

Os dias foram seguindo o curso do tempo e Maria do Céu se desdobrava para que seu homem se sentisse feliz, todavia já percebia a ansiedade batendo no seu coração. Descobriram que ele se achava com ela e começou a romaria, mas ela dizia que ele estava doente. Naquele dia, percebendo a impaciência de seu homem, disse: - Zé, eu sei que você ainda me ama, mas também sei que tem uma missão a cumprir porque foi escolhido pelos Mestres do Além, então seja o que for que lhe incomoda, faça. – Ele respondeu: -, À noitinha, vou andar pelo mundo de meu povo, os Encantados do fundo do rio; sei que alguém desta cidade vai precisar de minha ajuda. – Já sei, é o prefeito! Tudo o que se passa nesta cidade eu sei, Zé. Quem nasce, quem morre, quem casa, quem deu e não casou, quem rouba, e por aí vai... O filho dele já teve aqui. Eu não gosto dele, mas se for assim, que assim seja.

Madrugada, a lua prateava todo rio tornando-o um manto brilhante e macio. O Mestre partiu, entrou nas águas tranquilas. Maria do Céu não dormiu naquela noite. Viu o amado entrar no rio, desaparecendo. Toda noite ficava na janela que dava para o rio, rezando e esperando. Para ela era uma agonia que não tinha fim.

Em uma noite, de longa espera, Maria do Céu, percebeu um vulto branco que saía do rio e seu coração pulou de felicidade. Correu, abriu a porta e esperou. Zé Ninguém parecia não ter arredado os pés daquela casa, entrou com as mãos carregadas de ervas, barro, algas e peixes, além de uma pedra que brilhava como fogo. Tomou café com cuscuz e em seguida os dois foram descansar, porque ambos sabiam que logo ele tinha o que fazer e assim que tudo acabasse ia embora. Ela, Maria do Céu, esperaria porque o destino de andar pelo mundo curando as pessoas era dele e ela não podia atrapalhar sua missão; ficaram juntinhos e dormiram porque ambos nas noites anteriores não sabiam o que era sono. O sol apareceu, uma voz ecoou dentro da Pousada e em poucos minutos o Mestre era solicitado por um jovem que ali se achava muito nervoso, e assim que viu o curador sentiu a certeza que aquele homem curaria seu pai.

O prefeito se encontrava sentado em uma cadeira de balanço, bem acomodado, mas com uma expressão cadavérica. A vida dele estava indo embora levada pelo câncer e os doutores nada puderam fazer para curá-lo. Estava desenganado pela medicina. Na presença do Mestre olhou-o com desdém e como já estava desacreditado não esperava que aquele caboclo pudesse curá-lo. Mas para não contrariar a fé do filho e das estórias que corriam a respeito da figura presente, foi receptivo. O Mestre mandou arrumar uma mesa, por que trabalharia na Mesa da Jurema. Tudo foi providenciado de acordo com seu pedido e em seguida todos saíram ficando somente ele, o prefeito e o filho. O Mestre, com muitos cantos e muitas rezas, abriu a Mesa, chamou os mestres curadores tendo resposta favorável, incorporando o seu Guia Mestre, iniciou o trabalho de cura com o material que trouxera do povo do rio.

Com tanta reza e cantoria o prefeito ficou nervoso, irritado e tentou parar, mas seu filho chamou sua atenção, pedindo paciência e esperar. O Curador preparou uma mistura de vinho tinto com um outro líquido e deu para o político tomar, que muito relutou... Bebeu e fumou do cachimbo do Mestre para em seguida perder a consciência. Então o trabalho transcorreu

tranqüilo. Com uma espinha de peixe abriu na parte que se achava afetada pelo câncer que mais parecia um polvo com suas garras estrangulando alguns órgãos do prefeito. Naquela hora o jovem filho do prefeito pensou que seu pai não voltaria mais. Sua fé começou a ceder e entrou em pânico. O Guia Mestre, tranqüilamente, retirou o carço, os tentáculos, fazendo uma limpeza na parte afetada do corpo do prefeito, para em seguida passar a pedra que trouxera do fundo do rio, queimando e secando o local, para no local colocar uma massa, recuperando as células mortas que pouco a pouco, foram criando vida. Ainda não tinha estrangulado o coração, do contrário o prefeito não estaria vivo, pensava, adicionando um pó preparado com as algas que trouxera do rio. Muita fumaça de seu cachimbo foi espalhada dentro do corpo do edil.

Voltou à mesa e olhou na bacia de louça branca com água, onde se formavam desenhos que só ele sabia interpretar. O Guia Mestre preparou um emplastro que colocou no buraco fechando-o, foi defumando com seu cachimbo grande, proferindo palavras mágicas, cantando linhos de cura, até que o dia sumiu, dando lugar a noite. A sala estava impregnada de um aroma analgésico, doce e volátil. O jovem não arredara o pé da sala e verificou que o pai respirava, ficando aliviado e com um sorriso nos lábios.

O Prefeito fora levado para cama depois que não havia indícios de sangue, trocaram sua roupa e o deixaram dormir por três dias e três noites. Tomava líquido por um canudo da folha da mamona, se alimentava com papa especialmente preparada pelo curador, cuidando da vida do homem que o olhara com desdém. Após os três dias trocara o emplastro notando que o corte cicatrizava. O Mestre então falou: - Vai ficar bom! Ainda não é dessa vez. - O jovem beijou suas mãos enquanto as lágrimas corriam de seus olhos negros. – Você é o enfermeiro, senta e escreva o que eu tenho a dizer. Cumpra direitinho se quiser seu pai vivo. – Assim dizendo, receitou e em seguida arrumou seu bernal e saiu. Estava amanhecendo.

Na rua, em frente a casa do Prefeito algumas pessoas aguardavam o desfecho do caso. Quando o jovem, filho do prefeito apareceu para agradecer e lhe entregar um envelope, o Mestre sumiu na esquina.

Maria do Céu foi envolvida por uma forte lufada de vento, seu corpo estremeceu, sentiu que uma mão lhe acariciava os seios e uma voz em seu ouvido murmurou: - Eu volto! – Um calor abrasador tomou conta de seu corpo e correu para tomar uma ducha de água fria, seguindo depois para o quarto onde acendeu uma vela em seu pequeno oratório, rezando para minorar seu sofrimento, as lembranças e o desejo de seu homem. – Cada um com seu destino! – Assim é a vida. – Afirmava num murmúrio. Zé Ninguém era um Encantado, murmurando: - Eu tenho o meu corpo fechado, foi meu amor que fechou com a chave do sacrário no altar do Senhor. - E assim os dias foram passando e Maria do Céu repetindo sua oração.

9. O FORRÓ NA VILA

O Mestre entrou numa pequena vila e se lembrou que tinha um conhecido vivendo por lá. Dirigiu-se a uma casa grande toda caiada e bateu palma. Era hora grande, hora do meio-dia; não havendo uma viva alma perambulando pelo povoado naquele momento e assim demoraram a responder. De dentro da casa saiu um caboclo forte, palitando os dentes e que zangado perguntou

quem era. Demorou a reconhecer o amigo dos tempos das farras, mulheres, cachaça e jogatina.

Sua boca ficou segurando o palito, os olhos esbugalhados, falou: - Só pode ser um fantasma, gente! Mas será o impossível! – Zé retrucou:- Deixa de besteira, homem, não é a mula sem cabeça, sou eu. – O amigo saiu para abrir o portão olhando desconfiado, - Mas vamos, entra Zé. Enquanto entravam o homem ia falando: - Mas você não tinha morrido? Primeiro eu soube que lhe mataram, depois surgiram umas estórias que você estava vivo e virou curador, aí eu pensei essa gente não tem o que fazer, meu amigo morreu, imagina curador! Só se for de cachaça marvada! - Como você vê, tô vivo e sou curador. – O homem ficou aturdido, olhando para o amigo com um ar de deboche: - Você, sempre aprontando para pegar as mulheres! – Silêncio. – Mas já almoçou amigo, acabei nesse instantinho e a comida ainda ta quente. - O Mestre apenas pediu o copo com água, afirmando que estava de passagem e como lembrou do amigo veio fazer uma visita pois fazia muito tempo que não se viam. Daí em diante o papo foi se esticando, o amigo contando as novidades desde sua suposta morte, inclusive resolveu botar casa, se amigar e ter filhos abriu uma vendinha e ia levando a vida em paz

O Mestre nada falou sobre sua vida, mas disse que andava pelo mundo sempre que alguém precisava, e assim dizendo foi se erguendo, quando o amigo pediu para ele ficar porque no dia seguinte haveria festa do padroeiro do lugar e estavam arrumando um forró para um arrasta pé, assim dizendo perguntou: - Não vai? Será que largou também? – Zé negou com a cabeça afirmando o seu prazer pela dança, só não bebia porque era do preceito. – Então ta em casa! Boto uma rede na sala, É meu convidado - O Mestre aceitou o convite e seguiu com o amigo para a sua vendinha. Sumiu, porem, dessa vez queria saber o que se passava naquela vila que o deixava preocupado, sentindo algo de muito grave estava para acontecer. Apareceu com o repicar dos sinos chamando os fiéis para a missa da manhã. A pracinha estava enfeitada com bandeirolas para a quermesse à noite, depois da procissão à tarde.

O amigo, a princípio ficou preocupado, mas percebendo como Zé mudara, não questionou e esperou que ele aparecesse. Ao vê-lo no dia seguinte convidou-o para o café da manhã e o Mestre notando o amigo muito agitado por causa do forró, alertou-o para não comparecer por lá, deixando o amigo com uma pulga atrás da orelha. Mas Zé nada disse, afirmando ser pressentimentos ruins que ele tinha porem se o amigo queria...

Não se falou mais no assunto indo cada um para seus afazeres, sendo que todo povoado já sabia da presença do Mestre que virou celebridade e sendo abordado por uns e outros com problemas diversos; assim sendo o Mestre resolveu atender nos fundos da tendinha do amigo dando consulta, rezando e receitando chás, banhos, compressas. Ainda bem que era dia do padroeiro da cidade, pensava o Mestre, grande parte dos moradores estava se dedicando aos festejos do santo padroeiro...

O barracão aonde seria o arrasta pés ficava afastado do centro da vila, no final da rua principal, sendo freqüentado, na sua maioria por forasteiros e pessoas simples da comunidade. O tocador com sua sanfona, já chegara e procurava afinar seu instrumento enquanto o dono do estabelecimento pendurava os candeeiros nos seus devidos lugares, cheios de querosene, arrumando as cadeiras e mesas, formando a pista de dança, improvisando um balcão para vender garrafas de bebidas estocadas em grandes tonéis de gelo. Era tudo muito simples como era a localidade; ninguém questionava a pobreza e nem o modo de vida do lugar, aproveitando aquele dia e noite para se divertir. O dia andou depressa e a noite se ofereceu para as brincadeiras: na praça, a quermesse, no cantão do fim da rua principal, o forró tinha sua vez; mulher de família, nem pensar em freqüentar, só rapariga, puta, mulher da vida, porem. os homens, qualquer um que gostasse da brincadeira ia para lá. As dez horas em ponto o

sanfoneiro começou a esticar a sanfona, o zabumba fazendo a marcação e o triângulo com seu som estridente completava a orquestra; enquanto isso o pessoal começava a ocupar as mesas, pedir bebida, chamando as mulheres para um gole e uma prosa. Assim que o álcool foi produzindo resultado, os homens puxavam as mulheres para a pista de dança e cada um mostrava os seus dotes de dançarino de forró: - “Pisa na fulo, pisa na fulo”, gemia a sanfona com o hit da atualidade sertaneja: -“pisa na fulo, não maltrate o meu amor”- A animação crescia, e o arrasta pé estava chegando ao auge com a poeira do chão batido subindo e as mentes cada vez mais embotadas pelo álcool, dormentes pela música, e o chamego com as mulheres. O Mestre entrou um pouco antes da meia-noite vasculhando com os olhos os quatro cantos do salão, os músicos que continuavam no “pisa na fulô”, o balcão, enfim tudo que o fizesse acreditar num indício de confusão naquele arrasta pé. Assim que os ponteiros dos relógios se cruzaram, vultos estranhos começaram a chamar sua atenção porque não pareciam pessoas comuns e as expressões faciais denotavam risos sarcásticos; porém quando tentava uma aproximação de um deles, todos sumiam deixando o Mestre com a certeza que algo estava prestes a acontecer naquele estabelecimento. Puxou o amigo pelo braço e disse que era melhor ir embora; a relutância do amigo o deixou exasperado e pensou: - Bem, seja o que a Providência quiser e assim eu não posso interferir. – Deixou o amigo em sua mesa com as mulheres e outros conhecidos e saiu em busca daquelas figuras nada agradáveis.

O sanfoneiro mudou a toada, deixando o pessoal mais assanhado no salão, “Seo Malaquias preparou..., a sanfona gemia: ... Ai, ai, ai, ai seo Malaquias, ai, ai ta ardendo pra danar; ai, ai, ai, se eu soubesse não comia, ai, ai, ai, ai seo Malaquias...” E ninguém ficava quieto com tanta animação; O Mestre Zé sentia-se angustiado com a previsão daquilo que aconteceria, sem poder interferir, sem poder defender as pessoas de bem que estavam brincando no salão. Quando, repentinamente um forasteiro partiu em direção de seu amigo, pensou: - Pronto! Vai começar a desgraça. – Correu para acalmar os ânimos, mas o homem puxou uma peixeira e desferiu um golpe no seu amigo, enquanto a gritaria se estabelecia. O sanfoneiro mudou o tom: - Oi nesse xote eu não vadeio mais, apagaram o candeeiro e derramaram o gás.. – Era como uma senha, os candeeiros foram explodindo e voando para todos os lados.

Apagando e derramando gás, fazendo-se escuridão naquele salão, as mulheres gritando, os homens numa luta corporal feriam qualquer um com suas armas cortantes, sendo que já começavam a aparecer fagulhas que iam se espalhando transformando-se em labaredas. Era mulher pisada na fuga, homens gemendo e corpos sangrando no local que em breve sumiria pelo fogo.

O Mestre pegou o corpo de seu amigo, que sangrava, levando-o para fora e tentando estancar o sangue que saía bem perto do coração. – Coração bate, corpo que vive, eu fecho; o sangue no horto, com a chave de Nosso Senhor Morto. – E assim, rezando, com uma bucha foi estancando o sangue e sentiu o coração lutando para viver, o que lentamente foi acontecendo. Levou o amigo para casa, o povo corria em direção da fumaça que crescia cada vez mais, enquanto outros presentes no local olhavam estarecidos, o fogo lambendo aquele lugar que eles diziam ser de perdição. Na casa do amigo começou o trabalho de pajelança enquanto a mulher chorava desesperada. Quando o sol apareceu o amigo respirava, o salão havia se transformado em cinza e focos de fumaça ainda teimavam aparecer. Total da tragédia: Muitos feridos, alguns mortos e os músicos desaparecidos...

Zé Ninguém ficou com o amigo até vê-lo restabelecido, mas ficou com seqüelas, já não andava normalmente, devido uma facada nos quadris. O amigo ficava se lastimando por não ouvir o homem que lhe salvara, porque era um homem de ciência, um Mestre se tornara, e ele

duvidou. Porém, agradecido, prometeu honrar o nome dele em qualquer parte que se encontrasse. O Mestre vendo que sua missão estava terminada se preparou para partir, mas havia algo que o deixava embasbacado e querendo descobrir quem era o sanfoneiro e seus auxiliares. Ninguém conhecia, apareceu por lá se oferecendo para tocar e cantar para eles. Então, Zé Ninguém, hoje um Mestre preparado pelos Encantados, Mestres do Além, pensou em tirar a limpo a estória, que mais parecia coisa do Demo.

Partiu sem alarde, durante a noite. Com a idéia na cabeça queria descobrir quem o enganara com tanta esperteza. – Ainda bem que consegui salvar meu amigo, já pensou! – Exclamava.

Precisava passar pelo amontoado de cinzas que ficara o salão, tentando encontrar alguma pista que o levasse à certeza. Nada encontrou, mesmo porque muitas pessoas andaram remexendo os escombros tentando encontrar objetos perdidos. Longe do povoado, às margens de um rio, o Mestre estava sentado, meditando os últimos acontecimentos quando ouviu um som irritante, ficou alerta. Uma gargalhada em tom de deboche se aproximava ao mesmo tempo abafada pelo som das águas do rio, que lhe dizia: - Você é meu filho, e seu poder é maior que o do povo das trevas! - Levantou-se, entrou nas águas e saiu com a certeza que tudo o que houve foi coisa do Cão Coxo e seus escravos. Voltou para casa e a noite lhe encontrou em uma encruzilhada deserta iluminada pelos raios da mãe Lua que lá de cima vigiava seus passos. Não sentia fome, nem cansaço, só sentia a decepção de não ter evitado a tragédia que se abateu sobre gente simples do povoado que só queria se divertir e ser feliz.

10. O ENCONTRO NA ENCRUZILHADA

O Mestre para chegar a sua casa teria que passar por uma encruzilhada, assim que foi divisando o local, percebeu, um vulto rondando aquele espaço, com uma garrafa, que levava à boca, sistematicamente, enquanto baforadas de um cigarro, soltavam faíscas cintilantes, iluminando o rosto desagradável de seu fumante. Aproximou-se, deu boa-noite. Um grunhido foi a resposta. Um silêncio breve que foi interrompido por outra gargalhada.

- Está muito feliz cumpade! – afirmou o Mestre.

- Não é de sua vida! – respondeu grosseiramente o homem.

- Você me conhece? – Indagou.

- Não, mas agora estou lhe conhecendo. – Respondeu o Mestre, calmamente.

- Bom, então diga logo o que quer. – disse o homem encarando e jogando fumaça do cigarro próximo ao rosto do Mestre.

- Onde tá a sanfona? - Uma nova gargalhada explodiu no ar. E o homem então disse: - Tava era bom aquele forró, ou não tava? Só sua cara destoava de tudo e quase atrapalhou a festa. Mestre demonstrando indignação: - Capeta dos Infernos, só podia ser você e sua corja! Sanfoneiro de uma égua! Como pode ser tão maligno!

- Disse tudo. Eu sou assim e mais alguma coisa. Vai querer me enfrentar? Arranco teu saco e dou pros meus cachorros. O Mestre: - Você não é maior que o Pai de todas as coisas.

Outra gargalhada. - Deixe de besteira, não existe isso aí, só eu sou real e verdadeiro, porque os homens são maus e eu faço parte deles, to neles e viverei com eles. -

- Assim como toca sanfona bem, fala bonito, Cão Coxo!

- Oia só! Vamos deixar de lenga-lenga. Eu queria aquele desgraçado de seu amigo, mas você ficou me devendo. Eu pego outra hora, então... chispa! -

- Tá certo! Eu vou pra casa, mas amanhã a noite estarei aqui lhe esperando pra pagar a dívida que tenho com você. - Foi se afastando sem olhar pra trás. Ouviu outra gargalhada, um estrondo, um cheiro de enxofre e pólvora no ar além da voz que dizia: - Ora pois, pois, sem falta, a meia noite.

Zé Ninguém antes de entrar em casa colocou um rosário com um crucifixo na porta. Sabia que o Cão era traiçoeiro. Começou os preparativos, que varou o dia. Não dormia, não comia, se preparando para vencer a batalha que teria com o Espírito das Trevas. Deitou na rede e começou a rezar a sua oração de fechar o corpo contra os inimigos da natureza, dizendo: - Ninguém vence Deus, nem a Cruz venceu; Ninguém vence Cristo, coberto com o manto sagrado de sua mãe Maria Santíssima; Ninguém vence o Divino Espírito Santo, porque são três em uma só pessoa. - Com uma chave começou a se encruzar: - Meu corpo está fechado com a chave do Santo Sacrário de Nosso Senhor Jesus Cristo, Sangue e Hóstia consagrados serão meus defensores. -

O sono profundo se apoderou do Mestre, acordando ao se aproximar a hora grande.

Na encruzilhada, o Mestre fez um círculo com pipoca feita na areia do rio, fincou o seu cajado no centro onde pendurou um galo preto e embaixo colocou uma garrafa de cachaça, um charuto e um prato de barro com farinha de mandioca passada no óleo de dendê. Carregava consigo um laço para laçar garrote, uma tarrafa de pescar, alho roxo, a cruz de Caravaca, uma oração dos enforcados e uma garrafa de água benta.

A meia noite esperou a chegada do sanfoneiro, o que não demorou. Chegou gargalhando, sambando e esfregando as mãos quando avistou a oferenda como paga por não ter conseguido beber o sangue do amigo do Catimbozeiro que apontou para o local e disse: - T'ai, como prometi, é tudo seu. - Sem perda de tempo, o músico, que viera para o banquete, devidamente vestido com elegância, invadiu o círculo, enquanto o cajado rodopiava, ele tentava agarrar o galo, quando o Mestre murmurou algo e o cajado transformou-se em uma bela mulher que delicadamente, oferecia a ave. O Espírito das trevas, com o frango nas mãos, olhando para a mulher a convidou para o repasto, sentando se no chão em frente ao prato de barro, e, em fração de segundos arrancou a cabeça da ave, sugando o sangue com avidez. O Mestre, imediatamente, lançou a corda de laçar prendendo no cajado, que voltou a ser uma estaca, enquanto o Dono da Encruzilhada sentiu a corda de amarrar boi lhe laçando, vociferava, tentando se soltar, sem largar o galo preto. Em seguida, jogou a tarrafa que o cobriu, e quanto mais ele pulava mais se enrolava e o cajado apertava.

Soltando urros, transformando-se em um cão negro que tentava cortar as amarras, dando ensejo para o Mestre jogar a água benta, sobre seu corpo, fazendo o animal latir com desespero;

logo em seguida, o molho de alho roxo, a cruz, recitou a prece dos enforcados, lançando o papel onde a prece estava escrita em cima do material. O cão desapareceu, porém o vulto se debatia furiosamente. O Mestre iniciou um canto acompanhado de seu maracá, em volta do círculo, enquanto o sanfoneiro ia se transformando em vários animais para finalmente surgir em uma cobra gigante, buscando furar o bloqueio e pegar o Mestre. Neste momento, o filho dos Encantados, clamou por São Jorge Guerreiro provocando um clarão em forma de uma lança que caiu sobre a cobra provocando um estrondo tão violento que mais parecia um trovão. Uma fumaça negra levou tudo: O músico e seu banquete. A fumaça se dissipou com a água que vinha do alto, enquanto o Mestre, enfraquecido com a luta renhida que sustentou com o sanfoneiro, se jogou na terra sentido que era levado na garupa do cavalo branco do Santo Guerreiro para o colo de sua linda estrela Dalva.

O cajado transformou-se em um cachorro que passou a lambar o rosto de seu dono, carinhosamente, até acordá-lo.

Os dias se passaram e ninguém ouvia mais falar no Mestre. Até que veio o casamento da filha do coronel e como prometera, compareceu sorridente e feliz, enquanto os presentes cochichavam entre dentes, a sua aparição. O Coronel e os nubentes ficaram felizes e juntamente com os padrinhos, o Mestre foi convidado a estar ao lado deles.

No Mundo das Trevas, ficou o sanfoneiro que perdeu o poder de perturbar ou brincar com os viventes.

11. NINGUÉM PODE MAIS QUE DEUS

Durante quarenta anos os cultos de origem indígenas foram proibidos na caatinga, seus membros perseguidos e presos, por influência da Igreja Católica, que tentou, sem sucesso, destruí-los. Mas, durante esse tempo, os caboclos foram incorporando valores do cristianismo e do africano, para poder sobreviver. Pajelança, Catimbó, Tóré.

Mesa da Jurema, após a perseguição conseguiram manter seus símbolos, seus cantos e suas rezas, com um mínimo de pureza, principalmente, o Toré, ritual das tribos cariri, tradição dos índios e seus familiares, remanescentes, além daqueles caboclos que tinham sangue indígena. A perseguição ao Mestre Zé Ninguém era tenaz na região do cariri, mas nunca conseguiram pegá-lo. Estava sempre alerta, fugindo para o mundo dos Encantados, aparecendo em vários lugares ao mesmo tempo, confundindo os poderosos, seus perseguidores.

Uma vila de pescadores com apenas um pequeno número de casas que faziam uma ruela, entre pequenas dunas fustigadas pelos ventos que viam do mar.

Estava espremida entre o oceano e um morro, com um riacho de água doce, plantações de palmeiras e uma vegetação exuberante na encosta. No topo do morro havia uma capela onde era celebrada missa uma vez por mês; atrás, havia um pequeno cemitério onde os mortos daquela vila eram enterrados, quando o mar devolvia, além das crianças e velhos. A vida era o mar; a morte era o mar. As alegrias e tristezas estavam sempre ligadas ao capricho do mar. Criavam aves nos quintais, porcos, cabritos e pequenos bichos de estimação. De vez em quando, em datas festivas, havia um arrasta-pé onde as mulheres, principalmente as jovens se enfeitavam com vestidos novos de chita e o sapato novo que vivia guardado para momentos especiais, enquanto os homens usavam suas alpercatas, passavam brilhantina nos cabelos queimados pelo sol e água salgada.

O Mestre chegou àquela aldeia de pescadores sem que ninguém percebesse, sentou-se em uma das canoas que estavam rebocadas, olhando fixamente para as ondas que seguiam seu ritmo sem interrupção, emitindo o mesmo canto. O devaneio do Mestre foi interrompido quando sentiu um toque em seu ombro, olhou para traz e viu um homem queimado pelo sol com ares amistosos, indagando se estava precisando de algo para comer. Imediatamente, entabularam conversaçoão parecendo velhos amigos que há muito não se viam. Na vila, todos souberam da presença daquele homem e logo foi cercado pelas crianças que o admirava, afinal de contas não era todo o dia que aparecia gente por lá, só os ciganos que causavam preocupações por que eram considerados ladrões de crianças e cavalos.

Uma comida simples na casa do novo amigo e se dirigiu com todos os moradores lhe acompanhando para sua nova moradia, escolhida pelo amigo pescador, que estava fechada por muito tempo, devido uma família ter abandonado a vila em busca de uma vida melhor. As mulheres arrumaram o casebre de palha das palmeiras, puseram um candeeiro com gás, arrumaram o catre forrado com uma esteira e penduraram uma rede, caso aquele novo hóspede gostasse.

Na madrugada, o Mestre acordou com os gritos de mulher que se confundiam com o bramido do mar. Saiu em direção ao casebre do seu mais novo amigo para saber o que acontecia com a pobre coitada. O amigo então lhe explicou que quando chegava a lua cheia baixava um espírito nela que queria levá-la para o fundo do mar. Todos afirmavam ser a alma do defunto de seu marido morto numa pescaria e nunca acharam o corpo. Então, Zé Ninguém pegou seu bernal e pediu para ver a mulher que se debatia, amarrada no estrado da cama. Todos os presentes ficaram de olhos esbugalhados quando o Mestre puxou fumaça de seu cachimbo, marca mestra, e com o maracá na mão começou a Pajelança. Ninguém acreditava naquilo que estava vendo: A mulher parou de gritar e com uma voz grossa pediu para soltá-la, porque dava a palavra, nada faria com ela. O Mestre consentiu. Livre, sentou-se no estrado e pediu um cigarro, o que lhe foi permitido, dizendo que era uma alma sofredora, sendo seu corpo estraçalhado pelos tubarões. Precisava da mulher para lhe fazer companhia. Zé, disse:- Só Deus pode fazer o que você quer, meu irmão, porque ninguém é maior do que Deus. - Todos os presentes responderam: - Só o próprio Deus! - A mulher, com a sua voz alterada, exclamou: - Então viva Deus Nosso Senhor! - Todos exclamaram: - Viva! - Prometeu não mais perturbar a viúva porque já tinha um pouco de luz, mas que rezassem por ele para alcançar a paz onde estava. Todos concordaram em fazê-lo.

Já era dia e o sol despontava no horizonte anunciando a sua majestade. Os pescadores tinham partido para o alto mar comentando os acontecimentos daquela madrugada. Zé Ninguém ganhara um novo nome: Mestre Zé do Catimbó. Além do respeito e admiração adquiriu o status de homem santo, por toda a comunidade, e a partir desse momento, nada se fazia sem consultar o novo guru da comunidade. Mestre Zé ria com a inocência daquela gente e sentia satisfação interior em ajudá-los. Os pescadores no mar, as mulheres, nos seus afazeres domésticos, as crianças

brincando ou perambulando pelas areias alvas Ele decidiu subir o morro para visitar a capela, acompanhado de sua nova fiel guardiã: A viúva que ele salvara das garras da alma atormentada do marido. Era gorducha, mas tinha forte resistência. Com a chave da porta da igreja no bolso do vestido, seguia a pouca distância do Mestre. Abriu a porta da capela, enquanto ele fazia sua vistoria local, voltou para seus afazeres, incluindo a limpeza e arrumação da casa de seu salvador, que passou adotar o bordão “abaixo de Deus” ele era tudo para ela. Tinha uma filha jovem, na puberdade, herança de seu casamento, que guardava a sete chaves.

No interior da capela, o Mestre verificou a sua simplicidade, com apenas o altar mor contendo a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, esculpida em madeira, com mais ou menos um metro de altura e de rara beleza. Os pescadores se cotizaram e pagaram a um artesão da cidade mais próxima. Sua entronização foi celebrada com muita pompa, missa, rezas e foguetório. Uma vez por mês vinha um padre celebrar missa para aquela comunidade, o que era motivo de festa. Ali, ficou o Mestre admirando aquela beleza da imagem enquanto fazia as rezas de louvor e devoção.

A natureza não é um ser estático, mas sim, dinâmico, e não uma substância morta. Aquela pequena capela era a síntese que emanava da natureza. O Mestre Zé, senhor de conhecimentos mágicos dotado pela natureza, vislumbrava as transformações que estavam se efetuando naquele recinto. Andorinhas faziam seus ninhos no alto; os cupins seguiam sua faina de destruição das vigas; as flores, nos vasos, outrora viçosas, estavam ressequidas porém a madona estava intacta. A brisa marinha penetrava no recinto fazendo piruetas enquanto os raios do sol infiltravam-se pelos espaços vazios que se formavam na capela. Desenhos multicoloridos foram se formando criando uma linguagem de símbolos decifráveis pelo poder da mente do Mestre. Logo percebeu que era um aviso da mãe Natureza que algo muito grave estaria para acontecer àquela comunidade. O Senhor dos oceanos, Olokum, na entrada da Lua Cheia exigiria um sacrifício para salvar os pescadores e seus familiares.

Mestre Zé saiu pensativo da capela, desceu o morro sem saber como fazer para acalmar o Senhor do mar e todo a sua corte. Mas, ao mesmo tempo, acreditava que sua mãe Janaina, a mais bela sereia do mar, lhe avisaria, porque sempre lhe amparava e ele queria salvar aquela comunidade. Entrou em seu casebre e encontrou-o arrumado, comida na mesa, uma linda cabocla dos olhos negros a fitá-lo e a viúva que foi logo dizendo que era sua filha que viera lhe ajudar.

Os dias seguiam sem novidade, mas, o mar passou a negar peixes aos pescadores que não conseguiam trazer um reles molusco para sustento da família, mostrando suas redes e tarrafas vazias ou cobertas de alga além de uma grande desilusão estampada na face de cada um. Outrora uma região tão farta de peixes, agora, aquela tristeza... Durante uma semana o Mestre ouvia as lamúrias dos seus amigos pescadores e pensou que era o sacrifício que o Rei do mar exigia. A viúva entrou com sua filha, linda morena lábios carnudos, menina de longos cabelos, que os olhos do Mestre Zé ficava desejando. A viúva começou a falar... Atropelando as palavras, ela dizia que só ele poderia salvar a sua gente e assim ela dava para ele sua filha donzela como uma oferenda, e que ela passaria a dormir em seu catre a partir daquele noite, afirmando com ênfase, que não aceitaria recusa e já tinha percebido que o Mestre tinha interesse na menina. Todavia, achando aquilo algo sem propósito tentou convencer a mulher a desistir daquela idéia. A menina se sentiu rejeitada, soluçava. Por mais que ele argumentasse, ela estava firme como um rochedo no seu propósito. A menina estava feliz porque ia ser mulher de um homem de conhecimento, além de ajudar o seu povo daquele infortúnio.

Mestre Zé Catimbó reuniu os pescadores e solicitou que eles contassem o que estava acontecendo. Todos estavam embasbacados com aquela situação porque nunca houvera acontecido tal fato, sempre havia peixes nos seus balaios para vender e sustentar as famílias. O Mestre, então contou sobre a oferenda da viúva e todos concordaram que a idéia era da comunidade e que ele não poderia recusar, do contrário tudo pioraria, e o Catimbozeiro com seu poder e conhecimento, tinha que ajudá-los, por outro lado, ele não tinha mulher e precisava fincar o seu bastão naquela terra; Afirmaram que era a mais bela prenda do arraial e todos ficariam felizes. O Mestre não retrucou, pensativo olhava para o infinito reino das águas. Voltou para sua choupana passando a usufruir o néctar daquela donzela que lhe entregou o corpo como

se fosse a vida e assim, entre gritos e gemidos as noites foram se prolongando e o prazer crescendo.

A Lua Crescente estava chegando. O Mestre embrenhou-se na mata e horas depois voltou com uma braçada de ramos de várias ervas, indo diretamente para as canoas dos pescadores avisando que pescaria com eles, dividindo os ramos ensinou-lhes a usar no momento certo conforme suas ordens. As embarcações deveriam seguir juntas. Levou o seu bernal e o cajado, entrou na canoa do líder, e assim que raiou o dia, partiram para o alto mar, enquanto cantava suas rezas fortes: a primeira, foi de licença; a segunda, foi para acordar as águas; a terceira, foi para firmar suas forças. Em alto mar, que estava sereno, as canoas formaram um círculo e naquele espaço começaram a bater com os ramos das ervas, nas águas, fazendo com que o mar se agitasse; jogaram as tarrafas, enquanto o Mestre entoava louvores ao mundo invisível das águas. Uma onda subiu e outras vieram em seguida, trazendo cardumes de várias espécies de peixes que foram enredados nas malhas das redes dos pescadores que riam e choravam. Assim, voltaram para a terra, felizes, cantando e agradecendo ao povo do fundo do mar, pedindo para que nunca faltasse o alimento que sustentava seu povo. Dona Janaina teria uma bela oferenda no seu dia de celebração.

Em casa, a bela menina fogosa esperava seu senhor para iniciar mais uma noite de amor. A comunidade comemorou a noite toda enquanto o casal se derretia no altar do desejo. O Mestre pensava que nunca sonhara com uma oferenda como aquela; nem a sua Maria do Céu era tão fogosa. A Lua Crescente iniciara sua escalada para a Lua Cheia...

Mestre Zé não tinha ainda atinando qual seria o sacrifício que Olokum cobraria porque a escassez de peixes naquela parte do mar foi apenas um aviso. Na noite seguinte, quando estava deitado fumando o seu cigarro de ervas, tendo ao lado sua menina, ouviu vozes que o chamava: - Zé, ou Zé, venha me vê! – Repetiu várias vezes, até que ele resolveu atender aquele chamado enquanto a caboclinha ficava chorando desesperada, abriu a porta, disse para ela esperar, dirigiu-se ao mar e desapareceu. Vários dias se passaram, ninguém acreditou que o Mestre fora embora, enquanto a sua linda morena ficava sentada a beira mar esperando o seu regresso, porque sabia que ele voltaria, estivesse onde estivesse.

A Lua Cheia chegou enquanto a vila dormia, um grupo de ciganos que fez o acampamento um pouco afastado da única rua local deixando os pescadores e seus familiares ao acordarem atônitos com a presença daquela gente mais uma vez; não havendo curiosidade, porém, medo, porque da última vez que passou na vila, enganou e roubou os inocentes do vilarejo. As crianças eram proibidas de saírem e os adultos evitavam contatos com os visitantes indesejáveis, que começaram a procurar os moradores para entabular negociações. Não tiveram êxito. Portas e janelas trancadas recusavam qualquer contato. Os ciganos perambulavam pelas redondezas.

Mestre Zé voltara numa madrugada de lua cheia trazendo nas mãos um lindo colar de corais colocado no pescoço de sua menina que o abraçava, beijava e chorava de alegria. Estava coberto de algas, que foram, retiradas enquanto seguiam para a choupana e jovem narrava os novos acontecimentos. Nada o surpreendia, já estava a par de tudo que aconteceria na mudança da lua. Todavia, os ciganos cantavam, bailavam ao som de um violino e criavam um plano para roubar os moradores; O Mestre se dirigiu à casa do líder da comunidade e assim que o viram, apesar da alegria ficaram por demais surpresos, fazendo perguntas e respondendo porque ele nada dizia, apenas informara do que se precisava fazer nas próximas noites. Ninguém duvidou de suas palavras e foram de casa em casa anunciando a volta do Mestre Catimbozeiro e o que

deveriam fazer. Iniciaram os preparativos para partir, levando tudo que pudessem e fosse útil. Na noite seguinte, toda comunidade subiria o morro e se instalaria na capela e adjacências.

A noite chegou, o tempo mudou, as nuvens esconderam a lua e nem uma brisa para acalmar a ansiedade dos pescadores e seus familiares. No acampamento dos ciganos, com fogueira acesa, havia falatório, cantoria e risos que aos poucos foram silenciando. O mar, inocente manto negro, entoava um som lúgubre, tornando as ondas vadias, lentas e murmurantes. Quando o silêncio tomou conta do local, o Mestre Zé indo de porta em porta alertava para seguirem sem fazer barulho, andando morro acima, em fila, como formigas, num ritmo ordenado: homens, mulheres, crianças e animais de estimação, Nada fazia suspeitar que havia uma peregrinação, com velas e candeeiros. Quando todos estavam acomodados, fecharam a porta da capela e taparam todos os lugares por onde entrasse vento ou água.

Minutos depois, Olokum com sua corte, anunciou o avanço da maré; as ondas ficaram espertas, rugiram e cresceram, tomando a praia de assalto num ataque fulminante foram se aproximando dos casebres, do acampamento dos ciganos e impulsionadas por uma força descomunal iam destruindo tudo a sua frente até chegar à encosta do morro que no alto ouvia-se o murmúrio de uma novena em homenagem a Nossa Senhora que protegia os pescadores, e cânticos em louvor, a Senhora Janaina, rainha do mar, Do acampamento dos ciganos os corpos foram arrastados para o fundo do mar, deixando apenas aquilo que não servia para o palácio de Olokum. Os casebres dos pescadores ficaram intactos como se a força da fé daquela gente fora o alicerce fincado nas areias. Era o povo eleito e protegido do Senhor do Mar e sua corte. Com a alvorada, a claridade se fez presente e da capela, o povo saiu para presenciar as águas recuando lentamente e atônito percebendo que os casebres lá estavam inteiros, com poças circundando-os. As mulheres e as crianças desceram em desabalada correria enquanto os homens, silenciosos e atentos seguiram depois. Todos perguntavam o que teria acontecido com os ciganos, mas sabiam a resposta. Iniciaram a limpeza do local, da rua, das margens da praia, recolhendo o lixo para queimarem. Dos ciganos, o que sobrou foi para a pilha que seria transformada em fogueira. Nenhuma lembrança era um povo que não tinha raízes. O mar, quieto em seu leito, as nereidas e sereias olhavam para aquele povo protegidos por seu rei, Senhor da vastidão do mar, reinado onde vivia.

Mestre Zé do Catimbó ajudava, orientava, ensinava e pediu para os pescadores não sair para o alto mar, por três dias e três noites até a ira de Olokum se acalmar porque ele percebia alguns sinais que eram emitidos pelos seus irmãos do mar avisando para não entrarem nas águas, por enquanto. Os homens foram para as plantações nas partes menos alagadas e iniciaram um novo cultivo; as mulheres voltaram a rotina de todos os dias, enquanto as crianças brincavam nos pequenos lagos que o mar deixara. À noite, todos se reuniram em volta de uma fogueira enquanto o Mestre deitado com sua moreninha já pensava em partir. Depois de algumas horas, na porta de sua choupana estava toda comunidade para oferecer um presente de gratidão: Toda riqueza que eles haviam recolhido do mar. Mestre Zé recusou, ficou comovido e arengou com o pessoal, porque ele não vivia para bens materiais, que seu dia de partir estava chegando e outras pessoas precisavam dele. Embora tristes todos concordaram e durante toda noite celebraram aquela dádiva que Deus mandara para salvá-los. Morena, sua menina se debulhava em lágrimas sabendo que ficaria sem seu homem e sozinha. O rapaz mais jovem da comunidade foi o escolhido para casar com ela. Assim, despediu-se de seus amigos fazendo várias recomendações em forma de preceitos para serem cumpridos quando partissem para pescar.

Raiou o dia e a comunidade nunca mais ouviu falar no Mestre Zé Catimbó. Esse, já se

achava a caminho de sua casa, mas sentiu o tropel de cavalo atrás de si, quando se virou não havia ninguém: - Ora, só faltava ser o Saci Pêrê...- falou em voz alta. Uma gargalhada se fez ouvir no silêncio da estrada. Era meio dia, hora grande, hora de fantasma aprontar... Continuou caminhando, mas sentia a presença de uma energia estranha lhe acompanhando. – Ninguém é maior do que Deus só o próprio Deus! – falou quase gritando. Um estrondo e ao mesmo tempo um cheiro de pólvora assanharam a poeira da estrada fazendo redemoinho e desaparecendo em espiral. – Se não pode ir com Deus, vá com o Excomungado. - Exclamou o Mestre Zé Catimbó.

12. VOLTA AO ACONCHEGO

Por muito tempo o Mestre ficou atendendo em sua casa sem nenhum chamado especial. Sentia-se confortável com suaves lembranças de Maria do Céu e Morena. Essa última mexera muito com seu coração, mas sabia que não poderia se apegar às coisas terrenas porque a elas não pertencia. Na rede, fumando seu cigarro de taquari, imaginava como tudo era enganoso nessa vida. No sítio, não tinha amor e nem mulher para deitar em sua cama e dizer que o amava. Muitas vezes sentia falta dos carinhos, dos dengos, de seus xodós; mas era homem do mundo, andando na imensidão que Deus criou, viajando nas asas dos ventos, montado em um cavalo marinho. - O Tempo é o senhor de tudo, só ele pode mudar o nosso caminho. - Pensava Zé, o Mestre do Catimbó. Todos os dias as pessoas iam chegando e debulhando os seus sofrimentos, que para ele era importante compartilhar, nada era impossível, encontrando os remédios para todos os males: do corpo e da alma. Às vezes, tinha que se deslocar para atender pessoas que não podiam vir; outras recusavam sua ajuda, mas, assim mesmo, encontrava um jeito de ajudá-las. Quando se sentia cansado, mergulhava na mansidão das águas e se deixava purificar pelas energias regeneradoras que vinham de seu poder. Voltava com outro corpo e cabeça; tudo se reiniciava.

Era uma tarde morna na caatinga, obrigando os moradores do sítio a se recolherem depois do almoço para uma madorna. Porém, para o Mestre, assim que chegava de suas viagens, não podia ter este prazer como qual quer ser mortal, porque todo momento aparecia alguém pedindo ajuda. Não foi diferente naquela tarde. O silêncio foi interrompido por um carro que invadiu o sítio, saindo dele uma senhora elegante, com um chapéu para proteger-se do calor, chamando pelo Mestre.

- Senhor, por favor, eu quero falar com o senhor.

Mudinha apareceu e tentou explicar através de gestos que ele estava descansando. A mulher retrucou:- Você é muda? Não tem ninguém que fale para me atender? -A madame parecia ansiosa e habituada a ser atendida prontamente.

- Vai índia, chama seu patrão.

Mudinha, nervosa, não conseguia sair do lugar. A voz do Mestre Zé se fez ouvir de modo autoritário.

- Deixa, Mudinha, eu atendo.

Assim dizendo foi saindo do quarto, atravessou a sala e saiu para o alpendre onde estava a senhora nervosa. Enquanto isso, a cabocla saiu apressada, desaparecendo nos fundos da casa.

- Entra minha senhora.

- O senhor é o Mestre Zé? - Subindo os degraus e sentando em uma cadeira enquanto reclamava do calor, abanando-se com o chapéu de abas largas.

- Sou sim. A quem devo a honra?

A mulher, passada dos trinta anos fingiu que não ouviu.

- Preciso que o senhor me resolva um problema, e me disseram que só o senhor na terra seria capaz. Vim da capital, sou esposa de general. –

- Mas... que prazer! Desdenhou o Mestre.

- É uma honra muito grande receber a esposa de um general em minha humilde casa. Chamou Mudinha e pediu para preparar um suco de manga e água.

A madame aceitou a água e disse para o Mestre confidenciando.

- É um assunto muito grave, senhor, e ninguém pode ouvir.

O Mestre olhou para os lados, zombeteiro, falou.

- Aqui, minha senhora, é difícil os Espíritos não ouvirem, mas eles não falam. -

A mulher olhou assustada para os lados da casa.

- Podemos conversar lá dentro?

O Mestre riu, fingiu constrangimento.

- Entra, não olhe a pobreza, mas, garanto que não vai sujar o seu lindo vestido. A madame carregava uma sacola. Entrou, sentou-se e disse:

- É tudo muito confidencial, ouviu. Daqui não pode sair o que vou lhe pedir, e, pago qualquer preço. –

Sussurrando foi falando para que veio.

- Seu marido era poderoso, mas muito mulherengo e ela já estava cansada de fingir que não sabia. Além do mais era a mais velha de todas e estava cada dia mais, se afastando dela, não a procurando na cama. Precisava de um feitiço que o fizesse voltar para ela e afastar as outras. Custasse o que custasse, queria o general só para ela.

O Mestre Zé Ninguém alertou que não era feiticeiro, apenas rezava e curava, mas a madame não quis entender, pedindo para ele fazer uma reza braba para seu marido ficar ao seu lado e só desejá-la. Para isso, trouxe cueca suada, um lenço com o esperma seco dos dois, cabelos, unhas e tudo o mais.

- Não fique impressionado, disse ela, já fui a muitos lugares e todos pediram essas coisas, mas nada resolveram. -

O Mestre pediu licença, foi para o quarto de seus segredos voltando minutos depois.

- Não sei se vai da certo, por isso não quero o seu dinheiro. Não costumo cobrar pelo bem que faço. – Apanhou a bolsa, chamou Mudinha e pediu para apanhar folha de bananeira, passar no calor do fogo; Continuou explicando para a madame que não gostava de feitiços mas a ajudaria com suas rezas. A mulher demonstrou um ar de desilusão, mas em seguida animou-se acreditando que era jogo de cena do Catimbozeiro, e logo ele ia dizer quanto cobrava.

Mudinha trouxe a folha da bananeira aquecida colocando em cima da mesa e saindo. O Mestre levou todo o material que a madame trouxe, colocando-o na folha da bananeira e se dirigiu para seu quarto de segredos. Quando voltou, com as mãos vazias, disse para a senhora que tudo foi feito e ela teria a graça alcançada se fosse merecedora, por que nem tudo o homem era senhor absoluto de seus caprichos. A mulher aguardou o momento da cobrança e como ele não veio, ela perguntou, recebendo como resposta que nada cobraria. A cobrança seria feita e ela pagaria quando o serviço fosse executado. A mulher foi embora aliviada por não ter que pagar por que não levava fé naquele caboclo. e fingindo comoção agradeceu pela caridade.

Assim que a madame foi embora, o Catimbozeiro esperou a noite chegar, foi ao

chiqueiro dos porcos, fez uma reza e entregou o trabalho. Os porcos, com fúria assassina dizimaram o embrulho que em poucos segundos sumiu na lama do chiqueiro.

O Mestre não se preocupava com gratidão, amor, amizade; estava no mundo para servir, Voltara daquele pé de Jurema com uma missão e assim que resgatasse o seu carma voltaria para o Reino do Juremá, a morada dos caboclos e Encantados. Até aquele momento não havia encontrado o seu aprendiz, era sinal de que ainda teria um longo caminho a percorrer.

13. A CIDADE GRANDE

Surgiu mais uma empreitada difícil para o Mestre Zé do Catimbó. Chegara a sua casa um homem que se dizia doutor de curar, médico, após várias visitas e adquirir a confiança do Mestre, convidou-o para passar uns tempos em sua casa, para melhor entender sua ciência. Ele concordou e avisou que chegaria a qualquer momento. O médico lhe deu o endereço mas o catimbozeiro avisou que não precisava, sabia onde o doutor morava. Um dia, o médico, senhor vivido e calejado, assustou-se com a presença de seu convidado, indagando como ele viera.: - Vim nas asas da sinceridade, no cheiro do conhecimento e na força do saber. – O médico emudeceu para em seguida reunir a família e apresentar o Mestre; Horas depois, foi passear com o amigo doutor, conhecendo alguns lugares, comeu quitutes estranhos, vestiu roupas diferentes, calçou sapatos que muito lhe apertavam e dançou com mulheres louras e muito pintadas. Enquanto era observado, observava sem perder detalhe. Só não esqueceu de seu cigarro de taquari. Embora estivesse abestalhado com tantas novidades e diferenças de costumes, não perdeu a sua simplicidade; sempre que era apresentado como um homem de saber, curador e pajé, tentava minimizar o fato, e quando era posto a prova não demonstrava interesse em exibir seus poderes. Recusava qualquer convite para exibição e chamava a atenção do médico para tal atitude, embora o acompanhasse ao hospital e discretamente ajudava nos diagnósticos e os remédios para a cura. Visitava, principalmente, a ala das crianças e sem ninguém perceber procurava curar um ou outro. Aos poucos, com a melhora de saúde das crianças consideradas em situação crítica, houve burburinho pela sua presença e as coincidências das melhorias. O médico, seu amigo, sorria enigmaticamente, e exigia que o deixasse andar nos corredores e nos quartos dos pacientes. O Mestre perdeu o direito de andar livremente no hospital, porque estava sempre acompanhado de funcionários curiosos. Não voltou mais, ficando em frente à televisão se divertindo com os desenhos animados, saindo para passear a noite com seu amigo ou sozinho; sentia-se acuado e não gostava do que via naquela cidade, achava que o mundo tava para acabar. Pensava em partir até que viu na televisão uma notícia que o deixou intrigado e imaginando porquê viera parar naquela cidade; continuou acompanhando as notícias do fato fazendo-o se

interessar pelo caso. Elaborou um plano para salvar as criaturas de uma tragédia que se anunciava, mas precisava da ajuda de seu amigo médico. Foi ao encontro do amigo em seu trabalho e pediu para explicar o que era necrotério, onde ficava e se poderia conhecê-lo com sua ajuda. O médico ficou surpreso, a princípio, mas como sabia que aquele homem lidava com a morte toda hora, achou normal sua curiosidade. Levou-o ao instituto médico legal explicando didaticamente, todo funcionamento daquela instituição. O Mestre ficou feliz com os novos conhecimentos da cidade grande e preparou-se para por em prática o seu plano, avisando ao amigo que talvez fosse ver de perto, o que estava acontecendo com a estória do rapaz e o seqüestre que tanto passava na televisão. O médico ficou apreensivo, acreditando que o Mestre estava tramando alguma coisa, e se fosse verdade poderia acabar preso. Explicou para ele como a polícia agia nesses casos e não admitia interferência de estranhos; o que o Mestre retrucou, afirmando que só queria observar como outras pessoas que estavam por lá.

Um aparato policial estava preparado para invadir o apartamento onde se encontravam uma moça e sua mãe refém de um jovem, armado e disposto a matá-las. De posse dos detalhes e da localização do prédio iniciou, entre os carros estacionados, a reza forte da invisibilidade, e assim conseguiu passar por todo aparato policial, subir até o andar onde ficava o apartamento e entrou. Enquanto a negociação entre o jovem e a polícia ia se desenrolando, o Mestre apareceu para o jovem, em forma da figura de seu pai, enquanto as mulheres não viam e nem ouviam o que se passava.

O jovem ao ver a figura do pai começou a tremer: - Pai, como entrou aqui?
Mestre olhava fixamente para o jovem.

- Entrei por ordem de meu padim Ciço pra te livrar dessa besteira que ocê vai cometer! –

- Eu vou matá-las, pai.

-Tou besta, fio! Antes ocê vai ter que me matar de novo! – - Nãoooo...Pai!

O jovem descontrolou-se totalmente e fez o gesto como se estivesse entregando o revólver a alguém, enquanto as mulheres choravam assustadas com os gestos do rapaz. O revólver sumiu no ar, e um forte estalo derrubou o jovem que caiu inconsciente. As mulheres correram, abriram a porta para a polícia tentando explicar o que aconteceu naquela sala. A arma não foi encontrada, as reféns saíram sob o aplauso do poveréu, entrou no carro da polícia que partiu velozmente. O corpo do jovem foi levado em uma maca e posto em uma ambulância; os policiais vasculhavam o pequeno apartamento, a procura de mais alguém e da arma. O Mestre acompanhou o corpo, já que a perícia médica o considerou morto clinicamente. Foi para o necrotério e viu deixarem-no na lousa, esperando pelos familiares para reconhecerem o corpo e providenciarem o enterro. Para a polícia era um caso estranho de suicídio, por que não havia marca, não havia arma, nenhum vestígio... E a estória das mulheres foi considerada fantasiosa por estarem vivendo em estado de tensão por vários dias. O Mestre deixou um sinal para o seu amigo, da viagem inesperada, e este, ao ler as notícias imaginou que havia o dedo do seu hóspede.

Prometeu para si mesmo que futuramente, visitaria seu feiticeiro. Este escolheu um ponto estratégico vizinho ao Instituto Médico Legal e iniciou os preparativos para resgatar o jovem antes que fizessem a autópsia. O Mestre iniciou o canto da chuva e ela veio, a princípio, mansinha, e quando anoiteceu já era uma tempestade com trovão e relâmpagos, enviados pelo Espírito Encantado das nuvens. Ele então pediu para seus irmãos ventos resgatarem o corpo e levá-lo para sua casa onde aguardaria. E os ventos se tornaram mais intensos sobre o local onde se achava o corpo, entrando pelas janelas e portas coadjuvados por clarões dos raios apavorando as pessoas que fugiam deixando o local completamente vazio. O corpo foi levado na cauda do

vento para o mundo encantado do Mestre que o esperava, deixando a confusão armada no instituto médico legal com o sumiço do corpo. O rapaz dormiu por vários dias, alimentado pela índia muda, tratando-o com desvelo, como se fosse seu próprio filho, enquanto o Encantado, durante a noite, cantava suas rezas de amor a vida, benzendo o jovem com ramos de ervas aromáticas.

Quando o rapaz acordou, surpreso por se achar naquela casa, quis saber o que acontecera e como fora parar ali, começando a se recordar de sua desventura, indagando se havia matado as mulheres, se foi preso, ou se estava morto. O Mestre contou sua estória, omitindo alguns detalhes, fazendo com que o jovem iniciasse um ataque de risos para depois chorar copiosamente, como uma criança, afirmando que não veria mais sua amada, já que o mundo acabara e ele não sabia o que fazer, onde estava, com quem estava, nem mesmo se deveria acreditar naquele homem com suas estórias malucas; não era meu pai era a sua imagem reproduzida por minha mente no momento de tensão em que vivia. Amava e odiava; matá-la era a solução, mas agora já não sabia mais de nada; só se lembrava que ficou muito doidão com meu pai ali, sem saber de onde e como entrara naquele apartamento, já que havia muita polícia cercando tudo: - fiquei boladão e entrei numa noia até cair duro, mas eu me lembro que o meu pai pegou a arma e me deu um cascudo tão grande que foi aí que despenquei... E eu não existo mais, não posso voltar, não posso procurar meu pai para saber a verdade, nada... Uma nova identidade, um novo nome, um novo endereço, e tudo feito pelo homem com cara de índio maluco... E agora, o que vou fazer? – João, era o seu novo nome, acabara de pensar e formular a pergunta quando o Mestre entrou: - Fique aqui o tempo que quiser, e enjoando pegue a estrada. – O rapaz esbugalhou os olhos: - Lê pensamento também, além de outras coisas? Mestre Zé riu.

-Tenho um pouco de tudo, para cuidar, porcos, vaquinha para ordenhar, bode, galinha no terreiro, uma horta, pequena plantação. Pode servir para a cura de suas feridas. Não esperou a resposta, saindo e deixando o jovem sem saber o que dizer. Com o tempo o rapaz foi se aventurando em novas caminhadas. O agreste ele conhecia, mas aquela localidade era um mundo novo e ele ansiava por coisas novas, procurando conhecer melhor o homem que lhe salvara, colaborando em tudo que lhe pediam inclusive, recebendo as pessoas que apareciam para falar com o Mestre, ajudando em tudo que fosse necessário e indo a cidade para fazer amizades, se divertir, de vez em quando, o que não era possível naquela casa. Assim, foi redescobrimo o prazer de viver uma nova vida e uma chance de ser feliz.

O Mestre viajou em busca de respostas para suas angústias devido o ato que havia cometido. Não tinha certeza que aquele rapaz seria seu discípulo, embora encontrasse nele muito potencial; porem levaria tempo, e ele necessitava de um ajudante para suas curas e lutas contra os espíritos rebeldes. Primeiro, entrou no mundo das águas do rio onde tinha o seu Mestre Guia, o boto. O Encantado, depois de alguns dias viajando pelo fundo do rio, lhe respondeu: - A paciência é como a correnteza das águas, que corre e se renova sem alterar seu curso. Sabe que é impulsionada para chegar ao mar, todavia segue. Você tem pressa de conhecer o seu destino, porém este não tem pressa em se revelar. O Mestre Zé Ninguém partiu agradecido pelos conselhos e foi procurar seu Guia Encantado das florestas. Era o espírito de um pajé, curador e feiticeiro, senhor do Bom Floral. Viajaram, conversaram e o Mestre foi aprendendo e acumulando saberes. Finalmente, no último dia de sua estada, depois de beberem jurema, o encantado lhe falou: - O tempo é a ciência da vida e quem sabe andar junto com ele descobre o sentido do amor e da dor, A sua busca ainda não terminou e só o tempo lhe dirá qual o segredo da vida. – Dali, o Mestre pediu ao Senhor dos ventos para ser levado a descobrir o que tanto o perturbava. Voaram por todo o universo, visitou a Estrela madrinha, e mais uma vez se

deslumbrou com a imensidão do mundo, suas cores, seus brilhos e escuridão, mas, até o momento seu mestre dos ares, nada lhe falara, apenas mostrara como tudo é possível acontecer, suas transformações, nascer, viver, morrer, é apenas um processo que se desenvolve independente da vontade de cada um, mas, de um conjunto de fatores e um deles é o saber esperar, com fé no destino infinito que tudo produz. Porém, tudo isso tem a mão do Senhor Tempo. – A sua resposta, ela virá no momento que está determinado enquanto sua vida vai sofrendo transformações.

O Mestre, porém gostaria de uma resposta mais contundente, uma resposta que lhe desse a certeza de que o ato que praticara ao salvar o rapaz não foi por vaidade, mas sim, porque acreditava que era ele o seu futuro sucessor. Por último, foi visitar sua mãe no reino das Ondinas, Dona Janaina, a rainha do mar. E esta, após recebê-lo com manifestação de carinho, preparando um lauto almoço e uma cama de algas para repousar, ouviu pacientemente, suas dúvidas: - Nada é em vão o que fazemos por amor; é como plantar uma roseira e vê-la brotar, crescer, florescer, tornando parte de nós mesmo. O seu desejo está se realizando mas não através do jovem que salvastes. Respeite o curso da natureza e então verás como ela se desenvolve de acordo com o estabelecido pelo Todo Poderoso. Eu te digo, o teu caminho terá que prosseguir porque o que foi feito faz parte dele, certo ou errado.

O catimbozeiro saiu daquele mundo mais reconfortado, ciente que a parte está contida no todo e tudo que fazemos é parte da nossa história de vida que carregamos por obra do grande Pajé, criador do universo.

Voltou para o sítio e encontrou Mudinha agitada, com gestos nervosos, passou a lhe narrar os acontecimentos: - João, seu protegido, foi embora pra cidade, de mala e cuia; trabalhar em uma borracharia, e o que se fala é que já ta enrabichado por uma moça, bebe e faz muita arruaça além de freqüentar as casas das raparigas. Depois que saiu não veio mais aqui. Dizem que ele anda armado, mas todo mundo ajuda ele por sua causa. Ele diz que é seu afilhado.

- Ninguém pode com o destino, Mudinha, fiz o que fiz porque achei que era ele o meu aprendiz, mas deixa pra lá. Certo ou errado ele teve uma nova chance.

Dessa vez, o Mestre demorou um pouco mais do que o costume, e sabia tudo que acontecia ao seu afilhado; todo morador da cidade que o procurava contava uma estória do moço, suas bravatas e seu amor pela filha de um coronel. Mestre Zé Ninguém já sabia qual seria o fim do jovem que ele salvara, mas que agora nada poderia fazer, porque se limpa a estrada, mas o caminho não sendo tratado desaparece; se modificam as posições no tabuleiro da vida mas o fim, esse, permanece inalterado. – Hoje, Mudinha, o nosso amigo vem me procurar para me pedir uma coisa que eu não devo fazer. Tenho pena, dó, mas não vou interferir no andar do carro de bois. - Mudinha tapou a boca com as mãos, esbugalhou os olhos e fez careta de choro, saindo para os fundos da casa onde derramou lágrimas silenciosas. Ela considerava João uma criança que não conhecia Deus, perdido no mundo, sem família; quando chegou cuidou dele como se fosse o filho que lhe roubaram e nunca conheceu.

Não conseguia rezar, estava entalada de dor e o Mestre sabia o que estava fazendo, pensa. Naquela noite, o Catimbozeiro abriria uma mesa, faria uma pajelança para curar uma doente que viera de muito longe e se encontrava em sua casa, já que não havia espaço para acolher a todos que o procurava. Mas, a tarde o jovem apareceu, faceiro, terno de linho branco, cigarro aceso entre os dedos, com um sorriso confiante: - Boa tarde, Mestre! Todo mundo só lhe chama assim lá na cidade. O senhor ficou zangado por que eu me fui? Sabe, preciso viver no meio de gente, aqui se vive com assombração. O Mestre ficou olhando para aquela criança pensando como se enganara.

-Não tem de se explicar; eu não queria você amarrado no pé da mesa e não lhe pedi nada, você é livre como os passarinhos que voam nas árvores em volta de meu cafofo. Não livreí você da morte para ser meu empregado. –João pigarreou :-Pois éééé... Sabe padrinho, é assim que eu me refiro ao senhor lá na cidade, vai tudo bem, tenho trabalho, tenho mulher, faço minhas farras e bagunças, mas agora o danado do amor me pegou novamente. Quero casar, levar uma vida decente, mas o pai dela não aceita...-

O Mestre pensou: é o rio voltando ao seu leito que eu desviei sem o seu consentimento. Antes era a mãe... E quem é a felizarda? -O rapaz sentiu algo estranho nas palavras do Mestre como se ele já soubesse sua estória, começo, meio e fim. Disse sem pestanejar:

-A filha do Coronel Jovencio! -Mas logo com esse homem, você foi se meter, o homem é brabo! E se ele diz que não quer é melhor gostar de outra. – João ficou nervoso: - Amor, não se escolhe, acontece pronto. Eu gosto dela e ela de mim. Se ele não quer, a gente foge. O Mestre ficou em silêncio por uns segundos para em seguida balançar a cabeça negativamente:

- Não brinque com fogo menino, você pode se queimar. João, exaltado:- Eu mato ele, e depois fujo com ela. Dessa vez é pra valer e você não vai se meter. - com cinismo - Você não é feiticeiro, faça ele concordar e tudo ta em paz. - Não... é como você disse, não devo me meter na sua vida. Já me meti demais... Vai com Deus, e olha! Eu sou curador, não malfeitor. – Assim dizendo retirou-se para atender alguém que o esperava.

Mudinha ouviu toda conversa e assim que o rapaz fez menção de ir embora, ela correu em sua direção abraçando-o cobrindo com afagos. Ele, bruscamente, soltou os braços da mulher e foi embora. Mudinha ficou olhando a morte acompanhá-lo.

.Chova ou faça sol, a Lua segue o seu ciclo de transformação, e embora menor do que a terra, vivendo em seu entorno, influência o comportamento da natureza desta e de tudo que há nela. Com ela vêm as estações as quais regem o comportamento do homem e produzindo fenômenos que vão alterar o planeta. Uma força motriz faz com que essa roda gigante permaneça dinâmica e impulsiona a vida e a morte na terra.

Cada vez mais, João estava apaixonado e como não tinha oportunidade de estar com sua amada, planejou raptá-la. O coronel levou sua filha para a fazenda, tornando o sofrimento de João mais pungente. Suas noites eram passadas na esbórnia com mulheres, bebidas e carteados, relaxando no trabalho até ser despedido. Numa noite bebeu demais, contando os seus planos para um dos parceiros de jogatina que de imediato avisou o coronel, e este, contra atacou, planejando a morte do rapaz sem se incriminar. Seria na mesa de jogo onde estaria um pistoleiro.

O Mestre Zé Ninguém através da fumaça de seu cigarro de taquari viu toda cena da morte de seu afilhado e então percebeu que não podia interferir, já que era parte do destino do rapaz, o que antes o fizera, arrebatando-o das garras da morte; estaria no local quando teria que reclamar o corpo e dá-lhe um ritual digno de um futuro iniciado no mundo dos Encantados, pois o jovem sem saber, tornara-se uma pequena luz no mundo do Bom Floral e era para lá que sua alma seria encaminhada para adquirir conhecimento do Pajé Mestre e voltar à terra para cumprir sua missão. A sua história de vida estava para se interromper e o Mestre avisou à Mudinha que se pôs a choramingar silenciosamente. Veio a noite e no mundo meretrício fervilhava o sexo, a bebida e o jogo. Numa sala reservada por uma cortina, estava uma mesa, vários jogadores entre eles o pistoleiro, que se pôs em uma das cabeceiras da mesa, frente à João, incitando jogadas altas, bebidas e elogiando a sorte do rapaz que nada percebia, embora, uma das mulheres tudo fez para retirá-lo da mesa; como não logrou seu intento, retirou-se amuada; enquanto os outros

parceiros foram deixando a mesa de jogo percebendo que aquele forasteiro não estava com boas intenções. Já passava da meia noite quando o homem disse para o jovem que ele estava roubando e uma discussão se iniciou com palavrões até que o pistoleiro sacou o revólver e acertou bem na testa do rapaz que nem teve tempo de esboçar sua defesa. O pistoleiro arrebanhou o dinheiro da mesa, foi até o corpo do rapaz, mexeu em seus bolsos, enquanto a gritaria das mulheres, o correr das pessoas presente, a confusão estabelecida, deram ensejo para o assassino sumir despercebido. No mesmo instante, chegaram o Mestre e a polícia que providenciaram a remoção do corpo. Na delegacia, o Mestre confabulou com o delegado e o corpo foi liberado para seu padrinho fazer os devidos preparativos do enterro em seu sítio, já que o morto não era batizado, assim afirmara o Mestre. A notícia correu por toda cidade e as mulheres do meretrício, a zona da ponta da rua, decidiram acompanhar o corpo enrolado em uma rede, até o sítio onde seria velado e enterrado. O dia estava amanhecendo a procissão com o corpo na rede foi, lentamente, saindo da cidade.

O Coronel estava tomando o seu café da manhã, quando apareceu o pistoleiro, pedindo a benção e afirmando que o serviço estava consumado. Levantou-se sem dizer uma palavra foi ao seu escritório por uns minutos e voltou com um envelope, entregando ao afilhado pedindo para ele desaparecer da fazenda por uns tempos. Sozinho, um sorriso aflorou em seu rosto e pensou: - Aquele filhote, de cão sarnento, era uma merda que tinha que se enterrar. Pronto! Querer minha filha, hummmm... - E a vida do Coronel e sua Fazenda continuaram na rotina. A jovem embarcou para a capital, partindo para a Europa. No sítio, o corpo foi posto em uma grande mesa, depois de lavado, vestido e preparado pelas mulheres sob o comando de Mudinha. Flores silvestres e velas faziam parte da mesa. Em voz baixa, as mulheres narravam, cada uma a sua versão, o acontecido, os pressentimentos e a tentativa de tirar o jovem da mesa do jogo. Em vão!

Em uma parte baixa do sítio, onde só havia capim rasteiro, o Mestre mandou abrir a cova, apanhou suas sementes mágicas e foi colocando nos olhos, na boca, nos ouvidos, na testa e no umbigo, enquanto pronunciava palavras mágicas, incompreensíveis para os presentes, começou a pajelança, enquanto as mulheres entravam em transe. Ao cair da tarde, ele pediu para todos se retirarem e ali, sozinho com o corpo, falou: - Sua alma caminha para o reino do Bom Floral e será recebida pelos seus irmãos; seu Mestre-guia lhe ensinará os conhecimentos para o seu renascimento quando então se tornará, assim como eu, um curador, um homem para fazer o bem, e todo mal que havia em você ficará pra traz. - Fez uma pausa, cantou uma cantiga dolente e em seguida enfatizou: - Daqui a três luas uma plantinha brotará em seu túmulo e se tornará uma árvore para dar sombra aos viajantes, alimentos para os pássaros e renovará os ares dessa campina. Assim acontecerá! - Fez uma pausa. - Nesse dia, aquele que cortou as raízes de sua vida, as dele apodrecerão!

Voltou a cantar, um lamento que doía em todos os corações viventes. Os cachorros latiram, as galinhas cacarejaram, as ovelhas baliram e a vaquinha mugiu. - Hoje é um dia muito triste para este pajé, porque teve que cumprir as ordens do Mestre Maior, aquele que diz quando tudo começa e tudo acaba..- Um trovão ecoou no céu, um relâmpago riscou o ar e tudo escureceu. Uma chuva rápida molhou o chão, a cova fechada onde guardava o corpo do jovem assassinado. Todos partiram, apenas Mudinha ficou rezando, encharcada pela água, lágrimas que brotavam da natureza de seu Construtor. O Mestre esperou Mudinha chegar e pediu para ela cuidar daquela nova morada, porque nela nasceria uma linda árvore mágica que acolheria todas as pessoas que amassem ao seu semelhante. Mudinha assim o fez: Toda manhã, antes de cuidar dos bichos se dirigia ao lugar onde enterrara o jovem, colocava flores silvestres, molhava a terra orando pela alma do defunto.

O Mestre Zé Ninguém, Catimbozeiro de fama reconhecida, sentiu no momento que enterrou o seu afilhado, uma dor que abalava seu coração, e, olhando para as nuvens sobre a caatinga, viu a imagem de sua Maria do Céu, ouvindo soluços e pedido de socorro.

Estava na hora de partir, rever sua amada e salvá-la do mal que a afligia.

14. O SANTO DE CASA FAZ MILAGRE

Maria do Céu, no passado, prostituta, hoje, senhora de Pousada, se achava no leito, esquelética, respirando com dificuldade e pedindo a Deus para não morrer sem vê-lo o homem de sua vida, aquele que a livrou do lodo lhe dando uma vida digna; aquele que tanto amava. Já não tinha uma cor de jambo, tornara-se cinza e sem vida. Sabia que estava à beira da morte porque até os médicos que vieram de fora diagnosticaram: Câncer, em estado avançado. Mas ela não tinha medo da morte, todavia, não gostaria de partir sem ter ao seu lado o grande amor de sua vida.. Aguardava o seu pedido de socorro, quando ouviu as batidas na porta de seu quarto e surgindo uma luz que o inundou trazendo esperança para sua alma que aos poucos se esvaía. O alvoroço foi grande quando os empregados da Pousada notaram a presença do Mestre.

Ambos se fitaram: ela, desejando gritar todo o seu amor enquanto ele, a beijava ternamente, sussurrando: - Tu és minha mulher, e eu a levarei para ser dona de minha casa. Com fé nos Encantados destruirei o mal que lhe consome. – Maria olhou dentro dos olhos de seu amado sentindo a sinceridade fluindo como as águas mansas do rio, murmurou: –Acredito!

A noite chegou e com ela se iniciou a pajelança com as rezas, fumaça, cantos acompanhados pelo som do maracá chamando os Mestres do Além, invocando todos os Guias do Mundo Encantado. Mestre Zé Ninguém, tinha que trabalhar com grande ciência e poder dos seus protetores para tirar o seu amor das garras da morte. Quando chegou o meio da noite, Maria do Céu estava inconsciente e ele enfiou os dedos em forma de garra, em seu peito, retirando tudo que havia de podre e ruim. Não era câncer, era um feitiço botado para matá-la, embora ele já soubesse sentiu uma zoeira nos ouvidos, ouvindo sons sibilantes da maldade humana. Era uma casa de cupim, viva, com os bichinhos comendo e bebendo a vida de seu amor. Colocou tudo dentro de uma bacia de louça branca, cobriu com álcool, deu uma longa baforada com o seu cachimbo e tocou fogo. Antes fechara o buraco no peito de Maria do Céu com um pó mágico cobrindo-o com folhas untadas com uma banha mágica. Por três dias e três noites a paciente ficou desacordada, porém sendo alimentada com uma sopa de ervas que o catimbozeiro preparava. Voltando a si, olhou em torno e pediu um beijo de seu amor, que não arredou um só segundo do lado daquela que lhe dava o dom mais precioso que o homem tem: o amor. Os funcionários da Pousada corriam felizes querendo vê-la. O Mestre abriu a porta, entraram como um bando de andorinhas. Maria do Céu foi se recuperando, os dias caminhando, e ela readquirindo sua beleza, seu sorriso prazeroso, e, com a saúde veio o desejo do amor... Vinte e um dias foi o tempo que durou o sofrimento de sua amada, vinte e um dias era o tempo que o corpo de seu afilhado jazia enterrado perto de casa, assassinado a sangue frio, sem dó, nem piedade, mandado pela truculência de um coronel que se achava todo poderoso

na região da caatinga.

Maria do Céu viu a tristeza no coração de seu amado e procurou saber o que lhe deixava daquela forma. Ele precisava colocar para fora àquela dor e o erro que havia cometido. Narrou tudo sem por nem tirar. Um breve silêncio marcou o final de sua dor. Então, Maria do Céu, visivelmente emocionada, fitou o fundo dos olhos de seu grande amor e disse: - Será que não percebeste que o jovem era tua alma que voltara para resgatar o espaço deixado por tu quando seu corpo foi jogado embaixo do pé da Jurema? -

O catimbozeiro arregalou os olhos, sentiu uma pontada na cabeça e um baque no coração: - Oxente! Agora virou senhora de ciência? - E a mulher continuou: - Pois não é que o garoto parecia com tu, vivia em enrascadas, como tu quando era novo e descrente. Era a sua imagem, sua alma que tava cobrando aquilo que os Espíritos de Luz tiraram dele: - Opa peste! - Exaltou-se o Mestre. - O véu tá se levantando, continue! - Ficastes três dias e três noites debaixo do pé da Jurema, morto... e depois disso, voltou sem nem um arranhão, virando curador afamado...

Então, disse ele: - eu perdi meu corpo, mas não o meu espírito, porém minha alma ficou vagando... até encontrar aquele que cumprirá o meu caminho, e assim ficará livre ... -

Maria do Céu: - Vixi! Que coisa complicada! Tu, agora és um espírito mestre com um corpo, adquiriu conhecimento e poder, mas não tem direito de viver com sua alma.

- Assim será até terminada a minha missão, quando eu serei um Espírito de luz, vivendo no mundo dos Encantados. - A charada foi desvendada. - Então... ia concluindo Maria do Céu. - Então... disse o Mestre, - venda tudo, se desfaça do passado e vamos casar.

A mulher deu um pulo da cama, não acreditando naquilo que ouvia, porque era o sonho de sua vida. - É pra já!

15. NÃO HÁ PODER MAIOR

Mudinha se levantara, como de costume, se dirigiu ao local da morada do finado, e qual não foi o seu espanto quando verificou que brotara uma plantinha viçosa buscando o sol, desejando viver porque crescia a todo segundo. A mulher pulava em volta da cova rasa, emitindo sons com as mãos para cima, como quem agradecendo porque sabia que aquela plantinha crescería e se tornaria uma grande árvore como lhe dissera o Mestre, também gozava da certeza

que a partir daquele momento os assassinos de seu menino teriam o retorno de suas maldades.

Na fazenda do coronel o mundo ficou ponta cabeça, com o coronel, gritando que queriam roubar sua filha, se armando até os dentes e dando ordem para seus jagunços tomarem conta da casa, não deixando ninguém entrar. Nos dias que se seguiram ficava andando pela casa falando alto, ameaçando em atirar no primeiro que aparecesse para roubar sua filha. Os empregados comentavam que o patrão havia endoidado porém continuaram suas tarefas. Uma notícia chegou por um jagunço antigo empregado do coronel, que seu afilhado, o contratado para matar o jovem João, fora morto numa briga de feira. E o coronel tornou-se mais agressivo, gritando que ninguém roubaria sua filha. Já não dormia e nem comia, definhando e perdendo as forças. Os familiares foram avisados e apareceram para acudir o coronel. O médico da família disse que ele teria de ser internado numa clínica psiquiátrica, na capital, o que ninguém concordou, então receitou remédios e avisou se ele não melhorasse, não havia outra solução, aconselhando também trazer a moça de volta da Europa, para que ele soubesse que sua filha estava com ele. A jovem retornou e, quando soube dos acontecimentos não suportou a idéia de ter um pai assassino. Portanto, raramente procurava o pai.

O coronel vivia dopado mas sempre que o efeito dos remédios passava, reiniciava a sua luta para salvar sua filha das garras do jovem ladrão que desejava roubá-la, dizendo que ele estava dentro de casa. Veio o padre para fazer o exorcismo; veio o pajé, o catimbozeiro, e todos os curandeiros da região... E o coronel continuava, com mais violência, a comandar a guarda da casa contra o intruso. Os familiares se reuniram e chegaram a conclusão que era melhor seguir a orientação médica e interná-lo numa clínica, a mais conceituada da capital. Porém, antes procuraram o Mestre Zé, mas como não o encontraram, a internação foi inevitável.

Mudinha, como de costume, assim que se levantou, pela manhã, foi em direção à cova onde estava o corpo daquele que amara como filho. A plantinha crescia como se desejasse alcançar o mundo rapidamente. Ali, ficava rezando, e mentalizando seus desejos. Mas, dessa vez sentiu que os galhinhos da planta balançavam freneticamente, embora nenhuma brisa passasse em volta, apenas o calor do sol que começava a mostrar sua força. Admirada, pensou quem poderia fazer a plantinha balançar os seus galhos, e as palavras vieram em sua mente: - O Mestre vai casar e trazer a dona de seu coração para viverem juntos... - Mudinha, sobressaltada, não sabia se era imaginação, coisa de sua cabeça, ou se um recado do defunto que ali jazia. A planta emitiu um som, então ela acreditou que era verdade: A plantinha mágica já estava se manifestando. Agora, ela teria com quem conversar sem precisar falar, e pensou: - Que bom! O Mestre tem sua companheira e ela deve ser boa de coração como ele.

Na fazenda, ninguém tinha mais como fazer para controlar o coronel. Todos afirmavam que só o Mestre Zé Ninguém, seria capaz de tal proeza, mas não havia como encontrá-lo, pois sumira desde o assassinato de seu afilhado.. A resistência do coronel quando viu a ambulância, foi violenta, ameaçando matar quem dele se aproximasse. Porém sua filha interferiu mostrando ao pai que ela estava bem e se viajassem o rapaz não saberia onde eles estavam. O coronel baixou a guarda e apoiado por sua filha foi dominado e partiu para a capital tendo sua filha diletta como acompanhante devotada. Na clínica, vivia sedado e preso à cama, e, quando começou a ter um pouco de lucidez percebeu que a única maneira de se livrar de tudo aquilo era fugir, porque mesmo sabendo que sua filha estava bem, acreditava que o moço atrevido descobrindo seu paradeiro fosse roubá-la. Iniciou o trabalho de sedução demonstrando uma rápida recuperação, tratando a todos de maneira gentil, tornando-se dócil e atencioso. Porém, conversando com seus botões dizia: -Assim, logo fugirei e vou procurá-lo e matá-lo. Depois, então, voltarei para a fazenda como se nada tivesse acontecido, e minha cabeça pára de me perturbar.

As cicatrizes dos seios de Maria do Céu sararam rapidamente, a alegria intensa de seu olhar voltou a brilhar, os médicos não acreditaram no que viram e a cidade inteira comentou mais um novo milagre do Mestre Zé.

Catimbozeiro. Assim, a morena foi providenciando sua mudança de vida e local, vendendo tudo, enquanto o Mestre foi visitar um outro lugar, dando tempo para que sua mulher se desfizesse de tudo aquilo que quase a matara. Ela sabia da estória da cabocla da beira do mar e da amizade que os pescadores devotavam o homem que era um deus para eles.

O Mestre Zé Catimbó ressurgiu naquele povoado de pescadores num domingo quando todos estavam descansando e os raios do sol beijavam as ondas do mar, deixando-o azul prateado. O alvoroço foi grande e logo todos estavam em sua volta tomando a benção e ansiosos para contar as novidades na sua ausência. A mãe de Moreninha apareceu com uma criança enrolada em um pano encardido e com as lágrimas descendo pelo rosto, entregou-o ao Mestre. Este olhou aquele embrulho e o abriu sem demonstrar surpresa, olhou a criança com um ar enternecido. Não podia ser diferente, era seu filho, e assim procurou o jovem que casara com sua moreninha, sentindo a verdade no rosto de todos do povoado: Morreu no mar. A criança era amamentada pelas mulheres; forte e robusto se agitava nos braços de seu pai. O catimbozeiro pediu para a avó ficar com a criança até o dia seguinte, devido a homenagem que prestaria ao pescador que amara porem não teve o amor. . Mais uma vez percebeu que continuava resgatando sua dívida com a morte que não conseguiu levá-lo. Dois jovens, duas almas, enquanto ele vagava pelo mundo afora. E o terceiro seria ele ou seu filho, arrematara. Mas enquanto o destino não se cumprir, seu filho seria seu ajudante na magia.

Quando o catimbozeiro deixou a vila de pescadores e entregou sua menina morena para um jovem morador, sentiu que ainda voltaria para resgatá-la. Todavia, não atinou, preocupado que estava em partir, com a gravidez de Moreninha, e esta para não atrapalhar sua viagem nada dissera para não interferir nos seus planos. Morena aceitou o novo companheiro, não falou sobre a gravidez e nem dedicou o mesmo amor que tinha ao seu Mestre. Foi apenas mulher e esposa. Mas quando o ventre cresceu não havia o que esconder e todos tinham certeza de quem era aquela criança. Daí em diante, o jovem tornou-se macambúzio, bebia muito e se tornara relapso na pesca, até que não suportando mais a dor, partiu sozinho em sua canoa e se entregou ao mundo dos companheiros afogados no mar. Morena não derramou lágrimas, apenas acariciava seu ventre, embevecida de felicidade; a criança nasceu, mas ela se foi com um sorriso de felicidade, afirmando a todos que o pai vinha buscá-lo. Era para entregá-lo porque era fruto de um grande amor.

No mar o Mestre desapareceu, andando e indagando ao povo daquele reino onde estaria o jovem que morrera por amor. Dona Janaina, a sereia do mar, recebeu-o, mais uma vez, com desvelo, e o levou para encontrar a alma do jovem, porque seu corpo não mais existia. Então Zé Ninguém implorou para que Dona Janaina colocasse a alma do rapaz que vagava pelas profundezas do oceano em um corpo para que ele pudesse enterrá-lo e assim acabaria com o seu sofrimento. A Sereia cantou várias noites e finalmente pediu ao deus Olokum para devolver o corpo do infeliz pescador em troca lhe daria o corpo de um marujo beberrão. Muitas noites se passaram, enquanto a Sereia Janaina cantava para os marujos dos navios que iam e viam. O Mestre ficava solitário entre as nereidas, se lamentando. O Deus Olokum se apiedou e cedeu ao apelo de sua querida rainha. Quando o mestre surgiu na praia com o corpo do jovem os companheiros iniciaram os preparativos para o velório . A família do rapaz emocionada juntamente com todos da vila o enterraram numa rede, enquanto afirmavam que agora o rapaz estava em paz.

No dia seguinte, os funcionários da clínica deram pela falta do coronel, ele já se achava longe, e seguindo em direção contrária à sua fazenda, se declarava coronel em busca de um jovem que queria roubar sua filha. Ninguém lhe dava atenção, pois percebia que era um velho demente. Fugindo se embrenhava pelas estradas, dormindo ao relento e comendo restos jogados fora. Para esquentar os ossos, conseguia, de vez em quando, um trago de cachaça, e assim tornou-se um bêbado que não falava coisa com coisa. Com as roupas em frangalhos encontrava quem lhe desse algo para vestir tornando-se uma figura sem brio e amor próprio. Estava deitado na calçada, encostado na parede de uma casa em uma pequena cidade onde naquele dia, havia a feira semanal. Comia o que recebia como esmola, algumas migalhas, sem, contudo despertar piedade dos moradores que acreditavam ser mais um bêbado.

Mestre Zé do Catimbó resolveu partir naquele dia. Era uma tarde de sol escaldante, brisa fresca, com a vila silenciosa. Os moradores já haviam providenciado a acomodação da criança para o mestre carregar, e assim, ele recebeu a criança em uma cesta de palha, forrada com um pequeno pano branco, esmeradamente preparado para aquela viagem, com a criança coberta por um tecido fino de algodão, bordado que o protegia dos raios do sol, além do leite de cabra em uma garrafa, para aplacar a fome no momento em que ele chorasse. O Mestre foi se despedindo de todas as famílias e dos companheiros de pescaria que agradecia pela sua presença naquele lugarejo trazendo fartura para todos. Com a cesta na mão se dirigiu ao outeiro onde estava a capela, entrando e fechando sua porta, enquanto lá fora uma trovoadá prenunciava chuva abundante. Todos correram para suas choupanas e nunca mais viram o Mestre Zé do Catimbó.

Maria do Céu vendeu e deu tudo que havia acumulado todos aqueles anos no momento exato que viu seu querido homem se aproximar com a cesta na mão, e, ao verificar o conteúdo que havia nela deu um grito de alegria e surpresa. - Nosso filho, Zé, - exclamou. E não se separou da criança que aceitou um colo quente e maternal. Ambos se amaram a partir daquele momento. Os três saíram da cidade e caminhando entraram no ventre da terra...

Juazeiro do Norte, terra de padre Cícero, é um eterno centro de romaria em busca de cura para os males, milagres ou para pagamento de promessas. “Padim Ciço”. como é chamado pelo povo do Norte e Nordeste, é um Espírito Encantado e a fé que se tem neste Encantado foge a qualquer bom senso. Os milagres acontecem em série, a devoção se multiplica, fazendo a cidade de Juazeiro viver sob um mundo encantado de rezas, cantos e luzes. Em frente a estátua do padre estão os três, ela, para cumprir promessa e se casar, ele, o Mestre, para aceitar o pedido de sua Maria do Céu: Casar e batizar o herdeiro. Visitaram a capela e a seguir, com simplicidade, casaram na fé de Padre Cícero. A criança foi batizada e recebeu o nome de José Raimundo, e no futuro seria o Mestre Zé Raimundo do Catimbó. A partir daquele momento Maria do Céu passou a se chamar, Peregrina, a cabocla, agora juremada pelo poder de seu “Padim Ciço”. Aos poucos, adquiriu ciência e tornou-se uma Mestra de muito saber e poder.

O Coronel tinha sede e precisava de um gole de cachaça, mas ninguém se importava, apenas um cafuzo o observava com os olhos de águia preste a cair sobre a presa. O homem se aproximou, olhou, examinou e em seguida chamou-o de coronel, que apesar de sua memória embotada olhou para o homem e assentiu com uma cusparada de saliva seca. O homem foi até uma tenda próxima, comprou uma garrafa de cachaça, voltou e entregou para o coronel que avidamente enfiou o gargalo na boca e sorveu vários goles, defendendo a garrafa sobre o peito para não lhe tirarem. O homem, mistura de índio com negro, feição rude, crestada pelo sol causticante do sertão e a lida na terra, ficou rondando até que a noite desceu e todos fecharam suas barracas, se recolhendo para o dia seguinte, quando daria continuidade à feira. Na madrugada, encostou sua carroça perto do corpo do coronel que jazia esticado na calçada,

chamava por sua menina moça. Foi posto dentro da carroça como um fardo qualquer, e, procurando não fazer barulho saiu rua afora até sumir na estrada que começava onde a cidade terminava. No dia seguinte, a feira reiniciou sem que ninguém percebesse a falta do mendigo, que naquela altura estava léguas de distância viajando numa carroça sem noção dos acontecimentos que viriam. Em um sítio de poucos alqueires ficava uma palhoça, em frente uma imensa árvore frondosa que tinha várias serventias. O coronel foi jogado ali como se fosse um saco de batata, mas continuou anestesiado pelo álcool, não sabendo onde estava e quem era aquele homem que lhe dera a garrafa e lhe trouxe até aquele lugar. Zé Firmino assim se chamava o cafuso, iniciou os preparativos para quando chegasse a noite seguinte se identificar, porque tinha certeza que o coronel já estaria em melhores condições da cabeça.

Mudinha, radiante de felicidade, não fazia outra coisa senão acalentar o neném, e demonstrar o seu afeto pela nova dona da casa. Peregrina seria muito querida em sua nova casa. O Mestre foi diretamente para o túmulo de seu afilhado e lhe desejou paz no seu novo mundo; verificou a árvore crescendo e lembrou-se do Coronel, o que não demorou, as notícias foram chegando pelos seus adeptos da cidade. Ele ouviu, fingindo nada saber, balançava a cabeça negativamente, e afirmava, com gestos, que nada escapa da justiça divina e só esperava que o Coronel encontrasse a paz para sua alma atormentada. Até o médico, amigo e admirador, apareceu, ficando surpresa com seu casamento e a criança, desejando tudo de bom, acreditando que era melhor assim porque ficava mais fácil de encontrá-lo. Ambos tomaram um cafezinho preparado por Peregrina, deixando o médico estalando os lábios de satisfação pelo sabor do líquido. Conversa vai, conversa vem, e como seria inevitável, a curiosidade do doutor sobre o sumiço do corpo do rapaz no necrotério veio à tona. O Mestre Zé Ninguém ficou balançando a rede, ganhando tempo, para finalmente convencer o amigo que nada sabia, que talvez os ladrões de corpos tenham levado, como o rapaz não tinha família, ou então os doutores como ele, surrupiaram para fazer pesquisa.

O médico fingiu acreditar, mas voltou a carga indagando como era possível que o jovem morto na cidade próxima fosse seu protegido e parecia muito com o outro. O Mestre não soube explicar, alegando ser coincidência porque tinha muitos afilhados e protegidos por toda aquela região; arrematou, e filhos, com certeza... soltando uma gargalhada que chamou a atenção das mulheres. O médico se rendeu à esperteza daquele sertanejo e ao mesmo tempo achou por bem respeitar as regras de seu mundo, mudando de assunto e alegando que ficaria uns dias na cidade para continuar a pesquisa para seu livro. Assim veio a noite, o jantar, para em seguida o médico partir prometendo voltar pedindo para ele não ir embora. O Mestre prometeu que ficaria enquanto o médico estivesse por aquelas bandas.

No domingo, Peregrina foi a missa com Mudinha e a criança, percebendo, ao entrar na igreja, os olhares que os presentes fixavam nela; depois da missa, muitas beatas vieram cumprimentá-la e olhar a criança, porque todos já sabiam que era filho do Mestre, fazendo com que ela repetisse inúmeras vezes que também era seu. Zé Raimundo recebeu muitos carinhos e mimos, rindo para umas chorando para outras, esperneando como querendo chutar algumas. Naquele domingo, o Mestre recebeu a visita da filha do Coronel que lamentou a sua ausência para curar seu pai que agora estava sumido, e só Deus sabia onde estava, embora as autoridades da capital fizessem todo o esforço para encontrá-lo; chorou com sinceridade, a atrocidade que fizeram com o jovem que a amou, e se sentiu culpada por toda aquela tragédia; no mesmo instante o Mestre pegou sua mão e a levou ao local que o jovem estava se decompondo, sendo que seu espírito se revestia com uma nova luz. A moça, ao ver a árvore que crescia um centímetro por dia, ficou impressionada como seus galhos que balançavam freneticamente,

embora não ventasse naquele momento. O Catimbozeiro afirmou que era o jovem lhe dando adeus e que chorava de amor por ela, porque as folhas da árvore começaram a derramar água abundantemente. A jovem não resistiu, desmaiou e quando voltou a si, prometeu que nunca se casaria, por que nunca teria um amor tão belo e tão grande como aquele que mesmo após a morte continuava a amá-la.

Então, começou a destilar rancor que sentia por seu pai, desejando que ele nunca fosse achado e morresse para pagar seus pecados. - Assim será! - respondeu o Mestre. Ela rogou licença para visitar o túmulo do homem que a amou tanto. - Pedido concedido. Você aprenderá a conversar com ele através da árvore, que embora cresça cada dia mais, sempre levará suas palavras.

O Coronel acordara com mãos e pés amarrados, no tronco da árvore, nu como veio ao mundo; corpo esquelético e branco tremia gritando para soltá-lo que não era homem para tal brincadeira. O cafuzo se aproximou, levantou o rosto do coronel e o fez olhá-lo, perguntando se o reconhecia, fazendo com que o coronel negasse com palavrão. - Filho-de-uma-égua! Lembra daquele empregado que você botou no tronco e deu uma pisa de chibata e depois expulsou de suas terras, só porque pegou um novilho para sustentar sua família? O Coronel olhava para o homem tentando se lembrar, mas, foram tantos que apanharam de sua chibata... e sua cabeça estava martelando... - Não lembra! Foram muitos. - Então, vou lhe dá mais uma ajuda: Lembra daquela menina que só tinha doze anos e você a desonrou e hoje ela é rapariga? A mente do coronel se desanuiu e ele pensou como poderia esquecer aquela pitomba doce, menina de bunda grande, seios durinhos e a boca cheia de dentes da cor de leite. Aquela foi especial. - Agora, patrão, vou lhe dizer, por tudo isso minha muié morreu de desgosto e eu fiquei jogado no mundo sem a minha riqueza. O Coronel, no limite de suas forças tentava se livrar do tronco da árvore. Com um cinto de couro cru, molhado, começou a malhar o corpo nu do coronel, enquanto este urrava e se contorcia de dor. - Essa pisa é pra devolver aquela que você me deu! Com ódio e muita fúria ia batendo até o coronel desfalecer. Em seguida, pegou a peixeira bem amolada, mas percebendo que a vítima estava desacordada, jogou água em seu rosto, para iniciar um novo suplício. - Agora, coronel, pelo mal que você fez a minha filha, não vai ter mais isso! Com destreza arrancou os testículos com o pênis, jogando para os bichos comerem, enquanto o pobre homem urrava e desfalecia. O sangue molhou a terra calcificada pelo tempo, formando uma poça e abrindo um canal para um filete seguir adiante. Não satisfeito, com a mesma arma enfiou no peito do coronel e com a mão puxou o coração, afirmando que ele matara sua mulher, do coração, assim ele morreria, deixando o corpo do coronel amarrado, levou o seu coração coberto de sangue que descia pelos dedos, assou na brasa e comeu. Antes do amanhecer desamarrou o corpo, colocou em um saco, cobrindo de folhas verdes para estancar o sangue e amortecer o odor, jogou-o na carroça, limpou o terreno em volta da árvore, partindo, sumindo na caatinga, nos grotões ermos da região. Na encosta de um penhasco, aproveitando a sombra do sol do meio dia, executou os últimos detalhes de seu plano: esquartejou e desossou o corpo, se dirigiu a uma caverna, fez uma fogueira jogando os ossos nela: As carnes, foram jogadas numa grota funda, para os animais que viviam rondando o local pudesse ter um momento de fartura. O coração daquele homem, que até o momento estava pesado de tanto ódio, se sentiu mais leve a ponto de dormir tranquilamente, dentro da carroça. O sono durou até o momento que a escuridão tomou conta da caatinga. Voltou para seu casebre, arrumou suas tralhas e desapareceu. A árvore, que presenciara o ritual macabro, entrou em um processo de destruição, perdeu suas folhas, secou e morreu. Os viajantes evitavam passar por perto, afirmando que era mal assombrada.

16. O NOVO INICIADO E SUA APRESENTAÇÃO

O Mestre Zé Ninguém voltou a atender as pessoas, ora em sua casa, ora os chamados dos moradores da vizinhança, porque doença e desgraça está sempre presente na vida, seja rico ou pobre, o Grande Espírito deixou na terra para diminuir a vaidade e o orgulho dos homens. E como também deixou a Esperança. Dessa forma todos procuravam os curandeiros e feiticeiros para serem curados ou aliviados de suas preocupações.

Zé Ninguém não aceitava dinheiro, recebendo em troca alimento, tecido, e tudo que servisse para suas necessidades. Peregrina sempre o acompanhava, ajudando e aprendendo foi se tornando uma Mestra de respeito. O menino Zé Raimundo estava crescendo e mostrando o seu dom de herança, conversando com os animais, pássaros e os bichos, aprendendo a domar as cobras e curar suas mordidas, além de conversar com os Encantados. Amava sua avó Mudinha e conversava com ela através de gestos e sinais; sua mãe Peregrina, às vezes era severa com suas traquinagens porém o amava por demais; seu pai, era tal a admiração, que não podia ficar muito tempo sem a sua presença, embora não o mimasse. A vida seguia, e o tempo estava dividido entre o verão e o inverno. Muito sol e pouca chuva, muitos pobres e poucos ricos, que concentravam as terras em suas mãos. A árvore do defunto crescia e parecia não parar, criando bastante sombra no verão onde o menino Zé Raimundo gostava de brincar e se divertir com as histórias que ouvia daquela planta.

A madame voltou. Dessa vez não demonstrou tanto orgulho como anteriormente. A Mestra Peregrina a atendeu e ambas entabularam uma conversa até a chegada do Mestre, que a cumprimentou com cortesia, solicitude e bondade. Peregrina foi apresentada como sua esposa, entraram logo a seguir os dois ficaram a sos. A madame sentia-se acanhada para iniciar sua história, e assim, o Mestre a ajudou.

- E o coronel, ta mansinho? -

A madame constrangida: - Por demais, Mestre. Por demais! Deixe que eu lhe conte o sucedido. Ele decidiu ficar comigo e largar as outras mulheres... Mas, eu não falei para o senhor que ele gostava de montar cavalo, participar de torneios, equitação, sabe. – pausa. O Mestre fingia nada saber e muito interessado naquela história. - Um dia... já vão anos... a infelicidade aconteceu... Caiu do cavalo e foi esmagado. O cavalo pisou com toda força esmigalhando tudo o que ele tinha de bom... se é que o senhor me entende! ... Perdeu tudo, deixou de ser homem e só pensa em se matar. Agora, eu não agüento mais! A esposa dele não o quer de volta, nenhuma mulher o quer...

O Mestre continuou fingindo, e indagou:

- Mas a senhora não era a esposa? Se eu me lembro foi assim que a senhora se apresentou. -

Ela, cabisbaixa, esfregava as mãos.

- Foi... Eu disse! Eu queria ele só para mim e pensei que casaria...

O Mestre retrucou:

- Eu disse, lembra? Aqui é uma casa dos Encantados e eles escutam tudo, sabem tudo...

A madame inicia um choro.

- O que é que eu faço. Os médicos falam em implante, operar, plástica, mas não é a mesma coisa. Já fui a tudo quanto é feiticeiro e eles dizem foi feitiço, mas só quem fez pode tirar. Por isso vim procurar o senhor. .

O Mestre com o ar severo:- A senhora está colhendo o que plantou. Humildade e

sinceridade não fazem mal a ninguém.

Deixe que os médicos façam um implante. A medicina está avançando no saber.

A madame, chora desconsolada.

- Ele é velho, eu sou jovem, não quero passar o resto de minha vida com um homem assim... Tenho luxo, conforto, mas não é tudo, se é que o senhor me entende.

O Mestre, categórico.

- Arranje um amante.

- Ele me mata! – A mulher exclama parando de chorar.

O mestre é categórico.

- Infelizmente nada mais posso fazer. A senhora queria uma coisa, mas não soube ser sincera, pediu com arrogância, o dinheiro não compra tudo. Aprenda a conviver com os seus próprios erros. Levantou-se dando por terminada a consulta.

A madame entendeu e se dirigiu para o carro onde o motorista a esperava.

Quando Zé Raimundo fez sete anos, seu pai decidiu que era chegado o momento de apresentá-lo aos seus mestres do Além. A Mestra Peregrina, embora confiasse no poder dos Encantados, ficava preocupada, com seu coração pulando de ansiedade e rezando para que o menino fosse aceito por eles. Pai e filho partiram e, antes o Mestre procurou acalmar os corações das mulheres. Chegaram à margem do rio, o pai iniciou uma cantoria chamando o povo das águas doce que atendeu, e em volta dos dois envolvidos pelas águas foram levados para o fundo, sendo recebidos pelos Mestres das águas e abençoados por eles. A criança, bem instruída, nada fazia além daquilo que lhe ensinara seu pai, e todos admiraram o conhecimento e esperteza daquela criança. A seguir, chegaram no mundo das Ondinas, recebidos com alegria por Dona Janaina, a sereia, senhora do mar, e sua corte. O garoto, foi instruído no poder daquele mundo e aprendeu como lidar com ele e receber sua proteção. Andou no dorso do cavalo marinho, deitou nos braços das nereidas, brincou com as estrelas do mar, até que chegou ao palácio de Olokum, que lhe deu sua benção e o aconselhou a fazer o bem. Dias e noites se passaram até que foram liberados a partir no caminho dos astros para encontrar sua Estrela protetora e aprender a lidar com o povo dos ares. A cauda de um cometa os levou. No colo da Mestra Estrela do Orion, senhora que ilumina o universo, Encantado que mantinha a ciência e o saber das forças dos ares, foi revelado ao menino o dom de dominar todo aquele conhecimento, desde que ele respeitasse e atendesse os seus conselhos, tendo a mente sempre ligada aos seus sinais. Era muito importante conhecer a linguagem simbólica do povo dos ares, acreditando que o impossível não existe. Demoraram mais um pouco no mundo dos ares porque era vasto, imenso e poderoso. Quando Zé Raimundo já havia aprendido os conhecimentos do povo dos ares, pai e filho montaram na cauda de um cometa e iniciaram uma nova trajetória. Desceram em uma floresta densa e foram recebidos pelos Espíritos de Ajucá, levados ao Espírito mestre de Zé Ninguém, Guia Chefe daquele povo, Urubatão. Todos os Espíritos daquele mundo se regozijaram criando um bom clima para o aprendizado de Zé Raimundo, que tudo absorvia como se já soubesse pertencer aos Encantados. Aprendeu a lidar com as ervas, suas cores, seus formatos, quando conseguiu abarcar todo os saberes, foi a vez do aprendizado do uso, tanto para o bem como para o mal, das plantas, seus caules, suas flores e raízes, além dos diversos métodos de preparo para curar as diversas doenças dos homens. Aprendeu a lidar com os animais de toda espécie, principalmente as cobras. De um tudo lhe foi ensinado e ele assimilou com muita facilidade. A sua escola da vida seria os quatro elementos da natureza porque eles seriam a bússola de sua vida na terra. Veio a estação do inverno e os dois seguiram uma nova etapa. Era o momento de Zé Raimundo

adquirir os conhecimentos do mundo do fogo e ser aceito por seu Mestre Encantado, para assim manipular os conhecimentos e saberes de um mundo perigoso e traiçoeiro. Caminharam em direção a um tufo de fumaça que subia entre as árvores, encontraram uma clareira abrasadora e ficaram observando o crepitar dos galhos das árvores sendo devorados pelas chamas, que bailavam ao sabor do vento; trazendo um som mágico, uma música inebriante, cores que fascinavam ao menino Zé, naquele mundo transparente e de odores estonteantes. Largou a mão do pai, dizendo: - olha pai! Ela ta me chamando, rindo, pai! Linda, pai! – Partiu em direção a uma chama que ora crescia ou diminuía em seu tamanho, mas que com a aproximação da criança, veio em sua direção, envolvendo-o de tal forma que em segundos só havia naquele local, Zé Ninguém, cantando, e brandindo o seu maracá enquanto dançava, erguendo as mãos para o alto, soltando gritos de vitória. Era seu filho e fora aceito no mundo dos Encantados. O vento continuou a soprar, o fogo, a queimar, calcinar a terra, deixando espaços vazios, queimados, abrindo clareira na mata por vários dias e várias noites.

Zé Raimundo se deparou com uma bela mulher, jovem, alegre, envolta em um longo manto cravejado de estrelas brilhantes como brasa, cercada por inúmeras pequenas chamas, pulando, assobiando, cantando. No colo da linda mulher foi iniciado nos segredos do fogo, aprendendo suas artimanhas, seus domínios, a sobrevivência dos Encantados daquele mundo e tudo que poderia usar para salvar o homem. Ao pequeno mestre lhe foi indicado como seu Mestre Guia, que o batizou: - Mestre Raio do Mundo! – E lhe disse se chamar, Mestra Luz das Trevas, o Encantado que domina o poder do povo do fogo e todas as suas forças. Raio do Mundo partiu em um cavalo de fogo, chispando pelo ar, deixando-o ao lado do pai, se desfazendo em seguida. Ambos seguiram viagem sem perguntas nem comentários, sendo vistos no momento que apareceram na estrada empoeirada que findava na cancela de propriedade do Mestre Zé Ninguém.

A rotina voltou a se estabelecer naquele sítio. A plantinha crescera tornando-se uma árvore frondosa. O Coronel foi dado como morto e sua filha continuava solteira, visitando, regularmente, a sepultura, do homem que tanto lhe amou, agora protegida pela sombra da árvore da magia; Mudinha com doçura e paciência, continuava a sua rotina enquanto, sob a proteção de seu Mestre, Peregrina desenvolvia um trabalho de cura e reza que a estava tornando famosa, indo a Juazeiro todos os anos agradecer por tantas graças alcançadas. Na idade adulta, Zé Raimundo passou a viver o mundo dos homens, imaginando que o passado foi uma brincadeira que seu pai lhe aprontara, visitando o bordel, bebendo e jogando; raramente, chegava sóbrio, além das dívidas para seu pai pagar e este o fazia sem protestar, porque sabia por experiência própria que era a fase de contestação aos Espíritos, assim como ele o fizera. Apesar da diferença de idade, Raio do Mundo começou a observar a filha do coronel descobrindo que seu interesse aumentava, na medida em que se aproximava mais da moça, e durante suas visitas o local onde a árvore crescia passou a cotejá-la, embora ela não percebesse seu interesse amoroso; ele sabia de sua estória e a promessa que fizera, mas, pensava que era um desperdício uma jovem bonita daquela ficar virgem e solteira, meneando a cabeça, pensava que ela não nascera para titia. Quanto mais se aproximava dela e entrava em sua vida, mais se enrabichava, até que, durante a noite quando ela voltava para a cidade, pediu para namorá-la. Ela riu, achando uma infantilidade deixando-o zangado, o que o fez afastar-se da vida da moça evitando encontrá-la nas suas visitas. Ela percebendo, achou que deveria pedir desculpas, afinal ele era um homem e apesar da diferença de idade nada impedia que a amasse. Por outro lado, começou a sentir sua falta, seu magnetismo, sua beleza, apesar de estar vivendo de maneira reprovável. Esperou-o se distraindo com as mulheres da casa, disfarçando a sua ansiedade, mas Peregrina, atenta, nada deixava

escapar, mandou Mudinha com um recado para o jovem, que veio prontamente, e agastado, ao ver a jovem, tentou voltar, o que foi impedido por sua mãe, que lhe disse para levar a moça em casa, porque já era tarde para uma jovem de família andar sozinha. Relutou, a princípio, mas ao ouvir a jovem dizer que precisava lhe falar, aquietou-se. Depois que tudo foi esclarecido e as dúvidas dirimidas, se beijaram; e, a partir daquele momento, o jovem a visitava freqüentemente deixando o seu lado libertino desaparecer lentamente. O elo foi se fechando, o amor fluindo, superando os obstáculos.

17. O ESPÍRITO É O ELO ENTRE A NATUREZA MATERIAL E SEU DESTINO

Havia em uma cidade distante, uma jovem que era considerada louca, mas não era agressiva e estava sempre perambulando pelas ruas pedindo comida, envolvida em trapos, falando agitando as mãos, catando lixo, acumulando uma série de bugigangas jogadas na rua, dizendo para quem quisesse ouvir, que estava em uma longa viagem para reencontrar o seu amor que a havia abandonado. Sua família levava de volta e por dias ela ficava tranqüila, parecendo aceitar o convívio, mas quando todos acreditavam que ela não mais fugiria, desaparecia sem deixar rastros, voltando ao seu mundo anterior e suas alucinações. De vez em quando abordava os homens, olhava-os com insistência, imaginando ser aquele dos seus devaneios.

Mestre Zé foi chamado pela família que lhe relatou os acontecimentos, implorando para curá-la, porque ninguém havia conseguido tal proeza, nem mesmo a medicina. Muitos homens se aproveitavam e mesmo na rua a engravidava, apesar de sempre abortar. Com o Mestre presente, a família conseguiu trazê-la para casa, mais uma vez, e ao ver aquele homem estranho, sentiu um forte impacto, perdendo os sentidos. E assim, naquela noite, o Mestre abriu uma mesa de Catimbó, iniciando o trabalho com toda família presente.

Na mesma noite, Zé Raimundo e a filha do Coronel desapareceram da cidade deixando seus moradores em polvoroso e a família apreensiva. O casal havia fugido e se estabeleceu na capital. Rosa Maria era o nome da filha querida do coronel, que com suas economias acumuladas com os bens que herdara de seu pai não teriam dificuldades para iniciar uma nova vida. A princípio, um mar de rosas flui entre o casal; porém, no decorrer dos dias, o jovem foi ficando nervoso, saindo e voltando tarde na noite. Ela, apesar de apreensiva, guardava suas mágoas no coração e o tratava com desvelo e carinho, estabelecendo uma tácita aliança de compreensão. Rosa Maria não o culpava. Na solidão de seu leito, sabia que chegaria um dia que ele procuraria outras mulheres mais jovens, mas não tinha dúvida quanto seu amor, e, sempre que voltava, era

devotado e carinhoso. Não usava o dinheiro dela, pois tinha sorte e raramente perdia, deixando os parceiros cabreiros com sua sorte e como ele conseguia ganhar tanto sem trapacear. A esposa foi definhando, sabendo que vivia com um homem mais jovem, com um espírito aventureiro. Logo veio a doença, e, quando decidiu ir ao médico por insistência dos amigos, o diagnóstico foi de câncer nos seios. Raimundo, levando sua vida dissoluta, mal se dava conta, e uma noite, na mesa do jogo, recebeu a notícia que sua esposa estava passando mal. Em segundos estava ao lado de Rosa Maria, atarantado, se desculpando, chorando e implorando perdão. Ela estava morta.

O Mestre Zé Ninguém passou a noite entre defumações, rezas, cantos e aplicação de sua terapia vegetal, em volta do corpo da jovem que continuava inconsciente. Após três dias de intenso trabalho, aquela estrela que ganhara do povo do mar foi posta na testa da jovem, e, então algo sucedeu: De um pulo, ela se ergueu, pegou a estrela e começou a mastigá-la, enquanto o Mestre, com as pontas dos dedos apertava seu crânio, e, na proporção que engolia os pedaços da estrela, vomitava todo tipo de verme, além de agulhas, alfinete e linha, deixando um forte odor, obrigando os presentes a se retirarem.

Com seu cachimbo, o Mestre baforava sua cabeça ajudando a se livrar dos entulhos que saíam de seu corpo. Em seguida, foi levada para tomar um banho de ervas misturado com os pós mágicos do catimbozeiro, foi se recuperando lentamente. Houve uma comoção na casa, uns choravam, outros riam e muitos, assustados sumiram pela rua afora perturbados com os acontecimentos presenciados. Depois de vestida e alimentada, a jovem não cansava de perguntar o que acontecera e quem era aquele homem. O Mestre se apresentou e disse que ela foi enfeitada por causa de seu antigo noivo que a abandonara, fazendo a jovem desabar em prantos, e perguntando o que seria de sua vida. Zé Ninguém lhe disse que em vinte e um dias ela conheceria o homem que a fazia feliz, deixando uma série de preceitos para ela cumprir antes que seu pretendente chegasse além de pedir para todos os familiares nada comentarem sobre o fato.

O Mestre Zé Ninguém chegou à capital, onde encontrou o filho de luto, desesperado, se culpando pela morte de sua mulher e xingando os Encantados, seus orientadores, por não o avisarem. Seu pai percebeu que ele havia perdido os poderes que recebera na sua iniciação e estava tomado pelo Senhor Guia Mestre das Trevas, que o levava a cometer o mal e viver do mal. Mas aos poucos, foi acalmado o coração do filho, sem nada falar ou comentar, apenas rezando suas rezas de cura espiritual. Quando sentiu que poderia dizer algo para o filho, disse: - O Destino é obra do Todo Poderoso; é Ele quem constrói as nossas existências, e, quando nos rebelamos, vem o momento do desvio e somos apossados pelos Encantados das trevas.

Naquele momento abriu o livro de seu destino, e , como seu filho surgiu em sua vida. Na manhã seguinte, a casa estava fechada, e nada mais restava para lamentar. Os dois chegaram ao sítio, após ter visitado os mestres Encantados para recuperar a força e o poder que Zé Raimundo havia perdido.

O jovem Zé armou a rede sob a árvore da magia, que se tornara alta e frondosa, e durante vários dias e noites ficou sem falar, recusando a comer e beber, fazendo a Mestra Peregrina usar de sua autoridade para que ele se alimentasse. Na última noite sonhou com o afilhado de seu pai, enterrado sob a árvore, lhe dizendo que tudo faz parte de um projeto maior do Criador e assim Zé Raimundo fora apenas instrumento para cumprir o que era da vontade do Senhor da vida. Ela estava ao seu lado, em outra vida, resgatando o amor que não fora possível realizar na vida material. E então, ela aparece. Risonha e feliz, beijando seu rosto, ternamente, pedindo para ele não se sentir culpado e cumprir seu destino. Acordou com Mudinha beijando seu rosto e derramando lágrimas de pesar. Ele, se ergue, apertou o corpo dela e a cobriu de beijos, segurando suas mãos começam a rodar, recordando sua infância. Todos se regozijaram.

Nunca mais Zé Raimundo se envolveu com jogos, mulheres e bebida, viajando com o pai, assumindo o papel de seu auxiliar, ao lado de sua mãe Mestra Peregrina. Todavia, desejava intensamente conhecer o lugar onde nasceu e saber se seu povo ainda existia. Tornou-se o Mestre Zé Raimundo do Catimbó, rezador e curador que praticava o bem em todo lugar que chegava.

A moça que fora um dia, louca, passou a viver os vinte e um dias, cheia de esperança, até que surgiu na cidade um grupo de homens, funcionário de uma grande empresa de petróleo, pesquisando o solo daquela região em busca do ouro negro. No momento em que a jovem passava um rapaz do grupo a olhou fixamente fazendo seu coração acelerar. Daquele momento em diante, os dois passaram a namorar. Cumprindo a tarefa imposta, o grupo de funcionários seria deslocado para outra região, o que criou para o casal uma definição imediata no relacionamento. Ficaram noivos, com data marcada, para depois irem viver na capital. Ela preparou o enxoval, ele, comprou a casa que por muito tempo viveu fechada: A casa de Rosa Maria. Voltou, casou e após a lua-de-mel, se instalou onde antes fora palco de muitas tristezas e poucas alegrias. Durante a lua-de-mel, ambos contaram as coincidências da vida. Ela narrou o drama passado e o vaticínio do homem que a curou; ele, explicou que poucos dias antes de conhecê-la, uma cigana pediu sua mão para falar do seu futuro, dizendo que em breve conheceria a mulher que amaria por toda vida, e quando olhou para a jovem que vira pela primeira vez, acreditou ser ela, por que imaginava tê-la conhecido em algum lugar e ficado apaixonado. Ambos marcaram uma data para visitar o mestre catimbozeiro.

A vila de pescadores estava em festa para homenagear a sua padroeira, Nossa Senhora da Conceição dos Pescadores. A capela estava enfeitada de flores onde foi celebrada uma missa, pela manhã; um almoço comunitário seria servido para todos habitantes. O jovem catimbozeiro apareceu naquele momento, e não sendo reconhecido pelos moradores da vila tratou de indagar sobre uma senhora idosa, morena gorda, sorriso farto e cabelos negros como o de Iemanjá. Assim que descobriram de quem se tratava, os moradores mais antigos se derreteram em homenagem aquele homem que foi embora ainda nas fraldas. O pescador mais antigo da vila, amigo de seu pai, o levou até a palhoça onde vivia sua avó, entrevada, em uma cama, esperando a morte chegar. Zé Raimundo segurou uma das mãos de sua avó, que abriu os olhos já embaçados pela catarata, aproximou-se olhando fixamente, percebendo um lampejo de brilho e lágrimas que desciam devagarzinho. Beijou as faces enrugadas e falou: - Vó! Vim para ficar com você. A idosa estremeceu, o vermelho apareceu em seu rosto, e após muito tempo sem poder falar, gesticulou: - Meu menino, meu doce menino! Seus membros foram à vida, a catarata fugiu de seus olhos, suas mãos adquiriram agilidade, agarrou o neto pelo pescoço e o cobriu de beijos cheios de ternura e amor.

O Mestre Zé Ninguém, ausente de sua casa, havia chegado e Mestra Peregrina com Mudinha preparavam um almoço festivo para comemorar a volta, enquanto ele visitava o túmulo de seu afilhado coberto por aquela imensa árvore que estremeceu toda com sua presença: - Bendito Seja, ó vós, Criador, que criou essa maravilha! Uma saraivada de folhas e flores cobriu todo o seu corpo fazendo com que ele sorrisse e agradecesse: - Que a magia dos Encantados esteja convosco! Sentou-se sob a sombra da árvore e iniciou o seu canto de louvor e agradecimento. Ao voltar para casa, viu a poeira subindo e nela apareceu um carro com alguém que pedia para abrir a cancela; sem pressa, abriu, dando licença para o carro passar divisando nele alguém conhecido, surgindo em sua mente todo trabalho que tivera para tirá-la do estado em que vivia. O casal foi recebido pelos três que iriam almoçar, e mais dois pratos foram acrescentados à mesa, apesar da recusa e desculpa do jovem casal. Após o almoço, no momento

de servir o cafezinho, ambos ofereceu ao mestre um presente que era o álbum de casamento, além de uma bata de linho branco. Prometendo voltar, o casal se dirigia para porta quando o Mestre disse para a jovem que ela estava grávida e precisava ter muito repouso para não perder a criança. A jovem tapou a boca com as mãos e as lágrimas escorriam, enquanto o marido beijava-lhe o rosto carinhosamente.

O Mestre foi até a árvore apanhou folhas e flores, entregando ao casal em uma bolsa de palha, recomendando tomar uma xícara de chá antes de dormir, para robustecer o feto e este vingar. Enquanto isso, as mulheres da casa reviravam o álbum e riam com algumas situações inusitadas.

Zé Raimundo foi ficando na vila de pescadores, consertando o casebre da avó, pescando, fazendo seresta ao luar na beira mar. A avó não se cabia de felicidade. Mas, o jovem mestre passou a ouvir uma voz feminina que o chamava. Era Dona Janaina, a bela sereia e senhora do povo do mar. Uma noite, partiu e a idosa pensou: - filho de peixe, peixinho é! – Naquela noite, de sua partida, para atender o chamado de sua senhora, o casebre de sua avó foi invadido por três jovens pescadores, que por questões diversas, vieram para matá-lo. O motivo principal era o ciúme. As jovens do vilarejo viviam em volta dele e não tinham mais olhos para ninguém. Cada um carregava um porrete, estando dispostos a matar o jovem catimbozeiro e jogar seu corpo em alto mar. A idosa, acordou assustada e percebendo a intenção dos jovens começou a xingá-los porque eles não tinham percebido que seu neto tinha poderes e o povo do mar podia se vingar jogando suas ondas sobre a vila, acabando com todos como fizera com os ciganos, tempos atrás, quando o pai viveu ali. Os jovens amedrontados saíram cabisbaixos e sumiram da vila por um bom tempo.

Quando Zé Raimundo voltou do reino encantado de Olokum, avisou a sua avó que chegara o momento de partir. Ela beijou-o na fronte e aquiesceu com lágrimas nos olhos, mas era melhor assim para o bem da comunidade. O jovem partiu fazendo o mesmo trajeto de seu pai, e sumindo envolto num redemoinho.

O Mestre Zé Ninguém, olhava as mulheres que riam com as fotos do álbum e se perguntava por que nunca teve licença para curar Mudinha daquele problema de fala. Eram amigos há muito tempo, sem cobranças ela vivia em sua volta, dedicada, dócil, amiga e sempre demonstrando felicidade em seu semblante; estava disposta a fazer qualquer coisa para agradar o Mestre que tanto amava. Agora, olhava para ela e já não pensava assim; pediria licença aos mestres Encantados e se caso fosse atendido, a curaria.

Mudinha era uma índia da tribo dos cariris que fora seqüestrada por um caixeiro-viajante quando tinha cinco anos de idade, nunca mais voltando a tribo de seu povo, aculturada, virou cabocla. Não teve infância, estuprada, seviciada, pelo vendedor, a seguir, vendida para um fazendeiro que continuou a usá-la, além de seus filhos que estavam entrando na puberdade. Logo engravidou e abortou, mas depois que fez doze anos uma gravidez vingou e gerou um filho que nem chegou a vê-lo, levado pela mulher do coronel para criá-lo. Foi novamente vendida, só que desta vez, para uma cafetina que tinha um bordel na cidade. Ali, passou vários anos, mas como engordou e era muito desajeitada no trato com os fregueses passou a ser uma criada. Foi batizada e recebeu o nome de Auxiliadora em homenagem ao seu dom de auxiliar a todos. Mas, continuou sendo Mudinha e assim esqueceu seu nome de origem e o novo que recebera na pia batismal. Aprendeu a lavar e passar, além de limpar uma casa; porém, assim que pode pagou sua alforria, foi servir em uma casa de família, como empregada doméstica, aceitando o que lhe davam. Aprendera com os brancos que sua origem era inferior, considerada um bicho, e só tornou-se gente depois de batizada na igreja católica. Mas nem por isso se tornara igual aos brancos. Ouvia

falar muito em um pajé, homem curador, e sonhava conhecê-lo para ser curada daquela mudez, pois, gostaria muito de falar como os brancos. Um dia, sua patroa passou mal e o médico disse que não tinha como curá-la, era um caso perdido, estava condenada, podia viver anos em cima de uma cama com aquela paralisia, ou então, se tratar na capital. O esposo da mulher procurou o catimbozeiro, Mestre Zé, que a curou após dias de pajelança. Em troca, levou Mudinha, que, tornou-se amiga devotada, cuidando e vigiando sua casa, quando viajava. Nunca mais o sítio deixou de ter trato. Sempre ia a cidade, na ausência do Mestre, para visitar a antiga patroa e fazer algum serviço que lhe rendesse uns trocados que na falta de alguma coisa no sítio, repunha. Assim, se solidificou uma grande amizade com confiança mútua.

Mestre Zé olhando para aquela índia gorda e já com fios de cabelos brancos enfeitando a cabeça, disse: - Mulher, eu te peço perdão por todos esses anos sem pensar no seu problema. Mas, agora, é chegada a hora. Ela o olhou de maneira apreensiva e indagadora. - Se meus Mestres do Além permitirem, eu vou te curar dessa mudez. – Mudinha saltou sobre o Mestre beijando-lhe as mãos e o apertando de maneira a sufocá-lo. Peregrina sorriu dizendo: - Calma, mulé, o homem é meu! Desse jeito, vai matá-lo e tu vai continuar muda. – Ela largou o Mestre, desajeitada começou a rodopiar em sua volta, abraçando a Mestra que fugia em desabalada carreira, gritando:- Socorro, ela vai me esmagar! Todos gargalharam. O Mestre sabia que o caso dela, foi um susto do mal, bastava afastá-lo aproximando o susto do bem. Mudinha perdera a fala quando foi brutalizada pelo vendedor viajante, e, nunca mais conseguiu recuperá-la.

Zé Raimundo chegara no momento exato da algazarra e ficou muito feliz com a novidade. Ajudaria seu pai com certeza. Seu semblante irradiava paz e serenidade. Depois do almoço foram todos para o alpendre da casa saborear um cafezinho, enquanto o jovem contava as estórias de suas andanças. Naquele momento, uma nuvem de poeira subiu na estrada do sítio e em seguida, a porteira foi aberta, deixando entrar um carro que se aproximou da casa. Saíram do carro dois homens e uma jovem morena, corpo delgado e longos cabelos, fazendo o coração do filho do Mestre disparar. Lembrava sua esposa falecida. Com ela estavam os irmãos da sua finada esposa, ambos se fitaram por longos segundos até que ela baixou a cabeça. Deram boa tarde, pediram licença por incomodar mas tinham urgência com o assunto que devido a ausência de Raimundo, estava atrasado. Foram acomodados na sala de visita, enquanto os dois jovens não paravam de se olhar, Mudinha trouxe o café que foi servido sem cerimônia. Em seguida, um deles abriu uma pasta de couro preto, tirando alguns documentos, avisando que era uma prestação de conta dos bens da finada irmã que agora era de Raimundo. Os homens não tinham intenções de apresentarem a jovem, por que a intensidade dos olhares entre os dois fora notada a longa distância. O jovem pediu para ser apresentado àquela jovem tão bela. Contragosto, e mesmo antes que fizessem a apresentação, Maria Rita, apelidada de Ritinha, adiantou-se, apertando efusivamente, a mão de Raimundo. Então, ele falou para seus cunhados que não veria papel nenhum, pois o que era de Rosa Maria se fora com ela,. Os irmãos se entreolharam e ficaram sem ação, enquanto Maria Rita batia palma admirando o caráter do rapaz. Uma data para sacramentar tudo em cartório, foi acertada, ensejando a oportunidade dos jovens se reencontrarem e entabular uma conversação Maria Rita estava com dezessete anos, prima de Rosa Maria, e a tinha como sua amiga preferida desde pequena quando então, vinha passar férias em sua casa. Estudava em um colégio interno da capital e sonhava em ser médica para ajudar o povo pobre daquela região, e sempre que lhe era permitido, fazia mutirão conseguindo alimentação e assistência médica para os necessitados, que não eram poucos. Atualmente, estava na fazenda de seu finado tio, o coronel, e gostava de admirar tudo que fora de sua prima, as estórias de seu antigo pretendente, do atual marido e sua morte tão precoce. Ansiava conhecer o

homem que a fizera largar tudo, fugir e viver com ele; sua história de amor, principalmente de sua coragem, devido a diferença de idades. Finalmente o conheceu e foi muito especial, sentido o seu coração apressar o ritmo quando pensava nele. Estava apaixonada e contava os minutos que o veria no cartório. Finalmente surgiu o dia. Houve a formalização, as assinaturas, os advogados e finalmente, os dois puderam conversar e demonstrar o sentimento que um nutria pelo outro. Zé Raimundo pediu formalmente, aos primos dela se poderia visitá-la na fazenda, não havendo oposição. O namoro foi curto porque as férias de Maria Rita estavam acabando e ela tinha que retornar ao colégio. Ele prometeu visitá-la e assim o fazia todo final de semana. Novamente esquecera o mundo da magia para se dedicar ao mundo profano, o que deixava seu pai preocupado, avisando-o das conseqüências. Mas, o amor para Raimundo era uma obsessão, ansiava amar e enfrentava as conseqüências.

Era semana de lua cheia e lá do alto clareava o mundo dos homens com São Jorge montado em seu cavalo branco, matando o dragão com sua lança. Mestre Zé Ninguém, sempre rezava para o santo matar as maldades desse mundo e purificar os corações das pessoas. Naquela noite, seria a pajelança para acabar com a mudez de Auxiliadora, nome de mudinha na pia batismal. Ela, deitada, vestida de branco, em cima de um colchão de folhas da árvore sagrada e sob a mesma, esperava com ansiedade. Os três mestres se prepararam e deram início ao ritual. Mudinha bebeu um copo de um líquido verde e dormiu, acordando no dia seguinte sob os raios do sol que se infiltravam entre os galhos da árvore. A princípio, ficou preocupada, por não encontrar ninguém ao seu lado, depois, foi se erguendo, saindo de um torpor, olhou para a casa e divisou Peregrina alimentando as aves e os bichos, sentindo-se ofendida porque aquele era seu trabalho por muito tempo e ela ainda não tinha ficado inútil. Rompeu o silêncio e sua voz saiu engasgada, palavras sem articulação coerente, mas tentou outra vez, e outras vezes até na casa do sítio ouvirem o som de uma voz, nunca ouvido antes. Todos correram para abraçá-la enquanto ela chorava e ria. Enfim, podia falar! Foi um dia de festa naquele sítio. Auxiliadora, no dia seguinte, resolveu exibir sua voz para toda cidade. O povo ficou sabendo que santo de casa também faz milagre.

O fluxo de necessitados de cura aumentou no sítio do Catimbozeiro e sua mulher, Peregrina. Enquanto isto o jovem Raimundo só pensava em viver ao lado de sua amada. Queria casar e formalizou o pedido de casamento que foi aceito sem nenhum obstáculo, mas ele queria casar logo, avisando que mulher dele não precisava estudar para ser feliz. Maria Rita saiu do colégio e preparou o enxoval enquanto noivava pelos campos e córregos da fazenda de seus pais.

A cabocla Peregrina, depois de todos esses anos ao lado do Mestre Zé Ninguém, tornou-se muito respeitada pelo saber e a ciência dos Encantados. Todo ano fazia sua romaria para visitar seu Padrinho Padre Cícero, em Juazeiro do Norte; levava seu cajado além de muita água para beber, pois desenvolvera um poder que a obrigava, constantemente, a usar água para repor as energias de seu corpo. A idade avançando, o corpo enfraquecendo, os olhos, já não tinham a mesma energia, e a visão se apagava, todavia seu sabermágico crescia e ela deslumbrava o futuro com muita certeza; e assim, se sentia preocupada com o casamento do filho que criara com tanto amor e desvelo. O Mestre afirmava que ela não devia se preocupar, por que o destino dos homens era um poder exercido pelo Senhor do Mundo, o grande Mestre do Universo. Ele sabia o desfecho dos acontecimentos da vida de seu filho mas não podia interferir, uma vez que fora dedicado aos Encantados e deveria seguir as leis do mundo espiritual, o mundo mágico de seus Mestres. Ele aprendeu a lição quando uma vez interferiu sem a permissão de seus Guias, os Encantados. Cada um imagina que pode vencer o destino e assim o faz, mas dependendo da interferência, sem ferir os princípios da lei do carma, há chance de recuperar o tempo perdido e

refazer o caminho.

A polícia chegou em seu sítio e imediatamente, entrou no assunto, precisava dele para desentocar dois bandidos que estavam dentro do banco e ameaçavam matar as pessoas que fizeram reféns. O Mestre vislumbrou a situação e partiu com os policiais para demover os jovens ladrões, de tamanha atrocidade. Eles pediam um carro para sair da cidade, o único que a polícia local dispunha; estavam bem municiados e deu um prazo para os policiais cumprirem suas ordens ou começariam a carnificina. Os policiais deixaram a viatura na porta do banco, quando eles exigiram alguém para dirigi-la, o que foi a deixa para o Mestre entrar em ação. Os homens saíram levando duas mulheres e ao entrarem, soltaram-nas sem nenhuma reação dos policiais que acudiram os reféns enquanto a viatura sai em alta velocidade. Não eram elementos moradores daquela cidade e adjacência; vieram de fora depois de elaborar o plano de assalto e fuga, acreditando que correria da forma como eles planejaram. Na direção, o Mestre ouvia e esperava o momento de agir e quando estavam afastados da cidade, em uma estrada de terra batida, empoeirada, seguindo as ordens dos meliantes, entraram pela caatinga para chegarem em um casebre abandonado. Os homens, disseram que o Mestre morreria ali mesmo porque sabia demais, o que fez o Mestre dá um sorriso de mofa, deixando-os mais furiosos. Então, o Catimbozeiro falou que queria um terço do dinheiro porque agora eram três, já que foram eles que o requisitaram. Os bandidos ficaram desnorteados para em seguida começar a apertar os gatilhos de suas armas; mais surpresos ainda ficaram quando perceberam que as armas falhavam e não atendiam aos seus desejos. O Mestre avançou em direção dos dois e arrancou as armas de suas mãos, porém, passado o momento da surpresa partiram para cima do catimbozeiro que recuou, apertou os gatilhos dos revólveres e as balas foram se alojar no joelho direito de cada um. Ambos caíram gritando de dor; nova descarga atingiu os joelhos esquerdos, ficando os bandidos, impossibilitados de qualquer reação, gritando e rolando no barro da terra seca. O Mestre apanhou os sacos de dinheiro, colocou-os no carro, deu marcha ré e voltou para a cidade. A polícia não teve problemas para localizar os bandidos que continuavam a gritar de dor, levaram algemados diretamente para o Posto de Saúde, onde verificou-se não haver ferimentos.

O Mestre não gostava do papel de justiceiro social, mas devido a falta de aparato policial numa cidade tão pacata, foi preciso usar o poder da magia para salvar as pessoas e resguardar a paz naquela região. Não aceitou honrarias e partiu para seu sítio de forma despercebida.

Estava se aproximando o dia do casamento de Zé Raimundo, que passava os dias na fazenda ajudando nos preparativos da festa, de forma que foi angariando mais simpatias da família da noiva. Devotado em ser um marido exemplar, tudo fazia para demonstrá-lo, exibindo sua facilidade em lidar com as tarefas que lhes cabia.

A árvore mágica estava triste demonstrada nas suas folhas que ameaçavam secar; a fuga dos pássaros, não se ouvindo os seus cantos e nem tampouco o farfalhar das folhas, que emudecidas escondera o seu som mágico. O jovem Mestre Zé Raimundo já não tinha tempo para conversar com ela e nem sequer pedir a opinião dela sobre seu casamento. Não podia falar, só ouvir definhando de tristeza e nem mesmo a presença das mulheres e Mestre Zé, a animava. Faltavam alguns dias para o casamento, mas naquele sítio ninguém tocava no assunto, embora estivessem preparados para participarem da cerimônia. Quando faltavam três dias, a árvore mágica recebeu a visita de três aves que se revezavam com seus cantos: O Quero-quero, o Bem-te-vi e a Rolinha Fogo Apagou. Os cantos dos pássaros não eram o usual, diferiam da imaginação popular, porque o Bem-te-Vi soltava um som que parecia: - Eu te vi! enquanto a Rolinha, cantava: - Fogo pagou por aqui passou! – e finalmente o Quero-quero sentenciava: -

Não quero... Não quero... Não quero...

Assim, durante os três dias não se ouvia o canto de outros passarinhos, chamando a atenção do Mestre que entendendo o recado procurou o filho pela última vez, para aconselhá-lo e como não conseguiu êxito, disse para si mesmo que o destino se encarregaria de cumprir o que estava determinado.

O casamento transcorreu na maior tranqüilidade, a felicidade estava estampada no rosto de todos os presentes e a expectativa de uma vida feliz do casal, era unânime. Após a cerimônia, todos foram para a fazenda dos pais da noiva onde haveria uma festa que duraria por vários dias. Os nubentes se programaram para gozar a lua-de-mel na Europa, partindo da capital, enquanto os convivas continuavam o festejo. O casal escolheu fazer um cruzeiro, desembarcando em uma capital do velho mundo, passeando por trinta dias, o que era um sonho, além da perspectiva de elaborar planos para o futuro. Viajou na primeira classe, pelo oceano Atlântico, sem nenhum incidente, passando o dia, ora na piscina, ora no salão de jogos, e durante a noite, após o jantar, dançava no som executado por uma orquestra de oito músicos. Transcorreram três dias de plena felicidade, e na noite do terceiro dia uma grande tempestade se abateu sobre o transatlântico, obrigando todos os passageiros recolherem-se mais cedo. No momento exato em que passava por uma ilha, Raimundo ouviu um canto em seguida uma voz feminina que docemente, o chamava, repetindo com insistência o chamado enquanto sua esposa dormia. Ele havia esquecido da sua condição de iniciado do Mundo dos Encantados, tendo obrigações e deveres a cumprir com seu povo que o aceitou lhe dando poder de curar e ajudar. Não resistiu ao apelo, levantou-se saiu da cabine e dirigiu-se ao convés, sentindo a água fustigá-lo, aproximou-se da murada quando um raio estalou como um chicote sobre seu corpo jogando-o nas ondas revoltas do mar. Suas forças estavam enfraquecidas pelos momentos inebriantes de amor, não conseguindo reagir, indo diretamente para o fundo, onde o esperavam os Encantados que foram encarregados de levá-lo ao reino de Dona Janaina. O senhor dos mares, Olokum, sentenciou que ele nunca mais seria humano.

Ao acordar, Maria Rita, sua esposa, ficou surpresa em não encontrá-lo deitado ao seu lado, e, como não voltava, resolveu procurá-lo. A tripulação do navio iniciou a busca, os passageiros comentavam, Maria Rita chorava mas não havia vestígio que indicasse sua presença, a não ser, sua camisa do pijama que ficara enroscada na grade da murada, dividida em três partes.

No primeiro porto que o navio atracou a jovem esposa, transtornada, foi encaminhada para um hospital ficando vários dias em estado de choque, se recuperando lentamente. Assim que teve alta, voltou para o Brasil acompanhada de seus pais.

No seu quarto, na fazenda, a jovem viúva não saiu por várias semanas e nem recebia visitas. Como ela sabia que ele era um iniciado na magia dos Encantados, esperava que a qualquer momento, aparecesse, assim proibiu qualquer cerimônia fúnebre. Quando resolveu sair do quarto foi para visitar os lugares que passeava com o noivo, especialmente, uma árvore, frondosa onde ficavam horas conversando; sentou-se e soluçando perguntou por onde ele andava, sendo surpreendido pela presença do rapaz que pedia para ela não chorar, porque ele não voltaria mais como humano, mas estaria com ela como Encantado do Além. Então narrou toda história e concluiu que errara subestimando o poder dos Encantados, e, para concluir disse que deixara uma semente em seu corpo, uma lembrança sua que encheria os anos de solidão de Maria Rita. Essa, então, soube que estava grávida e sentiu-se reconfortada, para decidir o que fazer dali por diante.

No sítio, havia um silêncio sepulcral. A tristeza tomara conta daquele recanto, mas havia

um certo ar de resignação porque sabiam que nada poderiam fazer mudar o caminho de Raimundo. O Mestre chegou a conclusão que não era seu filho o herdeiro de seu legado, errara pela segunda vez. Não procurou explicações, ficou deitado em sua rede, fumando seu cigarro de taquari e ouvindo estórias que viam de sua fumaça, evitando, por vários dias, socorrer a quem quer que fosse. As duas mulheres, seguindo o mesmo princípio, esquivavam de fazer qualquer comentário e faziam seus afazeres como antes. A árvore mágica, foi recuperando a sua alegria, voltando a brotar suas folhas e chamar os passarinhos para alegrar o local. O Mestre pressentiu que algo novo daria vida às suas vidas.

Maria Rita decidiu reunir a família e anunciar sua gravidez, mas explicou que visitaria o sítio do seu sogro para anunciar a boa vinda e ficar lá por algum tempo. Todos concordaram e só pediram para ela não esquecer o seu sonho de ser médica. No sítio, todos estavam reunidos no alpendre da casa tomando café, e se beneficiando de uma aragem que vinha suavemente, passava por cima da árvore mágica fazendo-a vibrar mais que o costume. O Mestre riu e disse para as duas mulheres que teriam visitas com boas notícias, o que fez as mulheres correrem para dentro e colocar os vestidos de cores mais alegres. Naquele mesmo instante, um carro apareceu na poeirenta estrada, alguém abriu a cancela, voltou para o carro e este se dirigiu ao alpendre da casa. A jovem desceu enquanto seus familiares apanhavam sua bagagem. Houve uma efusão de abraços sinceros, demonstrando alegria pela presença da jovem. A bagagem foi levada para dentro, um cafezinho foi servido e a jovem explicou o que fora fazer deixando as duas mulheres comovidas e levando-a para o quarto que antes fora de Zé Raimundo, enquanto os homens ficavam lá fora, conversando. O sol foi embora e com eles os familiares de Maria Rita, que logo em seguida foi visitar a árvore que seu marido tanto lhe falava. Aproximou-se e sentiu o perfume do corpo de Raimundo, enquanto a árvore mágica estremecia toda, cobrindo a viúva de folhas. A jovem não resistiu, as lágrimas foram descendo, os soluços foram num crescendo, quando um lenço branco apareceu para enxugá-las, e a voz do marido que lhe dizia para não chorar, ser feliz, buscar realizar seus sonhos, porque a vida é assim. Uns vão e outros vêm. Ela sentia muita falta do seu homem mas seria forte e o amaria eternamente.

O Mestre partiu para atender os chamados de seus Mestres do Alem que solicitavam sua presença. As mulheres se revezavam nos cuidados da saúde de Maria Rita e sua família aparecia com frequência trazendo frutas, legumes, carne de boi, carneiro, frango e leite, além de outros produtos da fazenda.. Sete meses se passaram e seus pais vieram exigir sua volta para que a criança nascesse com conforto com o médico ao lado. No sítio, numa emergência era mais complicado, porque estava afastado da cidade. Não conseguiram convencê-la da idéia de ter o filho num parto normal, tendo a índia cariri como sua parteira. A criança nasceu sadia e veio ao mundo sem complicações, em uma noite estrelada, sendo seu silêncio, quebrado, por todos os animais do sítio que davam boas vindas, como também, a árvore sagrada, que acordou todos os pássaros da região para cantar em louvor o novo membro da família. Seu nome foi abençoado como João Raimundo.

O Mestre chegou no momento exato em que ouviu o choro de seu neto. Acendeu seu cigarro de taquari, deitou na rede e implorou as forças espirituais para poupar aquela criaturinha que estava chegando à terra. Mestra Peregrina, com a criança no colo, chamou o avô para vê-la, elogiando os predicados da criança que se parecia com o avô. Auxiliadora, a índia cariri, cantava uma canção que aprendera em sua aldeia e nunca esquecida. A família de Maria Rita chegou logo cedo, e, a encontrou com saúde, admirados com a aparência de mãe e filho. Ficaram até o sol sumir por trás dos rochedos da caatinga.

João Raimundo era uma criança precoce, cedo começara a andar e gostava de ficar

brincando embaixo da árvore sagrada, pronunciando sons estranhos aos demais e fazendo as mulheres sorrirem de contentamento. Foi então, que sua mãe decidiu concluir seus estudos na capital, deixando-o com as mulheres, vindo nos finais de semana. O pai lhe deu um automóvel de presente, ficando as viagens menos cansativas. Quando percebeu, era médica, recebendo o diploma, fazendo residência e voltando para casa. Não acreditou quando olhando para o filho, notava em sua fisionomia a mesma de seu pai, e, descobriu que era hora de levá-lo para estudar na cidade, enquanto trabalhava atendendo o povo daquela região, porque os políticos prometiam durante as eleições, e assim, eleitos, esqueciam de hospital, escola, trabalho, dedicando-se a política da barganha, e enriquecendo ilicitamente. Seu filho relutou muito em deixar o sítio, mas no final prevaleceu o poder de sua mãe, prometendo que o traria nos fins de semana e férias. João Raimundo era devotado ao povo do sítio, sentindo uma grande afinidade. Mestre Zé Ninguém, em momento nenhum interferiu nas decisões de sua nora, mesmo por que não gostaria de iniciar seu neto nos segredos da magia dos Encantados. Ele já era um iniciado, e assim que crescesse voltaria para seu lado. As mulheres sofreram com a ausência da criança, mas aos poucos, foram acostumando com os dias que poderiam vê-lo, contando nos dedos a espera pelo pequeno travesso.

Como o tempo é o grande carrasco da natureza, ninguém fica imune, e, no sítio seus moradores foram envelhecendo, o neto do Mestre logo se desenvolveu e ainda jovem foi para a capital fazer vestibular para Biologia, porque sonhava em conhecer profundamente a região em que nascera e de alguma forma tentar transformá-la para beneficiar o povo. Tornou-se um orador, líder com grande carisma, o que foi um passo para entrar na política e após receber o diploma, fez pós-graduação, mestrado, licenciatura e doutorado, se especializando em botânica, voltando como favorito para ser prefeito da cidade de sua gente, mas, o que ele naquele momento desejava era voltar para o sítio, para os braços de suas avós e conversar com seu avô além de saborear a sombra de sua árvore querida, que tanta força lhe deu tornando-o alto, forte e inteligente.

O Mestre Zé Ninguém, catimbozeiro afamado por toda região, recebia as pessoas para realizar diversos pedidos, mas não viajava tanto como antigamente. Os políticos procuravam-no, pedindo ajuda espiritual para serem eleitos e deixavam, colaborações em espécie, com as mulheres, pois sabiam que ele não aceitaria. Normalmente, ponderava, afirmando quem tinha possibilidade de sucesso na política. Angariava algumas inimizades pela maneira franca como abordava o assunto, mas as amizades eram maiores e sinceras, como a do médico que sempre o procurava e passava horas usufruindo os seus saberes.

A índia cariri, hoje aculturada, gostava de ir à cidade para prostrar e dessa forma ninguém mais a chamava de Mudinha, mas sim, de Auxiliadora. Ela cansava de afirmar que não fora milagre mas sim um trauma que carregava por ter sido seqüestrada de seu povo e brutalizada pelos brancos, assim lhe explicou o Mestre, quando a curou através de sua pajelança. Numa dessas andanças pela cidade foi abordada por um homem que a reconheceu dizendo ser seu amigo de infância na aldeia. Era de fato, um índio cariri que andava pelo mundo do sertão, há muito tempo, tentando descobrir seu paradeiro. Meses depois juntaram os trapos e foram viver no sítio, numa maloca, construída com a ajuda do Mestre. Ela passava o dia na casa do Mestre com Peregrina, enquanto o índio cuidava do roçado, caçando e criando as aves e os bichos. Foi aceito e incorporado à família, não pensando voltar para a aldeia, porque ali havia fartura, e além do mais já se habituara à vida dos brancos.

João Raimundo, eleito prefeito da cidade iniciou a realização de seus sonhos, melhorando o atendimento na saúde, criando mais salas de aula, trazendo para a escola

as crianças que por motivos vários não as freqüentavam. Sua mãe o auxiliava, mas não aceitou cargo político para que ele não fosse acusado de nepotismo. Seus avós maternos e familiares evitavam pedir favores, mesmo porque ele não o faria se não fosse por uma boa causa para o povo, o qual já o amava com uma devoção raiando ao fanatismo. Naquela região nenhum político conseguiria voto se não pedisse a benção de João Raimundo. Nas eleições para deputado federal foi o mais votado do Estado, sendo o carreador de votos para seu partido, derrotando os políticos antigos.

Na época da romaria a Juazeiro do Norte, Mestre Zé Ninguém mandou chamar seu neto que prontamente atendeu. Conversa vai, conversa vem, o Mestre avisou do perigo que o deputado corria, e para livrá-lo de emboscada fecharia seu corpo depois que voltasse da Romaria. O deputado, embora vivesse mais na capital do país, prometeu que também ia e providenciou vários ônibus para levar aquele cidadão que desejasse pedir a benção ao Padrinho Cícero Romão. Seus inimigos, então, urdiram a trama e a emboscada foi sacramentada com dia, hora e mês marcada.

Vários ônibus e caminhões saíram lotados de gente que agradeciam com faixas e cartazes a bondade do jovem deputado federal, anjo do agreste, amigo dos sertanejos, como “padim Ciço”. Foram e voltaram sob a proteção do santo amado em todo sertão, embora a igreja católica não o reconheça. O povo reconhece e o elege assim.

No tronco da árvore sagrada, o deputado João Raimundo estava preparado para o ritual que fecharia seu corpo despido, e um círculo de velas de várias cores fechava o tronco da árvore e o corpo do homem numa perfeita simbiose. A noite estava um breu porque era o ciclo da lua nova, que caminhava para a crescente. Com um punhal, o Mestre fez um risco no tronco acima da cabeça de seu neto e começou o ritual de fechar o corpo, para terminar abrindo uma ferida na omoplata de João onde introduziu uma semente daquela árvore para em seguida fechar com um pó especialmente preparado para a ocasião. Nem de frente e nem de costa seus inimigos o destruiriam, já que estava acompanhado pelo espírito da árvore sagrada que o protegia. O deputado ficou durante três dias usando roupa branca, descalço, alimentando-se de canja de frango branco, canjica branca e bebendo água, não podendo ser tocado por nenhum ser humano na face da terra. Quando partiu se despediu da árvore protetora e carregava consigo uma semente que se tornara membro de seu corpo e de sua vida. Pouco dias depois, antes de partir para Brasília, sofreu o atentado quando visitava um vilarejo fora da cidade. Eram quatro pistoleiros que não conseguiram acertar o corpo do deputado porque as balas seguiam direções contrárias, cruzando-se entre si, acertando a cabeça dos marginais. A comitiva do deputado debandou, incluindo um dos mandantes do atentado. O povo do vilarejo que o esperava, fez um cerco para protegê-lo e perseguir os assassinos, mas encontraram-nos sem vida. Houve comoção na cidade, abriu-se inquérito, mas a apuração foi interrompida após um acordo político. E todos da região passaram a acreditar que o deputado tinha o corpo fechado pelo seu avô catimbozeiro. Anos depois, foi eleito senador. Casou, porem depois de alguns anos veio a separação e sua esposa foi viver fora do Brasil. Mantinha uma amante que visitava com freqüência, sem, contudo, se comprometer em um relacionamento duradouro, pois sonhava com muita assiduidade com o sítio, a árvore e seus avós paternos. Quanto sua mãe, não o preocupava, sabendo que ela morreria pela causa que abraçara, e a admirava. Tudo que amava estava no sítio onde se sentia seguro e feliz, se isolando para a pesquisa da fauna e da flora da caatinga.

A Cabocla Peregrina, na sua velhice, desenvolveu uma doença rara que a fazia perder água, obrigando-a viver num colchão de água que o senador trouxe dos Estados Unidos quando a levou para tratamento e soube que era uma doença, que não tinha cura, rara. Mestre Zé sabia que

não era doença, mas o processo de retorno para o mundo das águas do qual ela pertencia. Não tinha permissão para curá-la porque seu tempo na terra estava chegando ao fim. Peregrina foi definhando até torna-se tão pequena que cabia numa bacia de banho, e era cuidada por Auxiliadora que a carregava no colo, enquanto gotas de água iam saindo de seu corpo. Não tinha mais carne, só osso; não falava, estava cega, sem dente, puro esqueleto. A índia sentindo que a hora da amiga estava chegando, levou-a ao pé da árvore mágica, deixando que a amiga árvore aliviasse o seu sofrimento. Era noite e a lua brilhava no firmamento. Quando o galo cantou, a bugre seguiu em direção a árvore, porém, só encontrou a bacia cheia de água o que fez com que ela saísse gritando, acordando todos do sítio, chamando pelo Mestre, avisando que Peregrina havia sumido. O catimbozeiro apanhou a bacia com a água, com muito cuidado para não derramar nem uma gota e saiu em direção a um córrego onde depositou todo conteúdo da bacia, entregando aos Encantados, implorando que o espírito de sua companheira fosse feliz no mundo das águas. Então, avistou sua amada caminhando sobre as águas, alegre cantava o seu linho de devoção.

Auxiliadora logo entendeu o que se passou, chorando abraçou a árvore pedindo para proteger sua amiga onde ela estivesse. Mestre Zé colocou a mão no ombro da índia e lhe disse para não chorar porque sua Peregrina, agora, era um Encantado das águas doces, levando a índia, delicadamente, para dentro de casa, amparada por seu esposo, índio conhecedor do sentido da transformação do homem em Espíritos Encantados que protegiam e castigavam os homens maus. Auxiliadora demorou a se recuperar do golpe até que uma manhã, saindo de sua cabana viu a Mestra Peregrina com seu cajado, convidando-a para visitar o padim Çiço Romão. A índia desmaiou e só voltou a si com as rezas do catimbozeiro. Ela ainda ouvia na sua mente o canto do espírito, que dizia: - Eu venho de Juazeiro, com meu cajado na mão, fui visitar a capela do Padinho Çiço Romão... Daí em diante, começou o processo de sua caduquice, deixando-a esquecida e descuidada dos afazeres, voltando a dormir na casa do Mestre obrigando seu companheiro fazer as tarefas principais do sítio e com paciência, cuidar dela.

Sua alma anda no Vale das Sombras. Esta foi a sentença proferida pelo Mestre, depois de consultar os seus Guias Mestres do Além. Mas, se a chamasse de volta Auxiliadora não resistiria. Assim foi a conversa que teve com a doutora Maria Rita, que, encontrou a índia vagando pela rua, olhando para o vazio da existência, resmungando e xingando o homem branco que a roubou da aldeia de seu povo. Foi levada para o ambulatório da doutora onde passou a ser tratada com sedativos, amarrada na cama para não fugir. O método aplicado pela medicina não estava alcançando resultado, e a índia cariri foi levada para a capital sendo internada em um manicômio. Auxiliadora foi considerada louca, enquanto o Mestre e o companheiro dela buscavam uma solução menos violenta para seu problema, porque tinham o conhecimento dos Encantados e sabiam que o processo se desencadeou com a transformação da cabocla Peregrina e a presença dela como Encantado do Além perante a índia, que não teve estrutura emocional para suportar o choque de vê sua amiga no outro lado da vida. Chamar de volta o espírito de Auxiliadora era uma tarefa árdua, mas necessária, embora, o Mestre tivesse a certeza que sua alma se transformaria em um passarinho e ficaria na árvore da magia para em seguida voar em direção à Luz. O senador, sentiu o golpe, partindo imediatamente para a capital, ficando penalizado com a situação, a ponto de retirá-la do manicômio e levá-la para o sítio, mesmo contra a vontade de sua mãe, que não concordava, mas passou a frequentar o sítio todos os dias para medicá-la. O tratamento para esses casos, está com a família e a solução de deixá-la sedada não mudava a situação. Assim, todos concordaram fazendo com que o índio, companheiro de Auxiliadora se desdobrasse para evitar que ela saísse do sítio. Em determinados momentos,

quando sua alma se aproximava, tinha um pouco de lucidez; e, olhando para o senador teve um sobressalto agarrando-o beijava seu rosto com sofreguidão, murmurando: - Meu menino! As lágrimas do senador desciam e ele se retirou para árvore mágica onde chorou copiosamente. Porém ao olhar para o alto, entre os galhos e as folhas de sua amiga de infância, deslumbrou a imagem de Peregrina que o olhava e ouviu: - Pra que tanta tristeza, filho, ela vai para a cidade da Jurema, encontrar seu povo e será mais feliz. O egoísmo não lhe fará bem. Pense no quanto ela está sofrendo sem a sua alma que já está caminhando nas sombras, esperando o momento da Luz. O senador parou de chorar, voltou para junto de sua dindinha e passou a contar as mesmas histórias que inventava na sua infância, e, ela, ingenuamente, acreditava. O Mestre, durante uma conversa que teve com seu neto, explicou que poderia trazê-la de volta ao mundo dos homens, mas o sofrimento dela seria maior, porque naquele momento, sua alma sofria para se desprender do corpo, e, seu espírito ansiava para estar ao lado dos outros espíritos no Mundo do Além. E que um dia, o senador entenderia e viveria para o mundo espiritual. João Raimundo, a partir daquela data adquiriu a certeza que também era um escolhido pelos Mestres do Além, e, já ansiava voltar a viver no sítio, praticando o bem. A política era um processo social que envolvia os homens numa teia de poderes, ora ético, ora imoral, antiético. Estava descrente da política como forma de salvar uma sociedade e o ser humano.

Numa noite de lua cheia, o Mestre se encontrava no alpendre da casa em sua rede, fumando seu cigarro de taquari, quando surgiu Auxiliadora, com seu vestido novo, de chita, os cabelos. Estavam presos por um laço de fita, descalça, segurando um terço, foi em sua direção, beijou suas mãos, dizendo que estava na hora de voltar para seu povo. O Mestre a acompanhou até a árvore sagrada, onde ela sentou-se, ereta, puxando a barra do vestido para cobrir os joelhos, encostando-se no tronco da árvore, deu um longo suspiro, fechou os olhos...

Momentos depois, o índio, seu companheiro desde a infância, apareceu e os dois homens começaram a entregar o corpo daquela mulher aos seus antepassados. Envolto em um lençol de algodão, o corpo foi enterrado sob a sombra da árvore sagrada, que, com uma saraijada de folhas, cobriu-o totalmente. Veio o sol que enxugou as lágrimas e as tristezas dos moradores do sítio. A doutora Maria Rita quando chegou para sua visita habitual, foi avisada, sem cerimônia, que a índia cariri tinha partido para o mundo da Jurema e estava com seu povo, não voltando por longo tempo. A mulher ficou atônita, demorou a se recuperar com a explicação, mas como tudo era possível com o povo daquele sítio, tomou café e comeu o cuscuz feito pela índia cariri para o café da manhã do Mestre. O senador apareceu logo a seguir, não sendo acordado ficou furioso e reclamou. Muitas flores enfeitaram o pé da árvore mágica; muitas velas iluminaram o seu tronco.

Tonho Cariri é o nome que o companheiro da índia Auxiliadora aprendeu a ser chamado pelo homem branco, porque muito cedo saiu de sua aldeia para procurar a amiga de infância que foi afastada do convívio da comunidade. Falava pouco, característica de seu povo, se sentiu perdido sem sua companheira e achava que era melhor partir. O Mestre não permitiu alegando que precisava dele, e que o sítio era agora sua aldeia. Caçador, bom no trabalho com a enxada, tanto na plantação quanto no capinar, só precisava da terra e era no sítio que ele podia fazer aquilo tudo. O índio ficou feliz porque respeitava muito o pajé e considerava-o um homem de muita sabedoria e ciência, lidando com a magia e os espíritos com amor e dedicação; continuou a cuidar da casa, dos animais e aves de estimação. A doutora Maria Rita mandou uma jovem para a limpeza a casa, lavar e cozinhar; o que foi melhor para Tonho Cariri.

18. A RENOVAÇÃO DA VIDA

Vieram as novas eleições e Zé Raimundo desistiu de concorrer para cuidar de seu avô, dar continuidade aos seus trabalhos de campo, pesquisando o ecossistema da região onde nasceu e passou os melhores anos de sua vida. A política nacional perdeu, tornou-se menos ética com a saída de cena da figura brilhante e de grande futuro. Sabia que ajudaria seu povo melhor, estando junto com ele, ao lado dele, sentindo as suas necessidades, para então, através de seus conhecimentos, minorar o sofrimento, através de práticas concretas e não de discursos vazios.

O Mestre observou seu neto chegar, sair do carro, descarregando suas malas, com o índio ajudando e secundado por seu fiel motorista. Pensou: - Está chegando minha hora. Meu herdeiro chegou para ficar. O neto abraçou o avô efusivamente e confirmou o pensamento do catimbozeiro: - Não quero mais saber de política, vim para ficar ao seu lado. Ainda temos muito para conversar e eu não aprendi nada de nada. Os dois riram e todos foram almoçar. O motorista voltou para a cidade com a orientação de voltar no dia seguinte para acertar sua vida. Para o índio, avisou que precisaria de seus serviços para conhecer o terreno, técnica de caça, a vegetação, os bichos que viviam na caatinga, ou seja, a fauna, e a flora. Ele tinha o nome científico, mas não conhecia o do saber popular. De um dos quartos da casa fez seu escritório e dormitório e disse para o avô que providenciaria eletricidade para lá, ao mesmo tempo, que faria uma garagem para seu carro, e como tinha certeza que haveria romaria de político em sua casa, providenciaria a ampliação da casa. Seu avô concordava com um menear de cabeça, feliz por ter o neto ao seu lado.

O inverno chegou e com ele a seca, deixando a mata branca com sua vegetação rústica carente de folhas, e o mandacaru na esperança de florescer. Avô e neto. Ambos serviam ao próximo, praticando o bem, cada um na sua especialidade; o povo chegava, gente ia e vinha durante o dia e saíam ao anoitecer. O Mestre já não tinha forças para executar cerimônias demoradas, além de estar com sua visão prejudicada já sentia dificuldade de reter na memória algumas fórmulas de magia.. Mas, rezava e rezando curava. O verão chegou, porém as chuvas, continuaram ausentes daquela região, com os córregos secando, os poços minguando, as cacimbas continham lama barrenta; o povo andava horas e horas para trazer um pouco de água, mesmo assim, não era saudável para beber. A cidade se mobilizou, tendo a frente João Raimundo, para que através da prefeitura houvesse caminhões pipa para abastecer as casas dos moradores da cidade e sua adjacência, principalmente, o posto de saúde, que continuou a funcionar normalmente, além do ambulatório da doutora Maria Rita. A necessidade de um projeto para trazer água dos grandes rios era vital para a população do sertão, e o projeto foi se desenvolvendo, com a participação e colaboração do neto do curador Zé Ninguém. Todavia, recusava participar da política partidária e sem nenhuma intenção de se candidatar a qualquer cargo público. Continuava a andar por todo sertão, pesquisando e catalogando a fauna e a flora do ecossistema, acompanhado pelo fiel índio Tonho Cariri.

A doutora Maria Rita adoeceu mas continuou a frente de seu projeto, com o correr dos anos foi piorando a ponto de seguir para tratamento na capital. Quando voltou trouxe o diagnóstico: Câncer. Para a ciência não havia mais solução. Seu filho a acompanhou em todas as etapas do tratamento e quando percebeu que não havia como prolongar a vida de sua mãe, a trouxe para a casa do sítio, porque tinha a certeza que a última palavra seria de seu avô. O Mestre Zé Ninguém ao avistar a figura de sua nora sentiu uma pontada no peito; pensou: - Não posso deixá-la assim, preciso fazer alguma coisa, nem que seja a última na minha velhice. Andou pela caatinga em busca de um remédio que minorasse o sofrimento de sua querida nora, que

respeitou a memória de seu filho e jamais aceitou outro homem. Quando voltou trazia em seu bernal um tatu, um preá, casca de angico e de aroeira além de um barro esbranquiçado. Naquela noite, a doutora dormiu bem, depois de tomar um chá ministrado por ele; dessa forma, ele e o neto puderam trabalhar sem ouvir os gemidos da doutora. Do barro, misturado com a banha do tatu, fizeram uma boneca que ficou exposta ao sereno, no tronco da árvore mágica, que fora toda circundada por uma cerca de arame farpado, com um portão fechado a cadeado, para não pisarem o solo sagrado dos corpos enterrados. Em seguida, auxiliados pelo índio, fizeram uma pajelança onde o Mestre do

Além explicou todo procedimento para salvar a doutora. O tumor que estava com seus tentáculos bem enraizados, foi passado para o corpo do preá, através da reza de transmutação, levado ao um pé de mandacaru, com seus espinhos enfiados no corpo do animal.

A doutora acordou sem dor, com fome e disposição, perguntando o que seu sogro havia feito para ela está animada. Olhou-se no espelho e viu seu rosto voltando a sua cor natural, porém, apesar da surpresa, afirmou que não acreditava em milagre, porém, no saber do seu sogro Todos riram, Continuou no sítio até que sentiu suas forças restabelecidas e aos poucos retomou as atividades do seu ambulatório. Nunca mais quis deixar a casa onde viu seu filho nascer e crescer. Estava curada e seus colegas depois de novos exames não acreditaram no que estavam vendo. O câncer havia sumido como se nunca tivesse existido, A doutora não admitiu ser objeto de estudo e pediu para seus colegas esquecerem o caso. Com a seca prolongada na região, seu filho, aproveitou para continuar suas pesquisas, ao mesmo tempo, que criava um projeto de irrigação para a região, mesmo percebendo uma grande resistência por parte de determinados segmentos políticos e religiosos que eram favoráveis a preservação dos grandes rios e seus mananciais.

Porém diante de tão fortes argumentos e possível viabilidade do projeto, o governo resolveu estudar as possibilidades e iniciar o projeto. Mesmo não constando seu nome, João Raimundo tinha esperança que o seu sonho fosse realizado.

As andanças nas terras secas da caatinga lhe renderam muitos conhecimentos da sua semi-aridez, vegetação rústica e a diversidade de suas plantas, como o xique-xique; os animais como o sagüi-de-tufos-brancos, e algumas árvores de maior porte como a aroeira e o juazeiro.

O Mestre Zé Ninguém, naquela época em que não havia chuva, fazia sua romaria a Juazeiro do Norte, para juntamente com o povo implorar por chuva e prosperidade para o povo. A doutora, dessa vez, não resistiu e juntamente com todos do sítio viajaram para a cidade da fé. Sabia, o Mestre que seria sua última viagem, por isso pediu ao neto para sempre visitar o Padim Çiço, recebendo como resposta que o pedido do avô se tornaria uma obrigação. Na volta, todos os romeiros estavam esperançosos, aguardando a chuva que teimava em não cair, mesmo quando o céu escurecia, o trovão ribombava e o corisco reluzia na escuridão O Mestre, de vez em quando, ficava preocupado com o neto que desaparecia vários dias, ficando acampado na caatinga com seu fiel escudeiro, Tonho Cariri. Terra traiçoeira, com bichos, em busca de uma presa, como a cobra cascavel, a onça e outros, portanto, quem não a conhecesse, era muito perigoso, apesar da presença do índio cariri, que por tradição, seu povo foi o primeiro senhor daquelas terras. Na rede, fumando seu cigarro, procurava através da fumaça deslumbrar algo que pudesse indicar qualquer perigo, e como nada via, ficava mais tranqüilo. Maria Rita não gostava com a ausência prolongada do filho e implorava ao seu sogro fazer alguma coisa para ele voltar.

Era uma tarde como todas as outras naquele ecossistema, o sol declinava no horizonte, anunciando a chegada da noite. O índio Tonho Cariri estava nervoso, sentia o cheiro de perigo no

ar, mas não sabia dizer o que era para seu patrão. Armaram o acampamento na encosta de uma grande pedra, acenderam o fogo e iniciaram o preparo da janta. A noite chegou formando sombras fantasmagóricas, tornando as árvores raquíticas, sem folhas, como o cacto, formas humanas assustadoras.

No sítio do catimbozeiro, como era chamado pela população da cidade, estava se tornando, em sua volta, um pequeno povoado, famílias que chegavam de outras partes e iam se instalando nas terras dissolutas, formando outros pequenos sítios; muitos chegavam para consultar o Mestre e encontrando respostas para seus problemas imediatos, criavam um vínculo de fé e gratidão. Apesar da terra ingrata pela falta da chuva, a maioria conseguia sobreviver, enquanto outros conseguiam trabalho na cidade. O prefeito construiu uma escola próxima, a pedido de João Raimundo, a doutora Maria Rita abriu um novo ambulatório, atendendo o povo das proximidades. A incidência de mordida de cobra era estarrecedora, e, a procura pela cura tinha preferência pelo velho catimbozeiro curador. Suas fórmulas mágicas e seus pós e unguentos eram infalíveis, fazendo a doutora compreender a crença de seu povo, mas explicando que a ciência já estava preparada para curar mordida de cobra. O Mestre concordava com as palavras de sua nora e incentivava-os a procurá-la, mas, em vão, primeiro a crença estava no saber do catimbozeiro para em seguida procurar a doutora. Energia elétrica, poços para extrair água e outros benefícios, foram obras providenciadas pelos políticos amigos de João Raimundo, esperando votos favorecidos por ele porque o novo arraial só tinha Deus no céu e o curandeiro na terra. Não faltou doação para a construção de uma igreja que logo foi inaugurada com a benção do padre da cidade, incluindo-a como parte de sua paróquia, celebrando missa todos os domingos.

Mestre Zé Ninguém já havia ultrapassado os cem anos de idade, embora ninguém soubesse ao certo, muito menos ele. Sua alegria e prazer de ajudar o próximo fazia-o esquecer do tempo que estava na terra e para ele, a vida era uma dádiva que os Mestres do Além lhe permitiam viver com saúde. Mas, naqueles dias, andava angustiado com a ausência de seu neto e do índio, não sabendo explicar bem o que estava para acontecer, embora soubesse que ele, seu neto, tinha o corpo fechado, permanecia preocupado. Acendia seu cigarro e via pela fumaça que se espalhava símbolos para que fossem decifrados, rostos desconhecidos surgiam e partiam, mas um ficou como aviso: Uma linda mulher aparecia carregando malas e se estabelecendo em sua casa. Pensou: Mulher de Raimundo que deixou por esse mundo. O sentido sempre alerta do Mestre dava a sensação que começava a fugir de seu controle ou seriam suas forças que não mais correspondiam ao contato com o Além? Estava perdendo sua visão privilegiada do mundo da magia? Algo o incomodava por não saber com exatidão por onde andava seu neto, ao mesmo tempo sentia-se cansado ao fustigar sua mente para tudo ver com clareza, aquilo que para ele era o seu saber e sua ciência estava lhe fugindo.

Anoitecia e seu coração se acelerava inquieto, andava de um lado para o outro com seu cigarro pendente no canto da boca, que parecia cansado de soltar fumaça. Tomou uma decisão. Falou com a jovem que trabalhava na casa, que não gostaria de ser incomodado enquanto estivesse em seu quarto, trancando-se nele.

Sentindo o cheiro de alimento no ar, uma suçuarana, onça vermelha, foi se dirigindo para o local, por cima da rocha onde em seu costado Zé Raimundo e o índio cariri estavam acampados. Tonho, o índio Cariri, fez uma forquilha, por via das dúvidas, com dois paus de aroeira e ficou aguardando. A onça vermelha deu o seu primeiro aviso de que estava por perto, deixando os dois homens em alerta. Ela passou por cima de suas cabeças, descendo a rocha e preparou-se para atacar. Zé Raimundo mirou a arma e o índio posicionou a forquilha,

destemidos, não ficaram apavorados, mantiveram o sangue frio e aguardaram.

O Mestre, sentando em frente a um braseiro jogava pós de várias cores que iam produzindo uma fumaça multicolorida embaçando o quarto, rezando e cantando, deslumbrou todo o perigo que seu neto corria. Exclamou algumas palavras de poder, e com seu cajado se envolveu na fumaça, desaparecendo. Seu corpo ficou sentado em frente o braseiro que continuou a soltar fumaça, enquanto sua alma surgiu no momento exato em que a Suçuarana armava o bote contra os homens. A presença do Mestre fez o bicho estancar, fixando o olhar sobre sua figura sentindo-se dominada, foi lentamente arreando o corpo na terra e rolando de um lado para o outro, até que o Mestre catimbozeiro, tocou no corpo do felino com seu cajado, adormecendo-o. Os dois homens correram em direção do Mestre e este avisou que não poderia ficar por muito tempo porque deixara seu corpo em casa. Com outro toque do cajado a onça lhe acompanhou, tendo permissão pelo comando do cajado, a partir, o que fez velozmente.

Maria Rita encontrou sua empregada tremendo, chorando, com o olhar assustado. Depois de tomar água gelada e um pouco mais calma, explicou o que ouvira, a fumaça que saía por baixo da porta e minutos depois uma explosão como uma bomba, além do cheiro de enxofre. A doutora sabia que com seu sogro tudo era possível, sendo assim respeitou seu pedido e só depois de um certo tempo, decidiu chamá-lo encontrando a porta sem o trinco, empurrou-a e se deparou com o velho estirado no chão, coberto de suor e tremendo como se estivesse com sezão, enrolando-o com vários cobertores e mantas quentes, enquanto ele, sussurrando, pediu para ela apanhar três folhas verdes da árvore mágica e fizesse um chá. Tomou a xícara de chá e em seguida, dormiu.

O sol já estava alto quando João Raimundo e o índio Cariri chegaram. A doutora lhes contou o acontecido com o avô, fazendo os dois homens correr ao quarto encontrando-o na mesma posição da noite anterior. João Raimundo colocou-o nos braços, carinhosamente, deitou-o na cama como uma criança, e chorou copiosamente, sentado ao seu lado. O assunto foi encerrado com recomendações para todos da casa não tocar naquela estória. O Mestre Zé Ninguém dormiu três dias e três noites.

Por muito tempo, João Raimundo esqueceu a pesquisa, ficando em casa cuidado de seu avô e recebendo os visitantes e romeiros. E a chuva teimava não aparecer... Os moradores de várias regiões do Cariri faziam procissões para determinados santos implorando a intercessão no reino do Céu. O inverno estava acabando, a cidade animada para a festa de São João providenciava os arraiais, fogos e rojões. Foi quando apareceu no sítio do Mestre uma linda mulher, elegante e alegre procurando por João Raimundo. O motorista do táxi estacionou no local apropriado para tal e foi descarregando as malas, enquanto a bela mulher olhava em volta sentindo o calor e as chamas do sol que a envolvia.

A empregada correu esbaforida, por vê tanta beleza em uma só mulher, e entrou no quarto do Mestre onde se encontrava seu neto. O avô, então lhe disse que já sabia, viu na fumaça, mas não teve tempo para falar. O neto saiu em direção ao alpendre e divisou a silhueta de sua amante que deixara em Brasília. Quando pensava nela sentia saudade, mas não esperava sua presença naquelas bandas. - O que teria acontecido para tal ato suicida? Assim que o viu, ansiosa, correu a abraçá-lo e beijá-lo com tanto ardor que ele sentiu-se sufocado e apreensivo. Era o tipo de manifestação que assustava partindo de uma mulher, acostumada ao luxo e conforto da capital, apesar das qualidades especiais como fêmea. Mas, aceitou de bom grado porque há muito tempo sentia carente dos seus carinhos. Um copo de fresco de umbu acalmou a ansiedade da jovem que fez sua declaração de amor. Não suportava viver sem seu Raimundo; tudo era vazio sem ele. Ficaria com ele para sempre. João Raimundo fingiu acreditar, mas, no

máximo, ela passaria umas férias para depois voltar, com um pouco mais de benesses...

O ex-senador ligou para o hotel da cidade e exigiu o melhor quarto para sua amiga, o que foi devidamente providenciado; explicou para ela que ficar ali, com pouco espaço, falta de água e bichos aparecendo todo momento, principalmente, enfatizou, cobras; ela deu um gritinho suspendendo os pés, seria um desastre. Ela, de imediato concordou. Seu nome entre os amigos era, carinhosamente, chamado de Vêvê, mas nos documentos era Vera Vieira de Araújo e Castro, o que a deixava muito orgulhosa por pertencer a um ramo de família tradicional. Quando foi apresentada ao Mestre sentiu um calafrio e desejou estar no hotel numa banheira de espuma; o olhar dele deixou a mulher completamente desconcertada e dizendo que não sentia bem, escapuliu. O neto riu com o piscar dos olhos do avô. Passou o dia com seu amado e a noite foram para o hotel. João Raimundo voltou para o sítio na manhã do dia seguinte, cantarolando, leve e solto. Teria que aproveitar enquanto durasse porque não acreditava que aquela mulher pudesse suportar por muito tempo a caatinga.

Havia mais de um ano que não chovia, fazendo os rios diminuírem, os riachos, córregos, cisternas e cacimbas secarem; muitos andavam léguas para conseguir água de péssima qualidade para beber e cozinhar; a prefeitura providenciou carros pipas vindo dos açudes, e o sítio do Mestre, por ter um poço que brotava, sempre, fornecia água para toda vizinhança. O povo da cidade sabia que no sítio do catimbozeiro nunca faltou água devido a sua magia, descobrindo um olho d'água que nunca secava, fazendo correr um riacho naquelas bandas. Todos se serviam e continuava a correr água, clara e cristalina. Foi na parte mais cheia do riacho que a mestra Peregrina desapareceu para se juntar ao seu povo na cidade das Ondinas.

O inverno deu passagem ao verão, e a expectativa do povo da caatinga tornava maior na esperança que a chuva chegasse; a lavoura minguava, os pequenos agricultores choravam as suas perdas, os criadores, já não tinham mais água para suas criações que iam mirrando, enquanto a terra se tornava mais ingrata, não nascendo capim, restando o cacto, chique-chique e o mandacaru. O riacho que saía do olho d'água no sítio do catimbozeiro ameaçava desaparecer devido a procura das pessoas que levavam sua água, além dos animais que seus donos traziam para matarem a sede. Era dessa forma que a natureza da região castigava os que durante anos e anos a destruía.

O Mestre melhorava e já não se sentia tão fraco, saindo do quarto para atender alguns visitantes e doentes, que eram tratados por doutora Maria Rita que ao mesmo tempo cuidava de seu sogro, todos os dias, medindo sua pressão e escutando as batidas de seu coração. O índio Cariri estava sempre atento o que acontecia no sítio e vigiando para que ninguém incomodasse o seu pajé. João Raimundo, embora enganchado com sua Vêvê, voltava para o sítio sem deixar de saber os pormenores de tudo que se passava principalmente, com a saúde de seu avô. Acreditava que logo a mulher voltaria para seu mundo, mesmo afirmando que não poderia viver longe dele, o que o fez oferecê-la uma casa na melhor rua da cidade para morar. Ela não disse que sim nem não, mudou de assunto, e foi então que veio o verdadeiro motivo de sua viagem para o sertão do cariri. Precisava de dinheiro para realizar um sonho. Viajar para a Europa e se possível, morar em Paris. Ele prometeu que pensaria no caso, e enquanto passeavam pela cidade em uma praça viram uma aglomeração em forma de círculo, as pessoas agitadas e gritando palavrões e xingamento. Encontrou um jovem caído, com alguns rapazes o chutando e ele todo ensangüentado, gemia. A cena deixou João Raimundo indignado e furioso gritou, para as pessoas debandarem e enfrentando os rapazes que fugiram diante de sua presença. Colocou o jovem nos braços e o levou para o ambulatório de sua mãe onde foi tratado por todos com carinho. O jovem era franzino, tinha as feições femininas e sua vestimenta espalhafatosa, toda suja de sangue.

Chegando ao sítio avisou para sua mãe o acontecido, explicando que o garoto sofrera um ataque por parte de alguns jovens. Com o tempo Maria Rita criou afeição àquela criatura tão desprovida de amor e carinho, porque a família o expulsara de casa obrigando-o a viver nas ruas, às vezes se prostituindo para comer. Todavia, no ambulatório era tratado por todos sem sofrer nenhum tipo de preconceito, e ele foi se sentindo parte de uma família, indo muitas vezes passar finais de semana com as famílias dos funcionários. Tornou-se querido, excelente funcionário, mas sonhava em sair da caatinga e viajar para o sul e quando conversava demonstrava esse desejo. João Raimundo sabedor por sua mãe foi procurá-lo e prometeu enviá-lo para a capital, para estudar, então quando terminasse os estudos, se ele ainda pensasse em viajar para o sul o ajudaria. O jovem aceitou e em poucos anos na capital, não era mais um jovem franzino, concluiu o ensino médio estando preparado para enfrentar uma nova vida. Voltou à cidade para se despedir dos amigos do laboratório, pedir a benção para sua protetora Maria Rita e com uma carta de recomendação de seu protetor, partiu, mas antes, prometeu para ele que nunca mais se prostituiria, esperando encontrar um companheiro que o amasse para ser feliz.

Vêvê com a conta bancária mais gorda se despediu do amante, chorosa, implorando para visitá-la, e ele com o ar de deboche perguntou se na capital federal ou em Paris. Levou-a ao aeroporto da capital e sentiu-se aliviado assim que a aeronave decolou. João Raimundo depois de visitar uma outra namorada, partiu para o interior, que ele considerava seu paraíso. Já estava enrabichado por uma cabritinha morena, dengosa e faceira. Pensava: - Aquela sim, pode ser minha companheira. – Era divorciado e assim poderia casar com ela. Chamava-se Janaina o que o fez prometer levá-la à capital para conhecer o mar.

O corpo do Mestre, foi aos poucos se enfraquecendo, não mais podendo viajar e fazer qualquer transformação, vivia enrolado em uma manta de lã, trazida especialmente, da capital por seu neto,. Avô e neto se trancavam no quarto e conversavam horas e horas, quando então o neto contava tudo que andara fazendo; e, seu avô, por sua vez, passava a ministrar segredos do Além. Embora o ex-senador não fosse mais um rapazinho, era tratado assim pelo Mestre, tal era o amor que dedicava aquele homem que ajudou a criar e por tudo que ele era, bom caráter, espírito nobre, capaz de amar o próximo e se sacrificar por outro.

Era para o Mestre muito mais que ele sonhara para ficar em seu lugar, mas, como pedira aos seus Mestres Encantados para livrar aquela criança que estava nascendo, daquele fardo que carregava, não podia querer mais. Seu neto era um abençoado pelos Encantados, e naturalmente, faria aquilo que eles quisessem, sem ter que se sacrificar como ele, que perdeu seu corpo físico quando ficou morto debaixo do pé da jurema sagrada. Para voltar a viver ele teve que jurar em cumprir os preceitos dos Encantados até que fosse chamado para sua gente. Então, segurando as mãos de seu neto, lhe explicou tudo que lhe acontecera e aconteceria. Breve partiria para a cidade do Bom Floral, onde se tornaria um Encantado do Além, porém estaria ao seu lado quando fosse necessário e permitido. O neto chorava silenciosamente, e prometeu tudo fazer para ajudar o próximo, amar a todos e respeitar a natureza. Ambos se abraçaram e por minutos, assim ficaram, irmanados pelo mesmo sentimento de amor aos necessitados.

Já era inverno. As noites eram frias na caatinga, a neblina cai, deixando a floresta retorcida, toda branca. As manhãs orvalhadas, serviam para minorar a sede das plantas que por sua vez, alimentavam os animais . O povo já não procurava o Mestre, sabendo que ele estava doente, fraco e suas rezas já não produziam tanto efeito, apregoado pela doutora Maria Rita que assim poupava seu genro de tanto incômodo. Tonho, o índio cariri, continuava com sua fé inabalável nos poderes do Mestre, tomava sua benção, todos os dias. Era seu fiel servidor, não

arredava do sítio, além de estar de chamego com a empregada. Logo, logo, dizia ele, a carregaria para sua maloca, o que ela respondia: - Só se for casada com aliança no dedo, como gente. Ele concordava em fazer a vontade da cabocla.

O Mestre Zé Ninguém estava encolhendo na proporção que o tempo passava; sua pele enrugava, os ossos surgiam pontiagudos, forçando a pele; sua voz sumia, mas os olhos continuavam vivos como de uma criança sadia; sua mente embaralhava os pensamentos e não conseguia se lembrar das rezas, misturando-as. Tornou-se leve e era levado no colo pelo índio cariri ou seu neto para fazer suas necessidades fisiológicas, e sua alimentação era administrada pelas pessoas da casa. Não se preocupava com a morte, porque já havia morrido; era uma questão de devolver o corpo à natureza, a mesma que lhe dera, sob o pé de jurema. Seu espírito juremado, mestre do Toré, ritual executados todas as sextas feiras-santa em volta do pé de jurema, árvore sagrada para os índios e caboclos, ansiava se desligar daquela matéria e voltar a ser um Encantado.

O tempo, senhor regulador da existência, seguia seu curso, e no verão, se fechava, soltava trovão, relâmpago, alegrando os moradores do cariri; todavia a chuva não caía. E a rotina continuava. Muitos moradores fugiam para o sul prometendo voltar, outros, largavam mulher e filhos indo para os seringais ou os garimpos no norte, na esperança de voltarem ricos.

João Raimundo andava numa tristeza só, por tudo que estava acontecendo com seu avô e seu povo, quando foi surpreendido com a presença do jovem que havia ajudado naquela tarde na praça da cidade, acompanhado de um outro jovem, disposto a devolver tudo que ele gastou na sua formação. Eram médicos, e por indicação do ex-senador foram incorporados ao sistema de saúde da cidade, tirando algumas horas para ajudarem no ambulatório da doutora Maria Rita. A adaptação dos médicos foi difícil, mas com o passar do tempo a população aceitou-os, adquirindo respeito e admiração, e o povo da região, passou a vê-los como parte da cidade a ponto de nas próximas eleições para prefeito o jovem que antes sofrera agressão, era um forte candidato.

Toda vez que o jovem médico ia visitar João Raimundo sentia o olhar indagador do índio Tonho que o olhava insistentemente e pensava: - Esse doutor parece por demais com Auxiliadora. Já havia comentado com o ex-senador, a coincidência e este observando com mais atenção, também ficou intrigado com a semelhança. Estranhando o olhar do índio, o jovem médico indagou qual a razão daquele olhar, e, o índio sentindo vergonha retirou-se apressado, deixando João Raimundo gargalhando com a situação, e assim, tentou contorná-la explicando que o jovem doutor tinha uma ligeira semelhança com uma amiga da família, já morta, índia e mulher de Tonho. Foi o suficiente para o doutor contar o que sabia sobre seu nascimento e criação.

Minha mãe sempre me xingava de sangue ruim, sangue de índio, toda vez que eu fazia algo que ela não gostava. Depois fiquei sabendo que fui criado por ela mas minha mãe biológica era uma índia, e meu pai um dos filhos dela que nunca ligou pra mim. Quis saber sobre minha mãe e todos diziam que estava morta. Assim que manifestei a minha feminilidade fui escorraçado de casa depois da morte de minha mãe de criação, mulher de coronel. Ninguém na família me aceitava e uma vez que fui pego com um peão, tinha treze anos, fui jogado na estrada só com a roupa do corpo, porém o peão foi me pegar, levou-me para sua casa me tratando bem até que a mulher descobriu. Já tinha dezesseis anos. Fugi para outros lugares até chegar aqui na cidade indo parar num bordel. Naquele dia que o senhor me salvou era a primeira vez que eu fui a uma praça. Um silêncio tornou o ambiente pesado e o político, com a voz pesarosa pediu desculpas. O médico continuou: - Não conheci minha verdadeira mãe mas sentia que ela estava

viva em qualquer lugar. João Raimundo retrucou: - Estava... morreu, não faz muito tempo. Foi minha mãe de criação, sempre falando que teve um filho e nem pode vê. Um coronel não deixou. E Tonho, esse índio, é da mesma tribo que ela e muito tempo depois casaram aqui no sítio. Você é meu irmão! Assim que acabou de pronunciar a última palavra os dois se abraçaram comovidos. Ambos, então, acreditaram o porquê se encontraram e o político fez de tudo para ajudar o jovem, hoje médico conceituado na cidade. O índio cariri a ouvir a confissão do rapaz apareceu na sala e entregou uma foto para o médico, tirada durante a última romaria. O médico olhava atentamente para a foto verificando que até um sinal que ele carregava no lado esquerdo do rosto, ela também tinha, e uma tristeza estampou-se na face do jovem que continuou segurando a foto em silêncio. – É tua, leva! - Exclamou o índio. O rapaz, agradecido, lhe deu um forte abraço ficando ambos emocionados. João Raimundo levantou-se, colocou um dos braços sobre o ombro do médico e disse: - Venha conhecer o lugar sagrado onde ela partiu. – Saíram, coadjuvados por Tonho. A partir daquele dia o médico nunca mais deixou de visitar o túmulo de sua mãe.

Quem amava o sertão, não arredava pé de seu torrão, construindo seus sonhos e de sua família. Rezava-se e fazia procissão para os santos protetores pedindo chuva, porem ela não vinha. O povo sabia quem poderia trazer a chuva, abrir a torneira do céu para lavar o sertão. As represas chegaram ao seu nível mais baixo; os rios viravam córregos; os córregos se transformavam em riacho que se tornavam lama. Havia um clamor popular para invocar o Mestre, mas devido a sua saúde, todos temiam que ele não aceitasse a incumbência. Todavia, o desespero da população estava chegando ao auge, embora o governo abrisse frentes de trabalhos, enviasse comida e água, que apenas minorava o sofrimento daquela gente. As figuras expoentes da cidade se reuniram para decidir se deveriam consultar o catimbozeiro.

O padre recusou-se alegando ser heresia, obra do demônio, mas a maioria decidiu em procurar o Mestre Zé Ninguém, para uma consulta.

João Raimundo convocado pela comissão escolhida pela maioria, para falar sobre a situação de seu avô, concordou plenamente, pedindo uns dias para que seu avô se fortalecesse mais um pouco. Após conversar com o Mestre e receber sua afirmativa, marcou o encontro.

Enquanto isso, sua linda cabocla na flor da idade, engravidara e ele montou casa para ela e sua família que foram morar no arraial Águas Cristalinas, batizado por seus moradores, em homenagem ao olho d'água do sítio, que nunca secava e brotava águas cristalinas. O ex-senador deu a notícia ao seu avô que ele seria bisavô. Os olhos do Mestre brilharam de felicidade, e nos dias seguintes sua saúde foi se fortalecendo. No dia apazado, a comissão compareceu ao encontro com avô e neto, sentindo-se constrangida em ver as condições materiais do ancião, porém, pensaram, na situação do povo que era bem pior; e, dessa forma, solicitaram ao catimbozeiro, em nome de seus Encantados, que ele apontasse uma solução. O Mestre Zé Ninguém, com seu cachimbo, coadjuvado por seu neto, iniciou, seu caminho pelo ciclo da fumaça, que se formava em torno de todos. A resposta foi que ele poderia trazer o povo das águas para ajudá-lo mas em troca, voltaria com eles. Não era muito sacrifício para aquele homem, porque seu corpo estava sumindo, suas forças minguando e ele, cansado de ficar na terra, ciente de que sua missão estava findando. Sua alma estava ansiando para partir em busca dos reinos dos Encantados, e quando se fosse, seu espírito entraria em comunhão com ela e se tornaria um Encantado do Além. Avisou para a comissão que no próximo natal a caatinga viraria rio. O povo começou os preparativos para receber a chuva, e, aqueles que não acreditavam, ficaram zombando, inclusive os membros das religiões contrárias as práticas indígenas, que para eles eram manifestações do Satanás.

O índio Tonho casou e levou sua nova mulher para sua maloca, engravidando-a

deixando-o dançando e cantando de felicidade porque ele sonhava em ter um filho abençoado pelo pajé. Enquanto o Mestre definhava o arraial crescia, e o índio estava sempre agradando o filho de sua Auxiliadora, visitando-o e presenteando-o com produtos que tinham no sítio.

O filho de João Raimundo chegaria antes do grande dia, a tempo de seu avô olhar para seu bisneto e abençoá-lo. O índio vivia indócil, pedindo para seu filho nascer, também, antes do natal. Para ele, que fosse de sete meses, mas se recebesse a benção do velho mestre, seu pajé, ele cresceria com saúde. A doutora descobriu as propriedades da água que saia da fonte do sítio, e usava para ministrar aos seus pacientes, porque chegara a conclusão que além de curativa era própria para a longevidade. Não comentava a respeito, mas, todas as manhãs seus funcionários enchiam galões e ela mesmo só bebia daquela água. Para ela, era uma dádiva da natureza que Deus abençoara. Seu sogro notava o súbito interesse pelo seu olho d'água e piscava os olhos para seu neto, ambos riam da infantilidade da doutora. O Mestre cansou de dizer para sua nora que a fonte era sagrada, obra dos Encantados, quando conseguiu o sítio; alias, tudo que havia era criação dos Encantados. Ela fazia um muxoxo e dizia que se não fosse por ele diria que eram crenças de índios, sem nenhum fundamento científico. Então, ele argumentou: - E a morte de seu marido? Foi obra do acaso? Ela se desfez em lágrimas e suplicando porque fizeram aquilo com eles, no momento mais feliz de suas vidas. - Mistérios, Ritinha, Mistérios... Mas, com a convivência ela aprendeu a admirar o sogro e amá-lo como um pai. Nunca mais duvidou de seu dom e acreditava ser um homem protegido pelos poderes da natureza do agreste. Portanto, percebeu quando os dois riam da forma como ela disfarçava para usar a água sagrada. Falava com um misto de autoridade e desculpa que só eles sabiam, mas ninguém precisava saber. Todos concordaram, mas avisaram que o índio cariri também sabia. O Mestre cansou, fechando os olhos e ficando em silêncio; mãe e filho iam saindo com muita cautela, quando o avô segurou o braço de seu neto, que ficou sentado ao seu lado. O ancião pegou o cajado que sempre o acompanhava, com muito esforço levantou-o e entregou ao neto e mandou que ele recitasse umas palavras. Raimundo o acompanhou, vendo a transformação do cajado em uma grande cobra que se enroscando em seus braços, ficou quieta, como se estivesse em seu ninho. O ancião acompanhado por seu neto disse novas palavras e ela desapareceu... Raimundo não ficou surpreso nem assustado, porque sabia que aquele cajado era parte do mundo mágico de seu avô. Repetiu as palavras, novamente, introduzindo variantes, e uma suçuarana, vermelha como o fogo, apareceu rosnando em torno da cama e se aninhando aos seus pés. Parecia ilusionismo, pensava Raimundo, mas sabia que não era. Fez a onça desaparecer, e trancou o cajado no armário, agora era seu, como herança da magia dos Encantados. Porém, a partir daquele momento não o largou quando fazia viagem, porque sabia que com ele poderia se deslocar de um lugar para outro com rapidez e sem esforço.

Uma semana antes da data marcada pelo Mestre Zé Ninguém para a chuva cair, as crianças nasceram; tanto a de João Raimundo como a do índio cariri. Eram dois machos, como diziam os pais orgulhosos. No dia seguinte, levaram as crianças, juntamente com as mães, para serem abençoadas pelo ancião, que há muito na saia da cama. Houve festa no sítio, muita confraternização, momento de batismo na lei dos Encantados. O Mestre sentiu que sua missão estava finando porque tinha um bisneto que daria continuidade ao ritual dos Encantados e viveria com suas leis. Os dois médicos que vieram do sul participaram do nascimento das crianças e decidiram viver no sítio com autorização do ancião; mudaram-se de vez, para o ambulatório local que estava se transformando em um hospital, sendo procurado por toda gente da região.

A doutora Maria Rita, ficou grata aos dois jovens médicos, porque suas forças estavam declinando.

Na véspera de Natal, avô e neto ficaram trancados no quarto por horas a fio, para que este pudesse receber as últimas instruções, aprendesse como dirigir o sítio encantado, e procedesse de tal forma que não desagradasse os Espíritos do Além, os Guias Mestres. A casa estava silenciosa e assim ficou o dia todo, devido a ansiedade da espera que a chuva viesse, e, os mais próximos, sabiam que o Mestre estava de partida para terras distantes, numa viagem sem volta como ser humano. João Raimundo seguiu à risca as ordens de seu avô, aceitou sem reclamar, a sua herança, assumindo com muita responsabilidade a continuidade das tradições de seu povo e sua família. Quando saiu do quarto do avô foi diretamente para a árvore sagrada, pediu a benção aos seus antepassados e aflito demonstrou sua incapacidade para tal fardo. Um vento forte balançou os galhos da árvore sagrada, deixando cair uma chuva de folhas sobre ele, que naquele momento sentiu a presença de sua avó a Cabocla Peregrina, afirmando que ele só veio a terra para essa missão, e tudo o que ele fez foi um aprendizado para conhecer as mudanças que o mundo sofria, e, assim, seguir o curso da vida da maneira como ela se apresentava. Ele já nascera abençoado pelos Encantados.

Na noite, véspera de comemoração do nascimento do Encantado Maior, os moradores da vila Águas Cristalinas e todos do ambulatório, sentiram um sono repentino, e assim, dormiram profundamente até a chegada da chuva, quando os galos do sítio começaram a cantar. Apenas, o ancião, seu neto e o índio cariri permaneceram acordados esperando o momento de iniciar a viagem.

O Mestre foi enrolado em um lençol branco, carregado pelo índio, foi posto na camionete de João Raimundo e partiram para o local indicado por seu avô. Era um platô onde havia uma pedra comprida e lisa, que ficava de frente para o leito do córrego, que jazia seco e forrado por uma camada de areia vermelha. O índio deitou o Mestre na pedra e este pediu para os dois saírem, voltassem para casa porque a chuva chegaria com muita força, logo inundando toda caatinga, além do mais não precisavam olhar para trás. Os dois obedeceram, com lágrimas nos olhos. O Mestre, olhando para o céu, começou a invocar os Encantados das águas da chuva. A noite escureceu, daí, passou a cantar, com sua voz débil, para acordar as águas. O céu do agreste abriu um clarão, veio o trovão, o raio e o corisco amedrontando os corações, e assim que soou a meia noite, os galos do sítio encantado começaram a cantar, a água inundava a terra seca da caatinga, o leito do córrego recebeu uma enxurrada de águas claras, e nesse momento, uma estrela surgiu iluminando o céu cobriu com seu manto fluídico o que restava do Mestre Zé Ninguém, e um cortejo de estrelas menores formaram um círculo em torno da estrela maior, formando um bailado cintilante, na imensidão do universo.

Por três dias e três noites as águas inundaram o mundo da caatinga.

F I M